



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS**



ALINE NERY DOS SANTOS

**CONFLITOS FAMILIARES, TRANSGRESSÃO E REVOLTA:
ELEMENTOS DE UMA LAVOURA DESTRUÍDA**

Feira de Santana
2015

ALINE NERY DOS SANTOS

**CONFLITOS FAMILIARES, TRANSGRESSÃO E REVOLTA:
ELEMENTOS DE UMA LAVOURA DESTRUÍDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof^o Dr^o Jorge de Souza Araujo.

Feira de Santana
2015

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

S233c Santos, Aline Nery dos
Conflitos familiares, transgressão e revolta: elementos de uma lavoura destruída / Aline Nery dos Santos. – Feira de Santana, 2015.
117 f.

Orientador: Jorge de Souza Araujo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2015.

1. Literatura brasileira – Estudo e crítica. 2. Família – Relacionamento. 3. Incesto – Aspectos sociais. I. Araujo, Jorge de Souza, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 869.0(81)-31.09

ALINE NERY DOS SANTOS

**CONFLITOS FAMILIARES, TRANSGRESSÃO E REVOLTA:
ELEMENTOS DE UMA LAVOURA DESTRUÍDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura

Aprovada em 29 de julho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Jorge de Souza Araújo

UEFS (orientador)

Profª. Drª Alexandra Leilla Borges

UEFS/PROGEL - Membro interno

Profª. Drª. Carla de Quadros Araújo

UNEB – Membro externo

Ao meu filho amado: Davi
Às amigas de vida e jornada: Sandra Lúcia e Vanusa Mota

AGRADECIMENTOS

É realmente verdade que gratidão gera gratidão e lamúria gera lamúria. Isto acontece porque o coração agradecido comunica-se com Deus, e o queixoso relaciona-se com o mal. Assim, quem vive agradecendo, torna-se feliz; quem vive se lamuriando, caminha para a infelicidade. A frase "Alegrem-se que virão coisas alegres", expressa uma grande verdade.

(Meishu-Sama)

Agradeço as forças divinas e universais que represento pelo meu mestre Mokiti Okada (Meishu-Sama) que me permitiu à vida e oportunidade para findar esse ciclo e estendo também o agradecimento à minha família e ao meu filho, que contribuíram com a paciência em aceitar minhas ausências e silêncios.

Especialmente, deixo expressa minha gratidão ao Professor e orientador Jorge de Souza Araújo e a Professora Carla de Quadros, pela parceria e companhia nessa caminhada.

As minhas amigas Sandra Lúcia e Vanusa Mota, nem tenho palavras para expressar minha gratidão. Só posso mesmo agradecer pela existência de vocês e por poder partilhar de momentos grandiosos e sublimes.

O mestrado trouxe muito mais que conhecimento, por isso, quero também externar minha gratidão aos professores do PROGEL, a D. Branca e aos funcionários da Pós-Graduação. E também agradecer aos amigos e colegas de classe que fiz durante esse processo e que permanecem para a vida.

Quero agradecer à Literatura, que desencadeou em mim à paixão e através dela consegui chegar até aqui... E daqui continuar para novos horizontes literários.

Um agradecimento ao autor Raduan Nassar, que embora não leia e nem saiba da existência dessa dissertação, mas que através de sua obra me proporcionou momentos indeléveis e instigadores.

Tempo do corpo este tempo, da fome
Do de dentro. Corpo se conhecendo, lento,
Um sol de diamante alimentando o ventre,
O leite da tua carne, a minha
Fugidia.

E sobre nós este tempo futuro urdindo
Urdindo a grande teia. Sobre nós a vida
A vida se derramando. Cíclica. Escorrendo.

(Hilda Hilst, 1974)

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar as transgressões, principalmente o incesto, no texto de *Lavoura arcaica*, refletindo sobre a contribuição delas para a geração dos conflitos e tragédias na família. O romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, é uma narrativa que traz à tona as relações familiares e as desavenças que, inicialmente, parecem comuns a qualquer família, mas que, no decorrer da trama, vai se intensificando até chegar ao limiar de uma tragédia. Um dos grandes fatores que desencadeiam a desordem familiar é o incesto vivido pelos irmãos André e Ana. É através desse interdito que a união familiar pregada pelo patriarca é colocada à prova. A palavra soberana do pai é enfrentada por André, que se considera um estrangeiro no seio familiar, pois não consegue seguir as regras impostas pelo pai e não se adapta à rotina da fazenda. A mãe, silenciada pela austeridade do marido, fica relegada a proteger seus filhos, principalmente com o seu amor, mas suas atitudes desencadeiam o grande processo edípiano em André, que a culpa pelo caos instaurado na família. Entre amor e ódio, a família sobrevive tentando manter as aparências, derrubadas de vez com as revelações transgressoras acontecidas no sagrado ambiente familiar. A partir de análises teóricas de autores que abordam as temáticas ligadas a transgressão, incesto, família, amor, o presente trabalho conclui que a desconstrução da família representa um processo doloroso, mas inevitável, face à necessidade de os filhos (que representam o lado esquerdo da mesa) romperem com o modelo de educação hierarquizante e ditatorial do pai. Para análise são utilizados os teóricos: Georges Bataille, Claude Levi-Strauss, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Michel Foucault, Friedrich Engels, Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Erich Fromm, Rollo May, Eni P. Orlandi, Platão, Antony Giddens, Marshall Berman, Zigmunt Bauman, Joaci Góes entre outros.

Palavras-chave: Incesto. Transgressão. Família. Amor. Conflito

ABSTRACT

This dissertation has as goal to analyse the transgression, principally the incest in the novel *Lavoura arcaica*, reflecting about the your contributions to beget of the conflicts and tragedies in the family. The novel, *Lavoura arcaica*, of Raduan Nassar, is a narrative that to carry brings up the family relationship and dissensions that firstly, resemble simple in any family, but in the to pass way of the history go intensifying to get to the principal point of a tragedy. One of the bigger factors that trigger family disorder is the incest lived by the brothers Andre and Ana. It's through oh this happening that the family union attached by the father is put to the test. The sovereign word of the father is confronted by Andre who is considerate a stranger in the breast of the family because he isn't obtain to follow the norms established for your father, he doesn't adapt the routine of the farm. The mother, silenced by your husband's austerity, she's obligated to protect your sons, principally with your love, but your maternal attitudes trigger the big Oedipal process in Andre who accuse her by the under confusion that is pressed in the family. Between love and hatred, the family survive trying to keep the appearances the are finally defeat with the revelations of the transgressions happened in the holy family ambience. From theoretical analysis the authors who adress related topics the transgression, incest, family and love, reached the conclusion that the family of the deconstruction was a painful but unavoidable due to need of the children (representing the side left the table) to break with the model of hierarchical education and father dictator. For the theoretical analysis are used: Georges Bataille, Claude Levi-Strauss, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Michel Foucault, Friedrich Engels, Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Erich Fromm, Rollo May, Eni P. Orlandi, Platão, Antony Giddens, Marshall Berman, Zygmunt Bauman, Joaci Góes, among others.

Keywords: Incest. Transgression. Family. Love. Conflict.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| PRELÚDIO OU DOS PRIMÓRDIOS DA LAVOURA | 10 |
| 1 ANDRÉ E A LAVOURA DAS TRANSGRESSÕES..... | 19 |
| 1.1 O INCESTO E SEUS ENIGMAS..... | 19 |
| 1.2 O INCESTO EM LAVOURA ARCAICA..... | 26 |
| 1.3 ANDRÉ E O LEGADO EDIPIANO..... | 31 |
| 1.4 MEMÓRIA DO INCESTO: EM NOME DO PAI..... | 44 |
| 2 A FAMÍLIA ENTRE CONFLITOS, ABISMOS E FRONTEIRAS | 53 |
| 2.1 EMBATES ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA FAMÍLIA ARCAICA..... | 54 |
| 2.2 FAMÍLIA: TEMPO, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES..... | 65 |
| 2.3 A FAMÍLIA E SEUS CONFLITOS..... | 73 |
| 3 A LAVOURA DOS AMORES TRÁGICOS..... | 82 |
| 3.1 A MÃE: ORIGEM DOS AFETOS DETURPADOS?..... | 84 |
| 3.2 OS FILHOS: CIRANDA DE PAIXÕES..... | 95 |
| CICLOS QUE SE FINDAM... E SE RENOVAM!..... | 108 |
| REFERÊNCIAS..... | 113 |

PRELÚDIO OU DOS PRIMÓRDIOS DA LAVOURA

O romance *Lavoura arcaica* foi escrito no ano de 1975 e nesse período o Brasil passava por transformações, entre as quais se destacam o incremento da industrialização e o êxodo rural, causando assim o aumento da população metropolitana. Nesse contexto de vivências e experiências, a família também se renova e se transforma, principalmente com a postura da mulher, que passa a participar ativamente da sociedade, ocupando lugares de destaque antes ocupados por homens.

A temática abordada na obra de Raduan Nassar revela a tensão existente em toda a narrativa, envolvendo um misto de acontecimentos que vão ter ligação direta com a rigidez moral e a ideologia arcaica que desembocam nos conflitos familiares, gerando polêmica no ambiente pacato de uma fazenda.

O embate filosófico no romance é aguçado através do conflito de ideias vivido pelo protagonista André, um permanente questionador que não se contenta com a vida simplória do campo nem com o ambiente de instabilidade familiar, e por isso busca, através da transgressão aos valores defendidos pela família, romper com o muro de hipocrisias em que vivem. É fácil perceber que o pensamento filosófico de André lhe permite enxergar a situação sob um ângulo diferente e assim inferir, à sua maneira, formas de quebrar a pseudo-harmonia do lar.

André desenvolverá um senso crítico sustentado por esse pensamento filosófico que o faz buscar conhecer a vida, o mundo além da fazenda. Segundo Bakhtin(1993), a ação do protagonista de um romance é moldada por mecanismos ideológicos e cosmovisores mutuamente relacionados: “a ação do herói é sempre sublinhada pela sua ideologia: ele vive e age em seu próprio mundo ideológico [...] ele tem sua própria concepção do mundo, personificada em sua ação e em sua palavra [...]” (BAKHTIN, 1993, p.137).

Isso permite ao personagem dirigir suas ações para os desejos particulares, a exemplo de André, que coloca seus objetivos acima do bem estar da família, atuando de forma particular, e não coletiva. O romance *Lavoura arcaica*, de acordo com a teoria Bakhtiniana, se enquadra no tipo de romance de provação, que se destaca por um conjunto de testes, ao qual os personagens principais têm que passar: provações de fidelidade, coragem, fé, virtude, entre outros que irão moldar os personagens comportamentos até o fim da narrativa.

Segundo ainda Bakhtin (2003), geralmente nesse tipo de romance ficam claras desde o

início as características dos personagens e, por mais que haja oscilações em suas personalidades, estas características permanecem intactas:

O mundo desse romance [de provação] – a arena de luta e provação da personagem, acontecimentos, aventuras – é a pedra de toque da personagem. Este é dado sempre como acabado e inalterável. Todas as suas qualidades são dadas desde o início e ao longo de todo o romance apenas são verificadas e experimentadas [...] (p.207)

O personagem André, desde o início do romance, demonstra esse comportamento da provocação, inconstante e subversivo que será, mesmo diante de tantos acontecimentos, sem variar a latência de sua personalidade. Contudo, André inverte os conceitos bakhtinianos de virtude e santidade, revelando-se um protagonista transgressor, um anti-herói que desequilibra a narrativa, transformando-a em obra crítica e complexa.

As memórias vão ter o papel fundamental no romance: o de situar os leitores quanto aos acontecimentos decorrentes da complexa narrativa, ciceroneando o leitor por caminhos destinados a desvelar a história. Segundo Le Goff, (1996):

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1996, p. 423).

André remonta todas as lembranças, a fim de fazer com que o leitor entenda os fundamentos dos seus atos. A literatura frequentemente se apossa do recurso da memória, de evocar as lembranças com o intuito de desenrolar a narrativa ou de situar os leitores nos acontecimentos de intriga. Em *Lavoura arcaica*, a perspicácia do narrador em retomar as lembranças iniciais permite a apreensão do que virá a ocorrer na obra. É importante perceber que a noção de tempo é intrínseco à memória, pois o que ocorreu logo se configura em passado e a fluidez do tempo, até o presente da história, permite que percebamos a digressão temporal.

Face ao contexto sugerido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as transgressões, principalmente o incesto, no romance de Raduan Nassar, refletindo sobre contributo delas para a geração dos conflitos e tragédias na família. No sentido de contemplar seus objetivos, esta dissertação contém três capítulos, configurados da seguinte forma:

O primeiro **André e a lavoura das transgressões** tem como meta analisar o incesto na narrativa, historicamente considerado, desde a sua concepção até a realização e consequências no desdobramento ficcional. Distinguindo o incesto com o papel mobilizador das transgressões, o que leva à dissolução dos laços familiares. É fundamental aprofundarmos o

estudo sobre o tema, ressaltando como surgiu esse interdito na sociedade, e como ele acontece na obra literária em questão. Os dilemas sobre o complexo de Édipo, a narração e a memória do fenômeno psíquico são trabalhados no sentido de ampliar e aprofundar a pesquisa sobre o assunto e atender ao fundamento do capítulo. As teorias aqui trabalhadas para adentrar os estudos sobre o interdito foram pautadas nos autores, Georges Bataille, Sigmund Freud, Gilles Deleuze, Félix Guatari, Marilena Chauí, entre outros.

O segundo capítulo, intitulado “**A família entre conflitos, abismos e fronteiras**” foi concebido visando a análise da estrutura familiar, atentando para o embate entre tradição e modernidade, e as mudanças ocorridas com essa transição. Dentre essas mudanças, um detalhe acentua os conflitos na família de forma consciente ou inconsciente: o ódio entre os entes do grupo familiar. Neste capítulo dispomos como destaque o diálogo que a obra mantém com alguns símbolos, estes fundamentais para melhor compreender constituição da família e suas relações com a mesa, o tempo, a caixa, objetos que metaforicamente são citados no curso da narrativa, e fazem parte do universo mítico envolvido por Nassar. Para essa análise, foram nossos interlocutores: Friedrich Engels, Antony Giddens, Marshall Berman, Zigmunt Bauman, Joaci Góes, entre outros.

Debatidos os conflitos e o ódio na família, o amor passa a ser o foco de nossas reflexões, no terceiro e último capítulo da dissertação, **A lavoura dos amores trágicos**, que aborda os laços afetivos que regem a família, e como o amor se configura num contexto dualista de ordem e desordem, afeto e caos. As relações amorosas tecem uma rede de acontecimentos que nuclearizam a narrativa, com destaque para o amor da mãe, que direciona um afeto quase exclusivo para André. Os demais filhos compõem nuances de relações eventuais, surgidas de formas diferentes, assim como as manifestações do Eros, compreendidas por Rollo May (1974). Neste último capítulo interagimos com Platão, Erich Fromm, Rollo May, Eni P. Orlandi, Arthur Schopenhauer, entre outros.

Ainda no calor das análises, foram levantadas algumas pesquisas relevantes para a composição deste trabalho sobre o romance. Dentre elas, destaca-se o livro *Ritos e paixões em Lavoura arcaica*, de André Luís Rodrigues, fruto da tese de doutorado do referido autor e centrado na relação familiar, caracterizando-a a partir de uma união apenas visível, mas não sólida, e testando os preceitos familiares através do amor entre dois irmãos, amor contrário a todas as imposições paternas, religiosas e sociais. A identidade da personagem André é analisada através da revolta gerada pela negação da relação familiar. O protagonista sente-se deslocado e acuado, provocando a apatia e o ócio, que o impedem de participar ativamente das atividades na fazenda. Também não se sentia à vontade nas refeições, que representavam

o momento em que o seu pai dissertava, monologando sermões carregados de moral e, na partilha do pão, remetendo à imagem de Jesus Cristo, sempre aconselhando e guiando seus discípulos. Relativo às palavras e atitudes paternas, André desenvolverá estímulos de revolta e transgressão, expressas através da postura filosófica de pensar além dos limites impostos pelo pai.

O livro *Uma lavoura de insuspeitos frutos*, de Rita Pimentel Teixeira, põe em relevo os focos narrativos do romance, apontando o jogo de gêneros textuais movimentados pelo autor Raduan Nassar. O livro também é proveniente de uma tese de doutorado, e destaca os conflitos familiares que nascem da transgressão de André. A autora enfoca a carga filosófica impregnada na obra e abre espaço ainda para refletir sobre as raízes religiosas, dentre elas a aproximação com a Bíblia (cristã) e o Alcorão (mulçumano), convergindo para um hibridismo cultural, já que a família retratada na obra é de imigrantes libaneses.

A dissertação “Discursos e subjetividades em *Lavoura arcaica*”, da pesquisadora Jaqueline Ribeiro de Souza, da Universidade Estadual de Montes Claros/MG, também aqui foi utilizada como fonte dialógica de pesquisa. O trabalho ressalta os discursos na obra de Nassar e a relações de poder desencadeadas através desse discurso. Além disso, a pesquisadora destaca as manifestações do corpo, principalmente as danças das mulheres que aparecem silenciadas e se utilizam do subterfúgio para se expressarem.

Vale ainda ressaltar o artigo do pesquisador João Paulo Villas Boas, da UFPR, que encara a relação entre Literatura e Filosofia como uma forma de ampliar o estudo de ambas as disciplinas, investigando o niilismo pregado por Nietzsche por meio da análise das obras de Franz Kafka. Nesse artigo, o autor ainda revela que o pensamento filosófico constitui uma base de referência para os personagens, que tendem desenvolver uma personalidade subversiva aos olhos da sociedade. Villas Boas invoca a moral como ponto chave do discurso para domar os instintos humanos, concluindo que a religião ocupa o centro dessa dominação.

Para ajudar a compreender ou a desenrolar o emaranhado labirinto produzido pelo romance *Lavoura arcaica*, torna-se necessário antes conhecer o seu autor, sua posição frente à sociedade, bem como seus ideais, objetivos e visão de mundo. Raduan Nassar é filho de imigrantes libaneses, que vieram para o Brasil em 1920 e se fixaram como comerciantes no Rio de Janeiro. Ao deslocar-se para o interior de São Paulo, seus pais escolheram a cidade de Pindorama para abrir um comércio, iniciado com uma venda e depois expandido para uma loja de tecidos. É em Pindorama que nasce Raduan Nassar, o sétimo filho do casal. O pai de Raduan Nassar, como chefe da família, se mostrava bastante preocupado com a educação dos dez filhos, sempre priorizando a essa questão. Na escola, Nassar, apesar de tímido, destacava-

se nos recitais de poesia e, pela sua boa memória, mostrava sempre bom desempenho escolar. Graduou-se em Direito e posteriormente estudou Filosofia, curso que ficou inacabado.

Nassar sempre estava envolvido com muitas ideias no campo da escrita. Uma delas foi a fundação do *Jornal do Bairro*. Sua experiência como jornalista acabou desenvolvendo nele o gosto pela literatura. Em 1975, com o Brasil ainda estava em meio à ditadura militar, Nassar escreve *Lavoura arcaica*, livro que recebeu vários elogios e o Prêmio Coelho Neto, concedido pela Academia Brasileira de Letras. No auge da receptividade à *Lavoura arcaica*, em 1978, Nassar publica o segundo romance, *Um copo de cólera*, o que deixa o autor em maior evidência. Mesmo no contexto político nacional de grandes conflitos, as obras de Nassar se revelam críticas à violência e à construção de valores, fugindo da alienação ou engajamento político comum a várias produções da época.

Todavia, em meio às atribulações da vida de escritor e com suas obras em franca expansão e popularidade, ele desiste da literatura e se isola na vida rural. O que teria levado Nassar a tomar uma decisão como aquela? A resposta é dada por ele mesmo, na entrevista concedida à Leyla Perrone-Moyses, na revista *Cadernos de Literatura brasileira*: “Foi a paixão pela literatura, que certamente tem a ver com uma história pessoal. Como começa e por que acaba, não sei.”(1996, p.24)

É difícil entender o íntimo dos homens e situar o sentimento de abandono de algo que parecia promissor. A personalidade de Raduan Nassar se bifurca em duas imagens. A primeira: a de um escritor de sucesso e com um futuro promissor na carreira literária; e a segunda: a de um homem perdido frente aos seus conflitos pessoais e apático em relação à sua vocação. O caminho da literatura se torna amargo e insosso, restando apenas ao homem, Nassar, romper com todas as regras preestabelecidas, assumindo seu descontentamento com a escrita e com todos os “mitos” que ela traz consigo, conforme relata o romancista:

Por uns bons anos, certas leituras me fizeram bem. É do que me lembro. E tem isso: a leitura que mais eu procurava fazer era a do livrão que todos temos diante dos olhos, quero dizer a vida acontecendo fora dos livros. Dessa leitura da vida não senti exatamente orgulho, embora achasse a leitura mais importante a fazer, como escritor [...](CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1996, p.26/ 27).

Essa posição assumida por Nassar transforma-o em um autor singular, que entende a função social do escritor e a riqueza de suas obras, e, apesar disso, o mesmo revela que a paixão pela literatura passou, que ele não se sente mais à vontade para escrever e que a perda desse desejo está diretamente proporcional às formas que a literatura se encontrou na

atualidade, engolida pelo mercado editorial e abafada por inúmeras teorias que acabam tirando sua verdadeira essência.

O autor relata certa angústia ao falar dos livros, mostrando-se alheio ao discurso de que todo conhecimento adquirido vem de leituras e mais leituras. Para Nassar, o grande livro é mesmo a vida, “Livrão”, que se passa ao redor de cada um e de cuja leitura se pode extrair experiências significantivas, que talvez não encontremos na representação de um livro impresso. Ao falar assim, o romancista não tenciona desvalorizar a literatura e, sim, mostrar como esta precisa estar aliada à essência da vida:

[...] valorizo livros que transmitam a vibração da vida, só que a vida nesses livros, por melhores que esses livros sejam, será sempre a vida percebida pelo olhar do outro. Valorizo o relato da experiência do outro e procuro até dialogar com ele sobre a experiência vivida, mas posso sentir de modo diferente, se eu vier a viver uma experiência correspondente. Seria a vivência de um escritor, e não um olhar de empréstimo, o que poderia imprimir voz própria ao que ele escreve. Só isso. (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1996, p. 27).

Outro fator preponderante no discurso de Raduan Nassar é a respeito de suas próprias leituras. Ele não se declara um leitor nato, nem destaca nenhum autor como fonte de inspiração para suas obras, ressaltando a presença da realidade apreendida ao seu redor. Demonstra ainda uma decisiva consciência política, distanciando-se das concepções alienáveis.

Ao descrever sua relação com *Lavoura arcaica*, Raduan Nassar revela que “[...] tentava um romance numa linha bem objetiva. Só que em certo capítulo um dos personagens começou a falar em primeira pessoa, numa linguagem meio atropelada, meio delirante, e onde a família se insinuava como tema [...]” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1996, p. 29). Ainda observa que este seria um projeto implícito de vida, o que foi tomando forma e dimensões com o passar do tempo e os personagens foram ganhando complexidade, densidade e a amplitude que se percebe na obra.

Sobre a família, tema problematizado no romance, Nassar revela afeto e admiração por esta instituição. Mesmo com todas as controvérsias que a obra pode exprimir, para o autor a família ainda é um ponto chave nas relações humanas, “[...] o que informa que todo mundo tem um pezinho bem plantado nela e de onde conluo que a família é ainda um porto seguro” (CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA, 1996, p. 29). E mesmo com as crises cíclicas e iminentes, ela jamais se distanciará de seus valores. Então como descreve o personagem André? Ressaltando-lhe a personalidade inconstante e transgressora como o

ponto de transformação. Todas as atitudes do personagem geram a mudança e é esse o sentido que virá traduzir a ideia de “maldade” ou “perversão”.

No romance *Um copo de cólera*, o personagem (sem nome), assim com André, passa por desgastes emocional e moral diante da relação familiar. Nessa narrativa, o protagonista não é um jovem adolescente descobridor das sensações do mundo, mas um adulto amargurado pelas marcas do tempo. Entretanto, algo aproxima os dois protagonistas: a carga ideológica que ambos carregam, além de uma crise existencial marcada por monólogos filosóficos proferidos ao longo das páginas sucessivas. Apesar de casado com uma mulher engajada em seu tempo, o personagem carrega a solidão latente de André, que talvez seja motivo para seus acessos de cólera, o que desencadeia o ápice do romance, revelando, mais uma vez, as referências familiares aparentemente sólidas se desmoronam até um conflito simples ou superficial. O estopim traz à tona toda a aversão por uma vida extenuante e sem sentido. O conflito em *Um copo de cólera* representa a gênese da mudanças, como também destruição do outro ou autodestruição, para, a partir daí, poder surgir uma nova vida construída sobre as feridas do passado.

O ato sexual é a forma encontrada para extravasar o furor contido, descarregar as amarguras e sarar a fenda de abertura para o descontrole. Num embate dialógico entre amantes que mesclam amor e ódio numa atmosfera política, filosófica e erótica, Nassar novamente exhibe uma ficção tumultuada e trágica que, por vários momentos, se entrelaça com a sua própria figura, desiludido e atormentado, porém ávido por mudar, romper as estruturas e transcender para novos estágios.

Todos os pontos abordados remetem à postura do autor, face à produção literária. Muitos são os estudos em torno da forma de escrita e o sentido do texto relacionado ao seu autor. Por esse viés, Compagnon (2001) remonta uma série de conceitos. Em um deles, a situação autoral se centra em sua intenção ao escrever o texto. Alguns conceitos mais modernos destacam a morte do autor e o surgimento de um novo sujeito para complementar o entendimento do texto literário: o leitor.

Compagnon (2001) ainda ressalta que o autor não se identifica em um texto como algo à parte, mas o próprio texto se produz a partir e através dele. A diferença necessária para o entendimento do enunciado está no leitor, pois

[...] o leitor, e não o autor é o lugar onde a unidade do texto se produz, no seu destino, não na sua origem; mas esse leitor não é mais pessoal que o autor recentemente demolido, e ele se identifica também a uma função: ele é “esse alguém que mantém reunidos, num único campo, todos os traços de que é constituída a escrita” (COMPAGNON, 2001, p. 51)

O leitor se torna a peça chave para o autor, pois é a este que a obra se destina e é justamente através dele que se desenrola o sentido do texto. E Raduan Nassar permite esse embate direto com seu leitor. Nas lacunas abertas, na linguagem abordada na obra é que são feitas as inferências do leitor e, dessa forma, o mesmo decide o que pensar dos personagens e qual o seu veredicto diante dos acontecimentos. Os textos contemporâneos permitem esses diálogos e os responsáveis por várias inovações nas escritas de vários romances. Uma dessas características encontramos no narrador pós-moderno.

O narrador pós-moderno busca um distanciamento da coisa narrada, como se ele próprio relatasse o que observou e não o que viveu. As experiências vividas não são mais tão importantes para serem narradas, e por isso o narrador tenta contar experiências alheias, como explica Santiago (2002): “[...] os seres humanos estão se privando hoje da faculdade de ‘intercambiar experiências, isso porque as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (SANTIAGO, 2002, p. 45). A modernização da sociedade cria um distanciamento no diálogo entre as pessoas sobre suas experiências e isso gera certa apatia, pois “As pessoas já não conseguem hoje narrar o que experimentaram na própria pele.” (SANTIAGO, 2002, p. 45)

A narração não deve privar somente a informação com impessoalidade e, sim, encontrar o ponto de referência onde se juntam o narrador e a coisa narrada, o aspecto de união entre eles. Afinal,

[...] a coisa narrada é mergulhada na vida do narrador e dali retirada; a coisa narrada é vista com objetividade pelo narrador, embora este confesse tê-la extraído da sua vivência; a coisa narrada existe como puro em si, ela é informação, exterior a vida do narrador. (SANTIAGO, 2002, p. 46)

Ainda que o narrador tente se tornar impessoal, percebe-se que ele procura transmitir uma “sabedoria” diante do que observa, do que ele e tenta mapear com suas interferências, com o intuito de conferir maior credibilidade ao que supostamente não viveu. É em oposição ao narrador pós-moderno que Santiago (2002) também descreve as características do narrador clássico “tem senso prático, pretende ensinar algo” ou seja, o narrador com trejeitos de conselheiro, que sempre deixa soar em suas narrações alguns ensinamentos morais.

É na união de ambos que se identifica o narrador de *Lavoura arcaica*. Que ora se mostra distante da coisa narrada, e ora retorna para mostrar que está envolvido diretamente na trama. Comungando dessa união do clássico com o pós-moderno, Raduan Nassar consegue conduzir a narrativa de forma cadenciada, intercalando os momentos vividos com as

observações, a ponto de não conseguir distinguir o que é experiência e o que é apenas observação. Essa mágica desenvolvida por Nassar lança suas vistas para o objeto narrado, criando uma ponte com o leitor, “como se o narrador exigisse: deixem-me olhar para que você, leitor, também possa ver” (SANTIAGO, 2002p. 52).

Outra observação que se detém da narrativa em *Lavoura arcaica*, está justamente no valor das experiências dos mais jovens, enquanto que o discurso do mais velho, mais experiente acaba deturpado. É nisso que consiste o pós-moderno na narração nassariana: os valores sociais são invertidos, trazendo à tona um universo de novas possibilidades. Como ressalta Santiago, “a vivência do mais experiente é de pouca valia. Primeira constatação: a ação pós-moderna é jovem, inexperiente, exclusiva e privada da palavra - por isso tudo é que não pode ser dada como sendo do narrador.” são justamente esses elementos que quebram a linearidade da narração no romance.

O autor recria a evolução natural da sociedade, que na pós-modernidade deixa de lado alguns valores, e recria novas formas de olhar as experiências e assim recontá-las, mesmo que essa forma gere conflitos, principalmente, entre o narrador e o personagem. André personagem nutre respeito ao ensinamento paterno, já enquanto narrador André deixa pairando no ar um descrédito pelas palavras do pai, insinuando ironicamente desprezo pela figura do patriarca.

Nassar se utiliza de vários recursos para compor seu romance. Apesar de revelar que não se identifica com as teorias literárias, são justamente estas utilizadas para aprofundar o entendimento da sua obra. Mesmo abandonando a literatura, a literatura jamais o abandonará, pois o autor nascido em Pindorama deixa em suas obras o dom da imortalidade perenizada através das palavras.

1 ANDRÉ E A LAVOURA DAS TRANSGRESSÕES

O presente capítulo analisa o incesto na narrativa *Lavoura arcaica*, desde a sua concepção até a realização e suas consequências. A possibilidade do incesto é um ato que mexe com sentimentos de cada indivíduo, pois abala a estrutura de uma das instituições que mais preza a auto-proteção, que é a família. Tabu, impureza, interdito, o incesto está na esfera dos atos de maior repulsa sóciomoral e pensar em sua consumação é agredir toda a esfera doméstica e coletiva. Por isso, é importante investigar e entender o mecanismo psicológico do incesto e seus efeitos no seio da família aparentemente harmoniosa. De *Édipo* a *Hamlet*, *Os Maias*, entre outros títulos, a literatura mimetizou o incesto entre pai (mãe)/filho(a), e entre irmãos. A partir do momento, da constatação incestuosa, o tabu impera e silencia algumas análises e pesquisas sobre o assunto. Em *Lavoura arcaica*, o tema do incesto é, ora latente, ora explícito: André, apaixonado por sua irmã Ana, persegue a consumação desse amor, mesmo que isso abale toda a família. O incesto premeditado, e consciente desperta o senso obstinado do leitor frente à moral e seus preceitos, levando-o a questionar e questionar-se ante as possibilidades dessa união. Dessa forma, o autor, Raduan Nassar, transforma o leitor, reais ou virtuais, em seu aliado fazendo da história de um amor predestinado um desastre. Pois o incesto, assim como em outras obras, é sinônimo de morte, condenação, um dos maiores interditos morais e sociais da humanidade.

1. 1 O INCESTO E SEUS ENIGMAS

No aprofundamento das pesquisas para se entender o enigma do incesto, ou a origem desse interdito, muitas hipóteses já foram e continuam sendo levantadas. Até porque, no evoluir histórico, percebemos o quanto essa proibição já existia e inquietava desde os povos primitivos, mais ou menos conforme o grau de parentesco. Atualmente, estas questões parentais (em relação às nomenclaturas: irmão /irmã, pai/mãe, etc) continuam demarcadas, embora na estrutura familiar tenha havido grandes ou pequenas mudanças. De qualquer forma, o incesto entre pessoas da mesma consanguinidade ainda representa um tabu.

Entre as instâncias estudadas por Georges Bataille (1987), no livro *O erotismo*, o analista conclui que a interdição do incesto tem como princípio básico proteger a instituição da família e evitar a disputa ou desordem no núcleo parental primário. Quando aborda o

assunto incesto, Bataille referenda de imediato a constituição de um modelo para a família. Dada a previsível unidade de seus membros, considerar o incesto depende primeiramente da investigação sobre o grau de parentesco entre os entes. É esse grau de parentesco que definirá ou não o interdito, se os indivíduos de uma mesma família poderão se casar, ou manter relações sexuais, uma vez que, conforme Bataille (1987):

“[...] reciprocamente, a determinação do parentesco tem como sentido a oposição dos indivíduos uns com os outros, do ponto de vista das relações sexuais: estes não podem se unir, aqueles podem, tal laço de parentesco representa uma indicação privilegiada frequentemente, mesmo com a exclusão de qualquer outro casamento.” (BATAILLE, 1987, p. 129).

Esse caráter de proibição tem cunho universal, até porque, quando se trata do núcleo familiar, observa-se um esforço em preservar a instituição, variando a forma como se dá essa proibição o que tem ocorrido ao longo dos anos. Para Levi- Strauss (1982), a negação do incesto retira o homem da condição de animal, e o eleva à condição de civilizado, em função da passagem da natureza à cultura da humanidade. Já que, para os animais, não há distinção de parentesco qualquer, esta seria uma discriminação lógica da capacidade humana em se diferenciar dos outros animais. Seguindo as análises dos escritos de Levi-Strauss (1982), Georges Bataille (1987) identifica um motivo recorrente para a proibição do incesto: prevenir a espécie humana dos efeitos causados pelos casamentos consanguíneos, devido ao registro de alguns problemas genéticos apresentados nesse tipo de união. Também se pensa no mal-estar gerado pelos filhos de um incesto, a repugnância social em perceber no seio da família um contínuo de práticas sexuais, etc.

Muitas são as explicações para a desautorização do incesto, segundo o enfoque de Bataille (1987). Entre análises sociológicas e psicanalíticas, ele prevê que Freud teria se aproximado mais da explicação do interdito, enquanto retratava o assassinato do pai pelos filhos, a disputa interna na família pela união entre seus membros, ao passo que, conforme Bataille (1987):

“[...] o desejo da mãe ou da irmã, o assassinio do pai e o arrependimento dos filhos não correspondem, sem dúvida, a nenhum fato, ou conjunto de fatos de que ocupe na história um lugar determinado. Mas eles traduzem, talvez, sob uma forma simbólica, um sonho ao mesmo tempo durável e antigo. E o prestígio desse sonho, seu poder de modelar à revelia os pensamentos dos homens, provém precisamente do fato de que os atos que ele evoca nunca aconteceram, porque a cultura sempre se opôs a eles por toda parte. (BATAILLE, 1987, p. 189)

O homem é o típico animal que, lutando contra a sua natureza primitiva, consegue transcender essa esfera e criar formas para melhorar sua vida, sua convivência com as outras pessoas e segurar seus impulsos e instintos, coisa que o animal selvagem não pode fazer. Bataille (1987) sustenta: “o homem é o animal que não aceita simplesmente o dado natural, negando-o. Ele transforma assim o mundo exterior natural, dele tira instrumentos e objetos fabricados que compõem um mundo, o mundo humano. [...]” (BATAILLE, 1987, p. 202). A natureza do interdito surge, pois, para conter as pulsões, controlar o instinto animal e conduzir o homem a uma vida um pouco mais aprazível, ou racional.

Bataille (1987) discorre sobre a obscenidade e como esta está ligada ao momento histórico e às condições diferenciadas. Ou seja: a obscenidade é específica para quem vê, ao local em que se está, ou à sua adequação. Logo, algo se torna obsceno a depender do contexto em que se insere. O incesto divide opiniões, pois sempre seria obsceno a depender do grau de parentesco dos praticantes, tornando necessário investigar e entender qual o seu nível de liberação ou interdito.

Na Bíblia, observamos alguns relatos de incestos. No Velho testamento, no livro do Êxodos e do Gêneses, como essa seguinte passagem das filhas de Ló que copulam com o pai, embriagado e inconsciente após o que, nascem os filhos- netos, Moab e Amon.

[...] O episódio incestuoso cujo aspecto vital é ressaltado é o de Ló e suas filhas. Fugindo de Sodoma, Ló se refugia com as duas filhas numa gruta. A mais velha diz à caçula: “nosso pai está velho e não há homens na região para chegar a nós, conforme o uso de toda a terra. Vamos! Fartemos nosso pai de vinho e deitamos com ele e façamos sobreviver a raça de nosso pai”. Cada uma teve um filho: Moab e Amon, dando assim nascimento a dois povos, os moabitas e os amonitas. (RAZON, 2007, p. 09).

Vemos assim que o incesto como interdito durável, também atinge as questões religiosas, não se limitando apenas aos aspectos biológicos, não se estendendo a situações metafísicas com as consequentes noções de culpa, pecado e castigo que vão além das condições físicas. Na Bíblia Sagrada, a prática incestuosa está atrelada à concepção de morte e condenação, como ilustra Razon (2007) reinterpretando Levíticos.

A nudez do teu pai é a nudez de tua mãe, não as descobrirás [...]
 A nudez da filha de tua irmã, filha do teu pai ou filha de tua mãe, não a descobrirás: é a nudez de teu pai.
 A nudez da filha de teu filho ou da filha de tua filha, não as descobrirás, pois são a tua nudez[...]
 [...] seria impudicícia. (RAZON, 2007, p. 10)

Além da Bíblia cristã, o Alcorão mulçumano também relata a proibição do incesto e a preservação da família: “Vos são interdidas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs.” (Alcorão – Surata: IV, 23). E quem transgride a lei divina é punido e condenado, tanto física quanto espiritualmente. Essa punição é um jogo moral para conter desejos e demarcar as posições familiares, advertindo que, para ato tão repugnante, a única saída será a morte. De acordo com Freud citado por Razon (2007), analisando as questões referentes à moral, fica evidente que os códigos morais têm um tempo determinado de vida, podendo desaparecer ou mudar, adaptado à época, reavaliando-se e modificando-se com o intuito de adequar-se à estrutura da sociedade estabelecida, sobre isso, acrescenta Thompson (2002):

Outro fato que parece óbvio é que os códigos morais não só variam, mais possuem um tempo determinado de vida; num primeiro momento, sua popularidade cresce, depois decai. Às vezes podem ser resgatados por ideias novas, podem desaparecer e depois voltar, mas apresentam algum tipo de ciclo de vida, e quando estão em declínio, as pessoas experimentam o que se pode chamar de crise moral. (THOMPSON, 2002 p.21)

Observe-se, no entanto, que a proibição do incesto vem mudando de acordo com a época e com os novos paradigmas sociais. A prática incestuosa teria sido permitida em alguns períodos e por alguns países e sociedades como o Peru e o Egito, objetivando manter o poder no interior da própria família, a exemplo dos mórmons, dos ciganos, entre outros, que permitiam a relação entre pais e filhos, irmãos e irmãs. Friedrich Engels (1982), no livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, relaciona algumas tribos e civilizações onde houve registros de incesto:

[...]Bancroft testemunha a existência dessas relações [incestuosas] entre os Kadianos do estreito de Behring, os kadianos das cercanias do Alasca e o tinnehs do interior da América do Norte inglesa; Letourneau reuniu numerosos fatos idênticos entre os índios chipevas, os kukus do Chile, os caribes, os karens da Indochina; e isso deixando de lado o que contam os antigos gregos e romanos a respeito dos partos, dos persas, dos citas e dos hunos, etc [...] (ENGELS, 1982, p. 36).

Com o passar do tempo, todavia, essa prática veio sendo banida da família. A igreja católica, principalmente na Idade Média, foi a grande responsável em extinguir o incesto, tornando a prática condenável até os dias atuais, uma vez que as pessoas estão voltadas para uma relação familiar coesa, fruto da persuasão religiosa que manteve rigidamente as leis em vigor, impondo à maioria das pessoas um completo silêncio sobre o tema.

O incesto também se alterna ou reorientam quanto às suas condições e variáveis em cada sociedade. Ele é um interdito, mas quando há necessidades “explicáveis”, pode até ser considerado viável, ou até divino. A respeito desse peso ou relaxamento do tabu, ainda há especulações sobre a real consistência do interdito, uma vez que, não se deve negligenciar a proibição, visto que ela, ao menos, manteve a família em estado de preservação. Nesse sentido, conclui Razon (2007):

[...] O incesto significaria o apagamento das distinções de idade, a mistura de gerações, a desorganização dos sentimentos e uma brutal inversão dos papéis num momento em que a família se torna o mais importante fator de educação. Nenhuma sociedade pode existir em tais condições. (RAZON, 2007, p. 21).

De outra maneira, torna-se necessário o estabelecimento de trocas entre os grupos, fortalecendo o casamento entre pessoas de diferentes famílias. O casamento simboliza a doação da mulher, da filha que não se pode possuir, da irmã que não se pode tocar, transferindo assim a outro, a um estranho, que, pela natureza do interdito, assente na permissão cessionária. Bataille (1987):

O limite arbitrário entre parentes permitidos e parentes interditos varia em função da necessidade de assegurar um circuito de trocas. Quando esses circuitos organizados deixam de ser úteis, a situação incestuosa se reduz. Se a utilidade não exerce mais nenhum papel, os homens negligenciam com o tempo obstáculos cuja arbitrariedade se tornou chocante. (BATAILLE, 1987, p. 204).

A prática da exogamia seria o mais acertado para manter a paz na família, evitando sua destruturação, porque “[...] sendo o sujeito humano simultaneamente sujeito social, sua sobrevivência passa por uma regra social: a exogamia e a troca, a aliança e o dom, termos que remetem à lei e à obrigação de a ela se submeter [...]” (RAZON, 2007, p. 24). Se o homem sai da categoria de animalidade ao impor um interdito, ainda mais nele se enquadra a transgressão. Conforme Bataille (1987), “[...] o incesto é o testemunho primeiro da conexão fundamental entre o homem e a negação da sexualidade, ou da animalidade carnal.” (BATAILLE, 1987, p. 202). Uma vez que, somente o humano pode se apropriar desta categoria, e se ele tem consciência da responsabilidade de sua transgressão e conscientemente a infringe, por isso ele se torna responsável por seus próprios atos.

No interior de uma família incestuosa, deve-se primeiro observar relação entre os seus integrantes, devendo haver uma nítida diferenciação dos papéis e da posição que cada um

deles nela ocupa. É natural que haja o sentimento da separação, da incorporação de outras pessoas à família, pois “[...] sem a lei organizadora, confusão e repetição surgem de uma geração a outra. Existiria, portanto, uma psicopatologia comum a cada um dos membros da família, mas que se manifestaria de modo diferente para cada um [...]” (RAZON, 2007, p. 11)

Recorrendo à legislação, voltada à memória de alguns registros históricos, percebe-se que, quando a Igreja exerceu poder absoluto sobre o Estado, o incesto era condenável tanto para quem o cometia, quanto para quem o sofria ou consentia. Ou seja, a lei não distinguia vítima ou agressor, a punição significando a morte para ambos. Segundo Razon (2007), tais situações atravessam os tempos, até a Revolução Francesa, quando, esta classifica o incesto como um crime específico.

Na atualidade, a legislação pune o incesto se este for cometido contra menores de idade, e ainda mais se relacionados à situação de estupro na condição de vítimas. Na verdade, o avanço na lei do estupro é que garante a punição ao agressor do incesto. Todavia, depois de a vítima completar dezoito anos, o crime prescreve. No caso de casamento entre consanguíneos, o código civil proíbe a união recuando a alguns graus de parentesco, podendo haver casos de pedidos junto à justiça até para unir casais incestuosos, sendo, aliás, muito difícil a concessão do matrimônio nesses casos. Já para reconhecer um filho fruto de união incestuosa, para a justiça, somente um dos pais pode registrá-lo, pois, “[...] na falta de poder eliminar fisicamente a criança incestuosa, vai-se eliminá-la juridicamente: seu estado civil não deverá revelar sua filiação.” (RAZON, 2007, p. 18).

Diante do exposto sobre causas e consequências do incesto, concluímos que o enigma perdura, pois o mesmo, ainda hoje, permanece um tabu, um grave delito ou aguda infração contra a família, dividindo opiniões quando se pensa em sua origem, evolução e seu estabelecimento até os dias de hoje. O certo é que falar de incesto provoca sensações distintas a cada pessoa, particularmente porque “[...] em nenhuma civilização onde o costume, a moral, a lei autorizasse o incesto, a família poderia se manter. Sua ruptura viria, inevitavelmente, mergulhando a sociedade no caos e tornando impossível a continuidade da tradição cultural [...]” (RAZON, 2007, p. 21). E mais, como acentua Freud, se o incesto ainda é um tabu é porque ele é desejado e haverá pulsões inconscientes para a sua consumação.

A literatura, que sempre afrontou o ser humano frente a seus instintos e conceitos, mesmo quebrando tabus, fazendo o elo entre o real e o fictício em um ciclo mimético, termina representando o incesto conforme os tempos ancestrais. Segundo Bataille, no livro *A literatura e o mal*, (1989),

A literatura é o essencial ou não é nada. O Mal, uma forma penetrante do Mal - de que ela é a expressão tem para nós, creio eu, o valor soberano. Mas esta concepção não impõe a ausência de moral, exige uma 'hipermoral'. A literatura é comunicação. A comunicação impõe a lealdade. A moral rigorosa, neste aspecto, é dada a partir de cumplicidades no conhecimento do Mal, que estabelecem a comunicação intensa.

A literatura não é inocente, e, culpada, ela enfim deveria se confessar como tal. Só a ação tem os direitos. (BATAILLE, 1989, p. 9-10)

Na literatura, há tempos o incesto vem sendo abordado, sob diversos ângulos, em várias obras, observando, contudo, que, com o passar do tempo, tem-se alterado a forma como o tema tem sido tratado. Em algumas obras diretamente relacionadas com casos de incesto, *Os Maias*, de Eça de Queirós e *Hamlet*, de Shakespeare, entre o ato vem acompanhado de uma cobrança sóciomoral, em geral a morte ou a tragédia, não só para os praticantes como também para toda família. Em *Os Maias*, Eça de Queirós (1980), desenvolve uma trama quase mórbida, em que a aproximação dos irmãos acontece por acaso, inocentes do acaso trágico, enquanto estão no auge do amor, Carlos descobre que Maria Eduarda é sua irmã, mas depois, resolve manter o relacionamento às escondidas dela. Quando, enfim, todos descobrem o ocorrido, o avô dos irmãos morre de desgosto e a família cai em desgraça. Shakespeare irá mais além, sugerindo o envolvimento inconsciente do jovem Hamlet com sua mãe. Este inicia uma vingança em nome do pai, e por ele assume o lugar junto à mãe. Em ambas as obras, observa-se a ausência do pai, a desolação causada pelo incesto e, por fim, a família que se desfaz, como em *Lavoura arcaica*, estabelecendo o trágico legado de sangue e tragédia.

Na contemporaneidade, o tema continua sendo explorado, mas acrescentando outras características, a exemplo da obra de Hilda Hilst (2002), *Cartas de um sedutor*, que conta a história de um incesto intencional entre irmãos, deslocando o desejo de ambos, dirigido ao pai, para a entrega entre eles. Neste caso, o incesto é previamente anunciado e nasce da união da própria família, mais ou menos como ocorre em *Lavoura arcaica*. Em ambas as narrativas os irmãos masculinos (Karl e André) desenvolvem argumentos para mostrar que o incesto seria algo viável, convencer suas respectivas irmãs quanto à sublimidade da relação. Apesar do tom de escárnio de Hilst, o incesto não deixa de simbolizar a amargura e a decadência de uma família desestruturada, nascida pela ausência da mãe e pela dominação paterna.

1. 2 O INCESTO EM *LAVOURA ARCAICA*

Em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, o incesto cometido por eventualidade redentora, André com sua irmã Ana, irá envolver e mobilizar todos os dramas do interdito e da transgressão, do pecado e da redenção, da vida e da morte, culminando com a tragédia e a destruição da família.

O que ocorre em *Lavoura arcaica* é um incesto consciente e por que não dizer premeditado? André executa friamente o plano de possuir sua irmã Ana. Desde o início do romance, ele tem consciência do que pode vir a acontecer e o que poderá encontrar pela frente, as dificuldades e os dilemas edipianos. Mas ele não sucumbe aos empecilhos e, pelo contrário, estes se tornam uma maior motivação para a conquista do proibido.

Uma passagem descrita por Nassar representa, com bastante propriedade, a emboscada armada por André para atrair a irmã à “casa velha” e assim conseguir consumir a posse e dar vazão a seus desejos e ímpetos mais secretos:

Foi este instante: ela transpôs a soleira, me contornando pelo lado como se contornasse um lenho erguido à sua frente, impassível, seco, altamente inflamável; não me mexi, continuei o madeiro tenso, sentindo, contudo, seus passos dementes atrás de mim, adivinhando uma pasta escura turvando seus olhos, mas a sombra indecisa foi aos poucos descrevendo movimentos desenvoltos, perdendo-se logo no túnel do corredor: fechei a porta, tinha puxado a linha, sabendo que ela, em algum lugar da casa, imóvel, de asas arriadas, se encontraria esmagada sob o peso do destino forte. (NASSAR, 1989, p. 100-101).

O caminho percorrido por Ana, analogicamente comparada à pomba indo ao encontro da arapuça que a aprisionará, descreve a astúcia do rapaz e seu recurso para trazê-la junto a si. Até porque, no final do capítulo 17 da obra, no relato do enlace com Ana (capítulo 18), André armaria justamente a armadilha para prender a pomba, a excitação da espera, a cautela, o silêncio, a espera interminável, até que o animal enfim cruzasse o limite da armadilha, e ele, astuto, pudesse puxar a linha. Nesse momento, André e o animal comum seriam unos, assim como ele e a irmã. Esse o prenúncio com que espreitava Ana, aguardando o momento perfeito, quando ela, já sem forças “ou com as asas arriadas”, não mais resistisse e, afinal se entregasse aos apelos do macho.

[...] era uma ciência de menino, mas era uma ciência complicada, nenhum grão de mais, nenhum instante de menos, para que a ave não encontrasse desânimo na carência nem na fartura, existia a medida sagaz, precisa, capaz de reter a pomba confiante no centro da armadilha; numa das mãos o coração em chamas, na outra a linha destra que haveria de retesar-se com geometria, riscando um traço súbito na areia que antes encobria o cálculo e a indústria; nenhum arroubo, nenhum solavanco na hora de puxar a linha, nenhum instante de mais no peso do braço tenso. (NASSAR, 1989, p. 98-99).

A partir desse momento encontram-se confundidos no enlace do destino André e sua amante e irmã Ana, como se fossem inevitáveis tanto o acontecimento quanto o trágico desfecho, desde o início, expresso pelo que está escrito (Maktub em árabe). André, sagaz, demonstrando controle absoluto na condução do ato cerca Ana na entrada casa até culminar em seu arrebatamento, constatando que o seu plano fora bem sucedido frente à coisa que mais desejava, André desfruta do instante a sós com Ana, a pomba, e afinal a possui.

Ao deitar-se com a irmã, André percebe de imediato a frieza, a apatia, a pomba indefesa nas mãos do caçador: “Agarrei-lhe a mão num ímpeto ousado, mas a mão que eu amassava dentro da minha estava em repouso, não tinha verbo naquela palma, nenhuma inquietação, não tinha alma aquela asa, era um pássaro morto que apertava nas mãos [...]” (NASSAR, 1989, p. 102). Espantado com a reação da irmã, André busca consolo na oração, logo ele que sempre se mostrava aquém das crenças, agora pedindo a Deus um milagre, justamente a consumação de sua aderência apaixonada. Subvertendo a fé, requerendo das forças divinas para viver o amor mesmo sob infração, André se revelava tanto aos olhos divinos quanto aos olhos sociais:

[...] levantei nos lábios esquisitos uma prece alta, cheia de febre, que jamais eu tinha feito um dia, um milagre, um milagre, meu Deus, eu pedia, um milagre e eu na minha descrença Te devolvo a existência, me concede viver essa paixão singular fui suplicando enquanto a polpa feroz dos meus dedos tentava revitalizar a polpa fria dos dedos dela, que esta mão respire como a minha, ó Deus, e eu em paga deste sopro voarei me deitando ternamente sobre Teu corpo [...](NASSAR, 1989, p. 102)

Ainda na prece, tentando barganhar com Deus, André troca o amor da irmã pelo reconhecimento da existência divina, entre outras promessas. E ao perceber Ana revigorando, ele proclama: “[...] Deus existe e em Teu nome imolarei um animal para nos provermos de carne assada, e decantaremos numerosos vinhos capitosos, e nos embriagaremos depois como dois meninos [...]” (NASSAR, 1989, p. 106). Insanamente, André inicia o sacrifício em nome desse novo Deus que ele passa a adorar, o Deus que lhe concede o pedido, e que, a partir de

agora, passaria a ser seu cúmplice numa jornada em que, juntos, “e de mão dada, iremos incendiar o mundo!” (NASSAR, 1989, p. 106)

No pedido de André a esse Deus registra-se um caráter individualista, que não visa ao coletivo, sendo bem exclusivo para a personagem e não para toda a família. Em busca de seu bem-estar, André tenta fugir da ordem familiar instaurando a desordem tribal e assumindo um ponto de vista egoísta opondo-se duramente às palavras do pai e do irmão mais velho, Pedro. Afirmo Bataille (1987) que “[...] no movimento das proibições, os homens separam-se do animal, tentando fugir ao excessivo peso da morte e da reprodução (da violência) a que o animal sem reservas se abandona. Mas no movimento secundário da transgressão, o homem reaproxima-se do animal.” (p. 73). Esse encontro homem animal por meio do incesto consensual instaura na família o caos e a destruição.

Após assistir ao reacender de Ana, “[...] senti assim de repente que a mão anêmica que eu apertava era um súbito coração de pássaro, pequeno e morno, um verbo vermelho e insano já se agitando na minha palma!” (NASSAR, 1989, p. 106). André afinal relata o momento da conjunção sexual com a irmã. A condução narrativa do incesto representa o ápice da realização de seu desejo. O ato é narrado com auxílio de metáforas das relações com a natureza, a união dos irmãos simbolizando a fecundação da terra, a germinação de novos frutos e o início de uma nova era:

[...]com mão pesada de camponês, assustando dois cordeiros medrosos escondidos nas suas coxas, corri sem pressa seu ventre humoso, tombei a terra, tracei canteiros, sulquei o chão, semeei petúnias no seu umbigo [...]e só pensando que nós éramos de terra, e que tudo o que havia em nós só germinaria em um com a água que viesse do outro, o suor de um pelo suor do outro; e nesse pouso de terras e tantas águas, alguém baixou com suavidade minhas pálpebras, me levando, desprevenido, a consentir num sono ligeiro [...] NASSAR, 1989, p. 114-115.

Liricamente, Nassar narra a relação sexual, o encontro dos corpos, dos fluidos, a troca de carinhos, o auge amoroso. O incesto que, para André, seria veículo de amor, este mesmo o salvaria, embora a preço da salvação comprometido justamente com a destruição da família. O protagonista não quer enxergar a gravidade do fato, a força do ato incestuoso e o prejuízo do tabu. Para ele o amor para com a irmã era o mais importante, necessário para manter a união da família, construir uma nova ordem e ele, o bom André, seria proclamado o messias. De acordo com Razon (2007), “[...] preso na confusão, vivendo em espelho, o indivíduo permanece “objeto”, prisioneiro desses órgãos e de seus sentidos num mundo puramente imaginário onde ele se confunde com o que imagina.” (RAZON, 2007, p. 27). A verdade do

protagonista difere da verdade de sua família, que ele sacrifica, acreditando-se Salvador, conquanto acabe se tornando o anticristo.

André não vê o incesto como infração, ou erro. Ao contrário de algumas obras literárias em que o incesto ocorre de forma inconsciente, em que ambas as partes desconhecem de seu grau de parentesco, em *Lavoura arcaica* o incesto é consciente e ainda implica em um propósito deliberado, que é manter a união familiar e garantir que as gerações se perpetuem sem máculas, já que “foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família [...]” (NASSAR, 1989, p. 118)

Como o incesto é condenável do ponto de vista religioso, André não se reconhece preso a conceitos, nem admite acreditar ou consentir qualquer vínculo com a religião (católica) da família. Afinal, diz ele: “[...] na quebra desta paixão, não serei piedoso, não tenho a tua fé, não reconheço teus santos na adversidade.”(NASSAR,1989, p. 131). E continuando suas críticas à religião e às crenças de Ana, sentencia:

[...] sobre os ombros ulcerados dos que gemem, ele, o único, o soberano, não passando o teu Deus bondoso (antes discriminador, piolhento e vingativo) de um vassalo, de um subalterno, de um promulgador de tábuas insuficiente, incapaz de perceber que suas leis são a lenha resinosa que alimenta a constância do Fogo Eterno! Não basta o jato da minha cusparada, contenha este incêndio enquanto é tempo, já me sobe uma nova onda, já me queima uma nova chama, já sinto ímpetos de empalar teus santos, varar teus anjos tenros, de dar uma dentada no coração de Cristo![...]. (NASSAR, 1989, p. 139).

O incesto na obra de Nassar também simboliza redenção. Torna-se imperiosa a aceitação de Ana à paixão de André, conferindo-lhe novas alternativas de vida, transformando-o em um indivíduo livre de todas as crises existenciais e disposto a reconstruir a família. A mudança seria uma forma de crescimento e maturidade, o meio eficaz para garantir um lugar na família.

Para Friedrich Nietzsche (2004), a moral e sua genealogia foram impostas pelas religiões, principalmente a cristã, agregando ao homem juízos de valor, baseados na culpa, enquadrando ações e pensamentos na dicotomia entre bem e mal. Nessa luta, quem pratica as atitudes condenadas pela moral e que correspondem ao mal, cometem pecado, como explica o mesmo autor: “O cristianismo fez o máximo para fechar o círculo e proclamou a dúvida como pecado. O indivíduo deve ser lançado na fé sem razão, por um milagre, e nela banhar-se como o mais claro e inequívoco elemento...” (NIETZSCHE, 2004, p.68). É a noção do pecado e o

medo dos castigos divinos que irão determinar que o ser humano aceite o valor moral e o siga obedientemente, bem como manter a ordem e o convívio social.

Para resolver essas questões, Nietzsche (2004) sugere a inversão dos valores. Tal inversão abalará as estruturas morais, impondo a mudança radical do que se conhece, substituindo-o por uma nova realidade, a inclusão do livre arbítrio isenta de qualquer medo ou punição, conforme abordado pelo autor no conceito seguinte:

“E o que significa projeto de transvalorização de todos os valores? Significa a mudança do princípio de avaliação e, por conseguinte, a vitória da vontade afirmativa de potência, da superabundância da vida, sobre os valores dominantes do niilismo.” (NIETZSCHE, 2004, p. 101).

Como já foi insinuado, o incesto, para André, representa sua redenção, enquanto, para Ana, simboliza o pecado. Após deitar-se com o irmão, Ana cai em profundo silêncio, e para purgar seu pecado, sucumbe às orações, não se importando com que o irmão tem a dizer-lhe, mas, ocupada, apenas, de joelhos, continuar a orar:

Ana estava lá, diante do pequeno oratório, de joelhos, e pude reconhecer a toalha da mesa do altar cobrindo seus cabelos; tinha o terço entre os dedos, corria as primeiras contas, os olhos presos na imagem do alto iluminada entre duas velas.; vendo seu perfil piedoso, os lábios num tenso formigamento, caí numa vertigem passageira, mais logo me encontrava dentro da capela que longe estava de ser a mesma dos tempos claros da nossa infância [...] (NASSAR, 1989, p. 131)

Para Ana resta a confusão de sentimentos, perdida entre a veracidade do acontecimento trágico, a mistura entre ficção e realidade e a grande lacuna do que viria após aquele momento. Conforme Razon (2007): “Quando se trata de incesto ou de atentado aos costumes, após a passagem do ato, o eu da vítima é subitamente confrontado com a confusão dentro-fora, uma vez que os limites corporais e psíquicos literalmente foram deslocados. [...]” (RAZON, 2007, p. 50). Até então, o que Nassar descreve são imagens de uma menina devotada ao catolicismo, vive entre os afazeres da fazenda e as idas à igreja. Um acontecimento como aquele, seria impossível de não abalar tanto suas estruturas físicas quanto psicológicas, pois Ana dera o passo transgressor e transformara em mulher justamente pela entrega incestuosa a seu irmão.

O silêncio de Ana é a porta de entrada para o desespero de André, até então confiante de que, com suas palavras, poderia conseguir tudo, e até mesmo alcançar o milagre de Deus. Ana não corresponde aos seus apelos, às suas promessas de mudança, nem a sua visão de

paraíso perdido, em que os dois viveriam como crianças a perpetuar o amor, ainda que sofrido. As promessas de André batem de frente com a austeridade religiosa de Ana, que não aceita mais as investidas do irmão e, em meio a preces, tenta redimir-se dos pecados. Esse sentimento, em nenhum instante é questionado ou dialogado entre os personagens. A autopunição de Ana é marcada apenas pela transformação de sua personalidade: ela passa a ser uma moça fechada e introspectiva. Diante do impasse é que nasce o desejo de fuga de André face ao temor do julgamento e à visão da grande úlcera no seio da família:

Amar e ser amado era tudo o que eu queria, mas fui jogado a margem sem consulta, fui amputado, já faço parte da escória, vou me entregar de corpo e alma à doce vertigem de quem se considera, na primeira força da idade, um homem simplesmente acabado, bastante ativo contudo para furar fundo com o indicador a carne poder da carcaça, e , entre o polegar e o anular, com elegância, fechar trópicos e outras linhas, atirando num ossário o esqueleto desse mundo; pertencço como nunca desde agora a essa confraria dos enfeitados, dos proibidos. Dos recusados pelo afeto[...] (NASSAR, 1999, p. 137/138)

O incesto permanecia considerado uma infração grave à família. Resolver o enigma não seria uma tarefa fácil, mas tentar entendê-lo em uma obra como *Lavoura arcaica* torna-se ainda mais complicado, dado que o protagonista se enreda pelos acontecimentos nos labirintos da memória, na visão deturpada da família e na ojeriza que sente pelo pai. André almeja encontrar no incesto meio de reaproximar-se da família, retomando o seio acolhedor ao filho estrangeiro. Mas o que termina desencadeando é a morte e a tragédia, conforme reconhecem em suas obras Bataille, Razon, Freud, entre outros estudiosos, para quem falar de incesto, implica em falar da pulsão da morte, ambos atrelados ao mesmo devir. Para assentir com essas teses, o livro de Raduan Nassar se encerra com a trágica morte de Ana pelas mãos do honrado pai.

1. 3 ANDRÉ E O LEGADO EDIPIANO

O romance *Lavoura arcaica* traz algumas peculiaridades em sua constituição, começando pelo personagem André, que narra sua aversão a vida rotineira da fazenda, seu afastamento de tudo o que é relacionado ao seu pai. Apático na divisão do trabalho, ele se afasta dos irmãos para dormir entre as folhas e embaixo das árvores, demonstrando a necessidade de estar uno com a natureza, de voltar ao útero da terra, seu lugar de origem.

A ligação de André com a terra indiretamente obedece ao ciclo pregado incessantemente pelo pai: “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo.” (NASSAR, 1989 P. 181). A visão de André perpassa o ciclo paterno, desde que a terra não ficaria subjugada apenas ao trabalho, ao alimento e às obrigações da família. André nutria um desejo erotizado por essa terra, como se, ao relacionar-se com ela também estivesse consumando a posse de sua irmã e da própria família.

O distanciamento da família desenvolve ao protagonista a sensação de ser um estrangeiro, de estar fora daquele círculo, atirando ainda para o caminho de retorno, que seria justamente o amor físico da irmã. Dessa forma, o incesto passa a ter uma outra conotação: além de consumir o desejo erótico, representaria renovação e começo de mudança:

[...] As coisas vão mudar daqui pra frente, vou madrugar como nossos irmãos, seguir o pai para o trabalho, arar a terra e semear, acompanhar a brotação e o crescimento, participar das apreensões, da nossa lavoura, vou pedir a chuva e o sol quando escassear a água ou a luz sobre as plantações, contemplar os cachos que amadurecem, estando presente com justiça na hora da colheita trazendo para casa os frutos, provando com tudo isso que eu também posso ser útil. (NASSAR, 1989, p.188-189)

No início da adolescência, entre as bucólicas paisagens e os gracejos juvenis, André descobrira os apelos do corpo e, para abrandar o seu desejo, elegeu uma cabra para com ele compartilhar suas primeiras experiências sexuais. O narrador descreve liricamente o encontro com a cabra Sudanesa (chamada por André carinhosamente de Schuda), decidindo que, por meio dessa relação, demonstrava sua capacidade de amar, começando pelo o amor de uma criança pelo animal, e transformando esse amor em desejo que culmina no sexo:

Mas não era uma cabra lasciva, era uma cabra de menino, um contorno de tetas gordas e intumescidas [...] era uma cabra faceira, era uma cabra de brincos, tinha um rabo pequeno que era um pedaço de mola revestido de boa cerda[...] era uma cabra de pedra, tinha nos olhos bem imprimidos dois traços de tristeza, cílios longos e negros, era nessa postura mística uma cabra predestinada. (NASSAR, 2004, p. 18-19).

Para André, o momento especular em que descobre o sexo, e tendo a cabra como sua cúmplice, serve-lhe de tenso prenúncio de desejo, como se Sudanesa, com características humanas, também o desejasse.

Sudanesa foi trazida à fazenda para misturar seu sangue, veio porém coberta, veio pedindo cuidados especiais, e, nesse tempo, adolescente tímido, dei os primeiros passos fora do meu recolhimento: saí da minha vadiagem e, sacrílego, me nomeei seu pastor lírico: aprimorei suas formas, dei brilho ao pêlo, dei-lhe colares de flores, enrolei no seu pescoço longos metros de cipó-de-são-caetano, com seus frutos berrantes e pendentes como se fossem sinos; Schuda, paciente, mas generosa, quando uma haste mais tímida, misteriosa e lúbrica, buscava no intercurso o concurso do seu corpo. (NASSAR, 2004, p. 19)

Entre masturbações e desejos, assim liberados, na cabeça de André latejava intensamente o troféu mais cobiçado, o amor de Ana, sua irmã. Outra singularidade narrativa também é empregada na descrição das festas realizadas na fazenda do pai. O romance de Raduan Nassar, traz impressas muitas características mitológicas. Além do encontro com o Édipo Rei, originariamente composto por Sófocles, do rei de Tebas acossado pela culpa inconsciente, também anotemos a *Lavoura arcaica* a aproximação com rituais de adoração a Dioniso, deus grego do êxtase, do entusiasmo e do vinho.

Apesar do ambiente rigoroso, que traduzia a exclusividade de atmosfera paterna, enuncia-se um hiato, uma brecha na rotina da família propensa à transgressão, e esse momento de ultrapassagem ocorria com as festas promovidas pelo pai. Nessas festas dionisíacas, o rigor, a ordem e os limites ficavam de fora dando lugar à abundância, inclusive de gestos e de falas. Tudo começava com a permissão paterna, e era o pai que iniciava a dança. Pelo filtro das lembranças de André, percebe-se que esse seria o único momento em que o pai sorria e se revelava no mesmo nível dos outros familiares, tudo acontecendo regado a muito vinho e música, num bosque atrás da casa da família. Também nessas festas as pessoas de fora do círculo familiar podiam entrar e desfrutar dos encontros, e, assim, as meninas se arrumavam com a intenção de encontrar o amor entre os rapazes que frequentavam a dança:

[...] e num jorro instantâneo renasceram na minha imaginação os dias claros de domingo daqueles tempos em que nossos parentes da cidade se transferiam para o campo acompanhados dos mais amigos, e era no bosque, atrás da casa [...] e era sublime essa alegria com o sol descendo espremido entre as folhas e os galhos, se derramando às vezes na sombra calma através de um facho poroso de luz divina que reverberava intensamente naqueles rostos úmidos, e era então a roda dos homens se formando primeiro meu pai de mangas arregaçadas arrebanhando os mais jovens, todos eles se dando rijo os braços, cruzando os dedos firmes nos dedos da mão do outro [...] (NASSAR, 1989, p. 27).

As festas, a um tempo domésticas e dionisíacas, representavam momentos de pulsões liberadas, de embriaguez. As mulheres surgiam sensuais, dançando com volúpia, as feições mudavam e tudo parecia permitido na celebração. Era uma trégua nas regras e naquele instante todos os interditos estavam suspensos e abertos à transgressão, pois, conforme Bataille (1987),

[...] a festa é por excelência o tempo *sagrado*. Ela não significa necessariamente, como a que acompanha a morte do rei, acima citada, a suspensão maciça dos interditos, mas em tempo de festa, o que é habitualmente proibido pode sempre ser permitido, às vezes exigido. Há na festa uma inversão dos valores do tempo ordinário [...]. (BATAILLE, 1987, p. 64)

As festas aconteciam como uma forma de escape ao trabalho diário. Afinal, não se pode viver somente dos afazeres rotineiros, senão a sociedade humana seria somente o mundo do trabalho. Simultaneamente ou sucessivamente, a festa é “composta pelo mundo profano e pelo mundo sagrado, que são complementares [...]” (BATAILLE, 1987, p. 63). As festas quebravam a regularidade da fazenda do pai, e, após elas, tudo voltava ao normal. A permissão para a festa consistia em conter os excessos diários, manter a ordem e evitar a transgressão na família nos dias comuns.

Respeita-se como transgressão a ruptura daquilo considerado regra ou padrão. Bataille (1987) denomina-a de interdito, exemplificando com as proibições impostas pelo cunho religioso, social, moral, etc. Nas festas se rompem os paradigmas da ordem estipulada pelo pai. Transgride-se com a língua, com as palavras, da mesma forma que se infringe com o corpo nas danças sensuais, pois, segundo Bataille (1987), “Não existe interdito que não possa ser transgredido. Frequentemente a transgressão é admitida, frequentemente mesmo ela é prescrita” (BATAILLE, 1987, p.59). Quanto maior o interdito, mais as transgressões se tornam iminentes.

Georges Bataille (1987) discorre sobre o movimento de transgressão, que é constante. Quando se desobedece, também se restabelece o interdito, até este irromper novamente em nova infração. Por esse ângulo de análise,

Os homens são em um mesmo tempo submetidos a dois movimentos: o terror, que intimida, e a atração, que comanda o respeito fascinado. O interdito e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: o interdito intimida, mas a fascinação introduz a transgressão. O interdito e o tabu não se opõem ao divino senão num sentido, mas o divino é o aspecto fascinante do interdito: é o interdito transfigurado. (BATAILLE, 1987, p.64).

A narrativa ficcional de Nassar ainda deixa expresso outro elemento vinculado a Dioniso, que é o vinho. As transgressões estão a ele atreladas, como nas celebrações báquicas, em que ficam evidentes o uso do vinho e as conseqüentes transformações das pessoas após bebê-lo. Principalmente em André se percebe uma presença dionisíaca, com o vinho fazendo emergirem momentos revolucionários e de conflito, como se o desequilíbrio estivesse atrelado a um domínio superior. Através da bebida e da embriaguez, o protagonista de *Lavoura arcaica* dá vazão às suas ideias, realimentando o objeto de seus desejos. Conforme Nietzsche (2005, p. 08), a arte dionisíaca, “[...] repousa no jogo com a embriaguez, a pulsão da primavera e a bebida narcótica [...]”. Para transgredir será necessário apenas sair de si e penetrar um novo universo, ser conduzido a outro elemento.

A celebração a André, após seu regresso à casa paterna, reinsere algumas características das festas oferecidas a Dioniso, entrecruzando, mais uma vez os traços do deus com o protagonista. No romance, descreve-se a cena báquica da seguinte maneira:

[...] Já transportavam contentes garrações de vinho, correndo sucessivas vezes todos os copos, despejando risonhas o sangue decantado e generoso em todos os corpos, recebido sempre com saudações efusivas que eram o prenúncio de uma gorda alegria. [...] Logo, meu velho tio, velho imigrante, mas pastor na sua infância, puxou do bolso a flauta, um caule delicado nas suas mãos pesadas, e se pôs então a soprar nela como um pássaro, suas bochechas se inflando como bochechas de uma criança, e elas inflavam tanto, tanto, e ele sanguíneo dava a impressão de que faria jorrar pelas orelhas, feito torneiras, todo o seu vinho, e ao som da flauta a roda começou (NASSAR, 2004, P. 184-5)

Nietzsche, no livro *Visão dionisíaca do mundo*, descreve de modo semelhante os festejos e rituais oferecidos ao deus Dioniso, assim reverberando a presença da mitologia pagã na obra de Raduan Nassar:

As festas de Dioniso não firmam apenas a ligação entre os homens, elas também reconciliam homem e natureza. Voluntariamente a terra traz seus dons, as bestas mais selvagens aproximam-se pacificamente: coroados de flores, o carro de Dioniso é puxado por panteras e tigres. Todas as delimitações e separações de casta. Que a necessidade e o arbítrio estabeleceram entre os homens, desaparecem: o escravo é homem livre, o nobre e o de baixa extração unem-se no mesmo coro báquico [...].(NIETZSCHE, 2005, p.8-9)

A comparação da festa com o culto a Dioniso serve para demarcar o instante da entrega total, do esquecimento dos valores e paradigmas, substituídos pela busca do prazer imediato. Ao retratar as festas dionisíacas, Nietzsche (2005) praticamente exalta a liberdade de todos através das transgressões. O mesmo acontece no romance de Nassar (1989), durante

as celebrações, André ficava afastado do grupo. Mesmo com todos comungando do vinho, não parecia a ele o suficiente participar se sentir acolhido entre os familiares, até porque, segundo previa, as intenções do pai permaneciam as mesmas: controlar a família, mesmo nos momentos dos festejos.

E como André permanece à espreita, não aceitando o vínculo com a família, encontra no vinho uma forma de expandir a personalidade, demonstrando o que nele não era comum. Afinal, “o servidor de Dioniso precisa estar embriagado e ao mesmo tempo ficar à espreita de si. O caráter artístico dionisíaco não se mostra na alternância de lucidez e embriaguez, mas sim em sua conjugação.” (NIETZSCHE, 2005, P.10). A distância permitia ver a família sob um novo viés, assim como também perceber que a paixão pela irmã era completamente correspondida.

André é movido por um desejo que o leva além das barreiras da compreensão comum, o desejo pela irmã, de possuí-la, de tê-la nos braços e consumi-la. Isso está presente no relato que faz ao irmão Pedro e nas memórias registradas no decorrer do livro. Nessas memórias, André apresenta duas Anas distintas: a menina camponesa e inocente e a Ana da festa, mulher voluptuosa e sensual:

[...] e não tardava Ana, impaciente impetuosa, o corpo de campônia, a flor vermelha feito coalho de sangue prendendo de lado os cabelos negros e soltos, essa minha irmã que, como eu, mais que qualquer outro, trazia a peste no corpo, ela varava então o círculo que dançava e logo eu podia adivinhar seus passos precisos de cigana se deslocando no meio da roda, desenvolvendo com destreza gestos curvos entre as frutas, e as flores dos cestos, só tocando a terra na ponta dos pés descalços [...] (NASSAR, 1998, P. 29)

Ambas essas Anas são objeto de desejo de André, até porque este percebia, através de suas observações sobre a família, que havia algo a mais na irmã, intuindo a mulher que se escondia por trás dos véus, conforme sua narração: “Ela sabia fazer as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua a sua peçonha e logo morder o cacho de uva que pendia em bagos túmidos de saliva enquanto dançava no centro de todos” (NASSAR, 1998, p. 29). Aliás, observar é o passatempo favorito de André, sobretudo nas celebrações. Como um expectador, camuflado entre a terra, a vegetação e as árvores, fica a espreitar a irmã Ana, seu olhar prevendo os movimentos dela e, a cada ação executada, sua atenção captando os menores detalhes, a exemplo da flor vermelha nos cabelos e a postura sensual. Dessa forma, André percebe que Ana, como ele, carrega a semente da diferença.

Quando o desejo do protagonista atinge o ápice, condensando-se em um tesão incontrolável, a única forma que André encontra para conter a fúria interior e sua vontade reprimida é voltar a abrigar-se em meio à natureza à sua volta, cavando a terra com os pés descalços e sentindo as folhas das árvores a fim de descarregar na terra seu desejo reprimido:

[...] e eu nessa postura aparentemente descontraída ficava imaginando de longe a pele fresca do seu rosto cheirando a alfazema, a boca um doce gomo cheia de meiguice, mistério e veneno nos olhos de tâmara, e os meus olhares não se continham, eu desamarrava os sapatos, tirava as meias e com os pés brancos e limpos ia afastando as folhas secas e alcançando abaixo delas a camada de espesso húmus, e a minha vontade incontida era de cavar o chão com as próprias unhas e nessa cova me deitar à superfície e me cobrir inteiro de terra úmida [...] (NASSAR, 1998, P. 29)

Segundo Gilles Deleuze e Félix Guatari (2010), o desejo é um fluxo que se acopla e se fragmenta em um movimento constante. Logo, se André acompanha o bailar da irmã e a deseja, esse fluxo de desejo por ora é ampliado ou interrompido com o contato com a terra, ora esse mesmo desejo se transfere para essa Terra. Como aborda Deleuze & Guatari (2010): [...] O desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxo contínuo e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, flui e corta [...] (DELEUZE & GUATARI, 2010, p.16).

Assim interpretado, o desejo é movimento binário entre o objeto desejado (Ana) e quem deseja (André). E as ações para possuir o objeto desejado, que ocorre em fluxos, que se acoplam, mas não permanecem, acabam gerando a fragmentação. O corpo enquanto máquina desejante, possui fluxos que se juntam, crescem, evoluem, ao contrário do corpo sem órgãos, que se torna infértil, improdutivo, inerte, perdendo, assim, a sua potencialidade. O corpo de André, ao encontrar o objeto de desejo, torna-se um corpo sem órgãos, amorfo, pois com Ana ele não teria, em tese, a oportunidade de crescer, germinar e produzir. Esse corpo perde sua funcionalidade, pois sem órgãos, gera repulsão do outro corpo com órgãos.

[...] As máquinas órgãos, o corpo sem órgão opõe sua superfície deslizante, opaca e tensa. Aos fluxos ligados, conectados e recortados, opõe seu fluido amorfo indiferenciado. Às palavras fonéticas, ele opõe sopros e gritos, que são outros tantos blocos inarticulados. Acreditamos ser este o sentido do recalçamento dito originário: não um “contrainvestimento”, mas essa repulsão das máquinas desejantes pelo corpo sem órgãos. (DELEUZE & GUATARI, 2010, p.21).

As ligações edípicas de André iniciam-se com o desejo pela mãe. A representação do mito de Édipo vem sendo propagada desde tempos imemoriais. Marilena Chauí (1991), no livro *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*, refaz o percurso do mito desvelado por

Sófocles e utilizado até hoje na contemporaneidade, como parâmetro para avaliar alguns distúrbios psicológicos e sexuais de nossa época.

Édipo, para os helenistas, revela características de uma obra clássica, pois carrega os elementos principais tradicionais de uma tragédia. Além de tudo, conduz a pistas durante toda a narrativa sobre o problema trágico. Personagens simbólicos que, aos poucos, revelam o delito, além de tudo, incorporam os julgamentos, divino (a punição da cidade com o caos e a peste, o suicídio da mãe e a cegueira de Édipo) e a justiça humana: o banimento e a perda do stáтус de rei.

Foi a partir da tragédia épica de Sófocles, que Freud, desenvolveu sua teoria do complexo de Édipo, cuja explicação psicanalítica teria início quando a criança, geralmente do sexo masculino, percebe pertencer a uma triangulação, entre a mãe, o pai e ele. Acontece na primeira infância, e aos poucos, vai se diluindo, e o que leva a essa rescisão é o insucesso em atingir o alvo. Ao perceber que a mãe/pai é inatingível, a criança vai desistindo da sua busca.

Freud explica que o menino tem uma predisposição a conhecer seu órgão genital mais cedo e, ao explorá-lo, é punido pelos pais, ou adultos que o cercam, surgindo desse episódio a sua primeira castração. Ao conhecer o corpo feminino, esse menino percebe a falta do pênis e supõe que, assim, como a menina perde o pênis, ele também perderá o seu, desse processo que dará origem à segunda castração. Observa-se que o complexo de Édipo ocorre concomitantemente com a primeira infância, quando o menino pensa em tomar o lugar do pai com a mãe (e para isso o pênis exercerá papel ativo) ou, no caso da menina, excluir a mãe e ser amada pelo pai. Em ambas as hipóteses, a proibição leva ao complexo da castração. Diante do dilema de viver o ápice amoroso parental ou ser castrado, ou perder seu pênis, imediatamente insufla o ego da criança a abrir mão do complexo de Édipo sublimando-o. O processo se institui primeiro na autoridade do pai, que se fixa no superego do filho e assim tornando difícil a concepção do incesto. Vale ressaltar que essas tendências são dessexualizadas, embora ganhem ênfase no processo libidinal. Freud destaca que:

A observação analítica capacita-nos a identificar ou adivinhar essas vinculações entre a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do superego e o período de latência. Essas vinculações justificam a afirmação de que a destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração. (FREUD, 1996, p. 197)

Na menina o complexo se configura diferentemente. Ao ver o pênis, ela imagina ter perdido o objeto em seu corpo, e assim castrada, ou mutilada, à projetar no pai não o desejo de excluir a mãe, mas de possuir algo a mais, no caso um bebê.

Ao analisar essa formação do complexo de Édipo, Chauí (1991), abrange outros autores, como Lacan, que escreve sobre a repressão ao complexo de Édipo, interpretando que essa é a primeira vez que a criança se depara com uma lei, a lei do falo-do-pai. Descoberta a repressão sexual, a criança será incentivada a suprimir o desejo em face da realidade. A superação do complexo de Édipo depende não só do comportamento dos pais e da família, mas também do sucesso da criança para suprimi-lo, pois o complexo, se apenas reprimido ou recalçado, retornará mais tarde de forma patológica.

Chauí (1996) destaca a ideia de Levi-Strauss, que estratifica o mito para esclarecer uma verdade universal: o Édipo seria a explicação maior para o interdito do incesto. Para a autora a proibição do incesto demarca a passagem da natureza à cultura, estabelecendo as regras do parentesco e suas alianças. Esclarece Chauí (1991): “A lei do incesto torna-se válida apenas quando são reconhecidas a não-autoctonia e a diferença sexual, portanto, quando se consoma a ruptura com a Natureza, tornando possível o advento da cultura.” (CHAUI, 1991, p. 74)

No entendimento dos autores citados por Chauí (Lacan e Levi-Strauss), o complexo de Édipo é crucial para o ser humano, pois é o momento em que a criança se humaniza. A criança entra no mundo da realidade a partir do complexo, e para isso se identifica, adquire o dom da linguagem que passa a representar algo para si. O motivo pelo qual não se deve estagnar o complexo ou reduzi-lo apenas a uma função meramente sexual. A falha nos mecanismos do complexo também pode levar a problemas mentais e às neuroses. A cultura incita o desejo, mas, ao mesmo tempo, o oculta. Para sobreviver em sociedade, é preciso conter os desejos, e, contudo, estamos dispostos a uma enxurrada de tentações.

A tragédia do rei Édipo, utilizada como primeira referência de representação do interdito ao incesto pode ser trazida para analisar o personagem André, e mediante a amostragem do legado edipiano, bem como a ampliação do seu calvário.

Fugindo aos preceitos desse medo e dessa castração, André se autointitula um epilético, aquele que se encontra aquém de todos da família, “ [...] Nosso irmão é um epilético, um convulso, um possesso e conte também que escolhi um quarto de pensão pros meus acessos e diga nós convivemos com ele e não sabíamos [...]” (NASSAR, 1989, p. 40). O corpo sem órgãos, conforme definido por Deleuze & Guatari (2010), está fora da produção que quer se acoplar em uma combinação binária de máquinas desejantes. Mas do corpo sem órgãos só escorrem fluidos que deixam rastros fétidos, que se acoplam sem totalidade e sem combinação e se desfazem em uma fragmentação destrutiva.

Observando a árvore genealógica da família de André, Ana, sua irmã, será a única mulher a ocupar o lado esquerdo da mesa (o lado que simboliza a mãe) a mesma com características semelhantes às da mãe. Logo, o desvio do desejo se torna ativo e comum, tanto a ela quanto ao irmão caçula (Lula). Quem André também oferece seus afetos, masturbando-o quando descobre sua iniciativa em também fugir de casa. Num exercício de projeção e expectativa, Deleuze & Guatari, refletindo sobre o trajeto de Ana, diriam que:

[...] ela desloca a si própria, no sentido de que a inscrição edipiana não se impõe na síntese de registro sem reagir na síntese de produção e transformar profundamente as conexões desta síntese ao introduzir novas pessoas globais. Essas novas imagens de pessoas são a irmã e a esposa, depois do pai e da mãe. Com efeito, observou-se frequentemente que a proibição existia sob duas formas – uma negativa, que atinge sobretudo a mãe e impõe a diferenciação; outra, positiva, que diz respeito a irmã e comanda a troca (obrigação de casar com outra mulher que não seja a minha irmã, obrigação de reservar minha irmã para outro) [...] (DELEUZE & GUATARI, 2010, p.99).

André é um Édipo que conhece o seu legado, e abre as portas para recebê-lo. O protagonista de *Lavoura arcaica* não repeliu suas necessidades ou seus impulsos e decide construir uma nova Tebas na fazenda sagrada e regida pelo pai. Para o verdadeiro Édipo, seu legado estava oculto, podendo-se dizer que houve um empurrão do destino para toda a tragédia. Ainda assim, mesmo desconhecendo o seu “pecado”, ele se deparou com a cidade em que governava em decadência, com seu povo morrendo em consequência da peste.

Tu bem vês que Tebas se debate numa crise de calamidades, e que nem sequer pode erguer a cabeça do abismo de sangue em que se submergiu; ela perece nos germens fecundos da terra, nos rebanhos que definham nos pastos, nos insucessos das mulheres cujos filhos não sobrevivem ao parto. (SÓFOCLES, 2005, p. 06)

A maldição era injusta, mas ele pagou com sangue, não só do seu pai Laio, assassinado por suas próprias mãos, como também o sangue de sua mãe (e esposa) Jocasta, que se suicida, cabendo a si o castigo de viver na escuridão não só da cegueira dos olhos como também da sua alma. “Oh! Ai de mim! Tudo está claro! Ó luz, que eu te veja pela derradeira vez! Todos sabem: tudo me era interdito: ser filho de quem sou, casar-me com quem me caseie e eu matei aquele a quem eu não poderia matar! (SÓFOCLES, 2005, p.86). Tudo para que a cidade de Tebas pudesse reflorescer, mediante o pecado purificado.

Já a outra Tebas, recanto de André, padecia de um outro mal, que aos seus olhos era a falsa união da família pregada pelo pai [...] “ele falou ainda dos anseios isolados de um em casa, mas que era preciso refrear os maus impulsos, moderar prudentemente os bons” [...]

(NASSAR, 1989, P. 22). Uma vida sob ordens e imposições, é como uma represa que contém as águas de um rio extremamente caudaloso, que vai além de suas potências, e de repente chega a um limite em que as barreiras não mais contem o fluxo das águas e se rompe. Assim se assemelha a educação paterna de André, chega o momento em que os ensinamentos, a metodologia austera não podem mais conter a enxurrada, e a desestruturação, por consequência acaba ocorrendo na visão de André. O que o pai não percebia era que a união pela qual ele tanto se batia e tanto acreditava, há muito tempo não existia em sua casa, e isso André, como astuto observador, já tinha percebido desde muito cedo:

[...] a nossa desunião começou muito mais cedo do que você pensa, foi do tempo em que a fé me crescia virulenta na infância e eu era mais fervoroso que qualquer outro em casa, eu poderia dizer com segurança, mas não era hora de especular sobre os serviços obscuros da fé, levantar suas partes devassas, o consumo sacramental da carne e do sangue, investigando a volúpia e os tremores da devoção [...] (NASSAR, 1989, p. 24)

O incesto cometido por André é intencional. Daí a emergência de um novo Édipo, ou o anti-Édipo consciente de seu legado, mas disposto a transformá-lo, percebendo que as diferenças fazem parte do percurso, negando o direito de salvar sua Tebas e antes destruí-la. Contudo, a Terra que se mancha com a mácula do incesto não tem como ser fecundada, e o desfecho não pode ser outro diferente da tragédia. Tal fim já era agourado pelo próprio André “[...] porque então esses caprichos, tantas cenas, empanturrar-mos de expectativas, se já estava decidida minha sina?” (NASSAR, 1989, p.117) - e pelo Édipo original: “Ó nuvem sombria, execrável treva que caiu sobre mim, escuridão pavorosa e sem remédio! Ai de mim! Como me traspasam as dores do meu sofrimento e a lembrança de meu infortúnio!” SÓFOCLES, 2005, p. 93).

André não renuncia ao realismo biológico, ao contrário de Édipo, que renunciou para salvar seu povo. Ao renunciar o realismo perde o objeto de desejo, pondo de lado as relações sociais e precisando conviver com a repressão e recalque do desejo inconsciente, na opinião de Chauí:

A morte de Laio na encruzilhada que levava a Tebas é toda ela um episódio altamente simbolizado. A encruzilhada: a escolha do caminho. Laio impedindo Édipo de trilhar o caminho: o pai assassino, objeto mau que joga a criança fora da estrada da vida. O assassinato de um velho com o golpe de bastão do jovem: o falo de Édipo destruindo o de Laio. O filho oralmente insatisfeito precisa da relação genital com a mãe, o que só se pode conseguir através do parricídio. (CHAUÍ, 1991, p. 73).

Em *Lavoura arcaica*, André institui uma nova ordem na família, desconstruindo a autoridade do pai e manchando suas mãos de sangue. O parricídio acontece de forma ideológica, rompendo com as leis e crenças estabelecidas pela família. E, mudando o rumo de culpas e castrações, aqui quem sofre e quem é punido é o pai. Como o Rei Édipo paga com sangue, sua culpa ancestral, André cobra esse sangue da sua família, e é das mãos do patriarca que sai o golpe fatal que ceifa a vida de Ana. A família em desespero lamenta, chama pelo pai.

Pai!
 E de outra voz, um uivo cavernoso, cheio de desespero.
 Pai!
 E de todos os lados, de Rosa, de Zuleika e de Huda, o mesmo gemido desamparado.
 Pai!
 Eram balidos estrangulados.
 Pai! Pai!
 Onde a nossa segurança? Onde a nossa proteção?
 Pai!
 E de Pedro, prosternado na terra.
 Pai! [...] (NASSAR, 1989, 191-192)

A família para quem o pai era à base de tudo, o alicerce amalgamado que sustentava a união, que pregava a ordem, a paz e agora estava ruindo, incrédula ante o ocorrido lavava as mesmas mãos que usava para o trabalho, para a educação, agora estavam manchadas de sangue. André fixa o pai como o centro de toda a tragédia, culpado dos desvios da família, o pai culpado por sua sina, sua trajetória e sua desgraça, desde o começo, o pai algoz e alvo. Deleuze & Guatarri (1997) analisam a posição do narrador do livro *Carta ao pai*, de Franz Kafka, e este também aponta o pai como culpado:

O pai com a cabeça inclinada...: não somente porque é culpado, mas porque torna o filho culpado, e não para de julgá-lo. Tudo é erro do pai: se tenho problemas de sexualidade, se não chego a me casar, se escrevo, se não posso escrever, se nesse mundo baixo a cabeça, se tive que construir um outro mundo infinitamente desértico. (DELEUZE & GUATARI, 1977, p. 15).

Segundo esses autores, a ação do pai é como um ciclo que prolifera e passa de geração a geração. O personagem André percebe essa ramificação principalmente tendo como espectro o avô, que passa o legado ao seu pai, e deste, para o irmão mais velho, Pedro,

identificado por André como sucessor do legado do Pai, restando a ele nenhuma semelhança. Se assim se percebia, é porque não pretendia assumir nenhum legado como parte do pai.

Para o pai, a família significava sua reterritorialização, o seu lugar de pertença, já que saiu de seu país de origem, deu as costas a algumas tradições, e agora precisava sentir-se seguro. “[...] o pai preserva o amor e a estima por seu filho é porque ele próprio enfrentou em sua juventude algumas das potências diabólicas, correndo o risco de ser vencido.” (DELEUZE & GUATARI, 1977, P. 20). A fazenda é espaço insular que permite a expansão de seus domínios,

[...] pois o Pai enquanto judeu que deixa o campo para se restabelecer na cidade, está sem dúvida preso dentro de um movimento de desterritorialização real; não deixa porém, de se reterritorializar, em sua família, em seu comércio, no sistema de sãs submissões e de suas autoridades. (DELEUZE & GUATARI, 1977, p. 20).

O incesto é a desterritorialização para André. Após o ato, a família não tem mais como continuar como antes, tudo muda. A fuga de André não representa apenas a culpa pelo incesto. É também uma forma de romper com os domínios do pai, exilar-se da fronteira, onde o patriarca exercia seu poder, para não poder ser julgado nem punido, por ele. A autoridade do pai é a extensão do poder exercido, centro e razão dos acontecimentos, o que move o funcionamento da casa, o que mantém ainda que precariamente, a harmonia do lar, o amparo dos filhos, o que silencia a mãe, pois, conforme Deleuze & Guatari:

[...] por outro lado, não é surpreendente que o pai retorne constantemente nos delírios atuais sob formas menos reconhecíveis e mais ocultas, pois que ele sempre retorna em toda parte e de maneira mais visível nos mitos antigos e nas religiões, que exprimem as forças ou mecanismos que agem eternamente no inconsciente [...]” (DELEUZE & GUATARI, 2005, p. 81).

Percebe-se a extensão de domínio do pai (Iohaná) similar ao poder atribuído ao Deus bíblico: onipotente, onisciente e onipresente. Os olhos do Pai estão em todos os lugares, sua presença sentida, pressentida, e seu poder temido por todos. André, um resistente além da edipinização, pois profere para si o destino negado pelo mítico Rei Édipo, longe da castração e mergulhando numa vida que traz consigo o caos, desordem. E por mais que tente fugir da sua sina, a sombra sempre o perseguirá, como já prenunciando a palavra do pai “MAKTUB”, está escrito.

Uma das opções de André seria abster-se do incesto, e se manter distante do objeto de desejo, conter impulsos e pulsões. Como afirma Bataille (1987), porém, no movimento do

desejo, muitas vezes afastar-se do objeto desejado pode ocasionar o movimento contrário (ou seja, a drástica, ou em alguns casos, eliminação) do nosso desejo. Afinal, declara Bataille:

[...] como é bom ficar longamente diante do objeto desse desejo, nos mantermos em vida no desejo em vez de morrer indo até o fim, cedendo ao excesso de violência do desejo. Sabemos que a posse desse objeto que nos queima é impossível. De duas coisas, uma, o desejo nos consumirá, ou o seu objeto cessará de nos queimar. Só possuímos sob uma condição, que pouco a pouco o desejo à nossa que ele nos dá se acalme. Mas é preferível a morte do desejo à nossa morte. (BATAILLE, 1987, p. 133).

Porém, André mantém a linha sob o risco de se perder. E, se para obter Ana é preciso transgredir, passar por cima dos limites, enfrentar a morte, ele escolhe, “[...] a ruptura dos limites [...], se for preciso, a forma de um objeto. Nós nos esforçamos para tomá-la como objeto. Por nós mesmos vamos até o fim, embora forçados, resmungando contra a morte [...]” (BATAILLE, 1987, p. 132). O seu veredicto estará tomado e, para a sua transgressão há de assumir o castigo, cruzar os umbrais da morte, conquanto, não a morte física. Assim como Édipo Rei, o destino de André é vagar com a culpa e o sangue por entre as mãos.

1. 4 MEMÓRIA DO INCESTO: EM NOME DO PAI

Ao nos deparar com o narrador de *Lavoura arcaica*, percebemos sua solidão mais íntima e desesperadora. O romance é narrado em primeira pessoa. André se torna porta-voz de sua própria história, e para conduzir o solitário leitor pelas nuances dos dilemas que narra, é necessário que ele próprio desperte suas mais vívidas memórias, através das quais desencadeia o discurso, narrativo, dirigido não só para seduzir e convencer Ana, como também o leitor.

Essas memórias trazem à tona toda a problemática do romance: o sofrimento, a angústia, a transgressão, a revolta, como também momentos de tranquilidade e alegria, até porque, se o personagem não as evocasse os fatos não emergiriam à superfície. Santo Agostinho (2000) declara que algumas memórias afloram automaticamente, muitas vezes sem que as invoquemos. Em outras oportunidades, é necessário ir buscá-las, enquanto que, em algumas outras memórias se escondem, se fragmentam, diluem-se, ou nem sempre despontam numa ordem lógica. Como afirma o teólogo das *confissões* (2000),

Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero. Umas apresentam-se imediatamente, outras fazem-me esperar por mais tempo, até serem extraídas, por assim dizer, de certos receptáculos ainda mais recônditos [...]”(AGOSTINHO, 2000, p. 267).

André inicia a narrativa descrevendo seu encontro com o irmão mais velho, Pedro, enviado pela família, com a missão de resgatá-lo após a fuga da casa paterna. Ao ver o irmão, as memórias sobressaltam o protagonista-narrador, e ele percebe que, mesmo estando sozinho, Pedro traz consigo o estigma de toda a família.

Era meu irmão mais velho que estava a porta; assim que ele entrou, ficamos de frente um para o outro, nossos olhos parados, era um espaço de terra seca que nos separava, tinha susto e espanto nesse pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que era, e não nos dizíamos nada, até que ele estendeu os braços e fechou em silêncio as mãos, fortes nos meus ombros e nós nos olhamos e num momento preciso nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo [...] mais uma vez eu senti a força poderosa da família desabando sobre mim como um aguaceiro pesado[...] (NASSAR, 2004, p. 09)

André identifica ainda no irmão a reprodução das atitudes do pai, como também o discurso daquele, as metáforas de valor moral, tentando persuadi-lo pela força da palavra, principal arma para convencê-lo a regressar ao lar, onde a família, em tristeza profunda, o espera:

[...] meu irmão pôs um sopro quente na sua prece pra me lembrar que havia mais força no perdão do que na ofensa e mais força no reparo do que no erro, deixando claro que deveriam ser estes anverso e reverso sublimes do bom caráter, cabendo, por ocasião de minha volta, o primeiro à família, e o reparo do meu erro cabendo a mim, o filho desgarrado; “você não sabe o que todos nós temos passado esse tempo da tua ausência, te causaria espanto o rosto acabado da família[...] (NASSAR, 1989, p. 22-23).

Astutamente, Pedro invoca a redenção para André e, para convencê-lo, usa como argumentos o perdão da ofensa, e o abatimento da família, como se dessa forma pudesse gerar algum sentimento em André que o fizesse mudar de ideia. A narrativa e a história não seguem um fluxo linear. Em alguns momentos, as lembranças de André remetem a um passado remoto, a imagens da infância, enquanto em outros, os lapsos da memória, voltam ao presente, como se o narrador se utilizasse de evocações apenas para explicar ou justificar os acontecimentos do seu relato. Durante o embate discursivo com o irmão Pedro, André se perde em devaneios. Como ilustra Auerbach (2011), referindo-se ao gesto de retorno, na Cicatriz de Ulisses, muitas vezes esse regresso da narrativa acrescenta fatos a uma realidade

preexistente, ou será um recurso para retardar a narrativa e esclarecer os fatos que estarão por vir: “ [...] o elemento retardador, o ‘avançar e retroceder’ mediante interpolações, também a mim parece estar na poesia homérica, em contraposição ao tenso impulso de uma meta[...]” (AUERBACH, 2011, p. 3). Assim, as palavras de Pedro não surtem o efeito desejado, pois André tem consciência de seus atos, sabe o que o levou àquele quarto de pensão, e utiliza a memória para conduzir Pedro ao caminho da percepção sobre os reais motivos da sua diáspora.

A realidade não penetra na memória, e sim sua representação. Por isso, ao entrarmos em contato com algo, ao nos permitir lembrar, a imagem se consolida e acaba fixando-se na memória. Esse mecanismo, com certeza, é pleno e perfeito, excetuando-se em alguns casos, como afirma Jaques Le Goff (1996), quando a memória falha, dando lugar ao esquecimento.

Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia não é só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 1996, p. 425)

O esquecimento não afeta somente o indivíduo em si, mas compromete toda uma memória coletiva, causando grandes prejuízos ao grupo social, pois a memória individual recolhe os fragmentos que formam a memória coletiva. No entanto, encontra-se o esquecimento se refugia no patamar da memória, conforme Santo Agostinho (2000), enquadrando as doenças que citadas por Le Goff (1996), e que pertencem à memória. Indaga o Santo:

Que é esquecimento senão a privação da memória? E como é então, que o esquecimento pode ser objeto da memória se, quando está presente, não me posso recordar? Se nós retemos na memória aquilo de que nos lembramos, e se nos é impossível, ao ouvir a palavra “esquecimento”, compreender o que ela significa, a não ser que dele nos lembremos, conclui-se que a memória retém o esquecimento. (AGOSTINHO, 2000, p. 275).

Na análise da narrativa *Lavoura arcaica*, observamos que o sexo tem lugar de destaque, sobretudo na vida de André, que narrador e protagonista, conduz o leitor por esquivas memórias da libido desde sua meninice, da ingenuidade dos afagos da mãe às descobertas da puberdade, a masturbação e o encontro sexual com a cabra Sudanesa, desembocando na cópula incestuosa com a irmã Ana.

De acordo com Morin (1997), o desejo faz parte da memória, pois, produto da imaginação, pode ser real (ou não) o objeto desejado: “quando deseja intensamente, você não somente forma um retrato mental daquele que deseja, mas pode verdadeiramente sentir como é que foi (ou poderia ser) estar perto da pessoa” (MORIN, 1997, p. 95). Mas desejo também está ligado a proibições e obstáculos. Quanto mais difícil de alcançar, mais o desejo aumenta e desperta a fantasia.

Essa disputa de desejos é ponto de partida para o embate entre pai e filho no romance de Nassar. Temendo apossar-se de algo tão grandioso, que viria ser a mãe. André acaba por se render à paixão por Ana como forma de compensação. Ana é uma parte da mãe, uma das filhas que mais representa-a, e podendo vir a ser sua extensão. Somente por essa forma compensatória o protagonista conseguirá sublimar o desejo.

Por falar em desejo, a narrativa sempre destaca André entre os irmãos, pois, pelas lembranças, é comum entrever sucessivas instâncias do desejo, a começo do que se abstrai do trabalho com a terra obcecado com a ideia possuí-la. O símbolo da terra, aflorado nessas lembranças, desperta desejo e ócio. Deitar-se na terra para senti-la e deleitar-se com a sensação de tê-la sob seu corpo e de cobrir-se com as folhas das árvores, “amainava a febre dos meus pés na terra úmida, cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra eu dormia [...]” (NASSAR, 2004, p. 11). Em outras seções narrativas, André relembra que, ao se desviar do trabalho, dirige-se ao reduto da terra para se masturbar. Aliás, a masturbação abre a cena de *Lavoura arcaica*, com o personagem, sempre ávido de prazer, buscando o gozo através da prática solitária da memória sexual icônica:

Eu estava deitado no assoalho do meu quarto, numa velha pensão interiorana, quando meu irmão chegou pra me levar de volta; minha mão, pouco antes dinâmica e em dura disciplina, percorria vagarosa a pele molhada do meu corpo, as pontas dos meus dedos tocavam cheias de veneno a penugem insipiente do meu peito ainda quente. Minha cabeça rolava entorpecida enquanto meus cabelos se deslocavam em grossas ondas sobre a curva úmida da fronte [...] (NASSAR, 2004, p. 07-08)

Tal comportamento insólito e extravagante, bem diverso do que envolve os outros irmãos (mais velhos) de André, desenhados de forma recatada e submissa ao pai. Os irmãos mais novos (Ana e Lula) representam a latência mais próxima de André, pois ansiavam por desejos e novas experiências. Num inquietante jogo de linguagem, intercalando entre a prosa e a poesia, o narrador descreve os momentos de ápice no enlace entre ele e Ana, enquanto fazem amor, os irmãos unos, funcionando de acordo com os comandos da natureza, tudo se

tornando mágico e, num fluxo contínuo de trocas, tudo desaparecendo, e se renovando. Esta seria a culminância de um desejo, tão ansiosamente acumulado:

[...] E era Ana ao meu lado, tão certo, tão necessário que assim fosse, que eu pensei, na hora fosca que anoitecia, descer ao jardim abandonado da casa velha, vergar o ramo flexível de um arbusto e colher uma flor mais antiga para os seus joelhos; em vez disso, com a mão pesada de camponês, assustando dois cordeiros medrosos escondidos nas suas coxas, corri sem pressa seu ventre humoso, tombei a terra, tracei canteiros, sulquei o chão, semeiei petúnias no seu umbigo; e pensei também na minha uretra desapertada com um caule de crisântemo, e fiquei pensando que muitas vezes, feito meninos, haveríamos os dois de rir ruidosamente, espargindo a urina de um contra o corpo do outro, e nos molhando como há pouco, e trocando sempre através das nossas línguas laboriosas a saliva de um contra a saliva do outro, colando nossos rostos molhados pelos nossos olhos, o rosto de um contra o rosto do outro, e só pensando que nós éramos de terra, e que tudo que havia em nós só germinaria em um com a água que viesse do outro[...](NASSAR, 2004, p. 113)

A linguagem utilizada para narrar o ato sexual merece um destaque especial. Reunindo elementos líricos, o narrador descreve a cena incestuosa relacionando as partes do corpo aos elementos da terra, unindo ambos, e fazendo-os parte de uma mesma lavoura. O trecho expressa a experiência da germinação, através do amor sexual entre irmãos vivendo em plena primavera. Liricamente, a cena redesenhada o trauma e a repulsa que o incesto poderia provocar ao leitor, suavizando-o com nuances sensoriais da linguagem.

Morin (1997) ressalta a necessidade de quebrar tabus em face de casos de restrições. Desde cedo o homem tem suas energias despertadas para o desejo sexual, mas, ao descobri-lo, geralmente na infância, ele é cercado por imposições sociais e morais, que permitem o surgimento de barreiras ocasionalmente transgredidas por espíritos indômitos. Afinal,

Toda sociedade tenta limitar o comportamento sexual. Essas restrições culturais não somente definem e reforçam os ideais e costumes da comunidade, mas também tem outra função que não é conscientemente pretendida: fornecem barreiras prontas que qualquer pessoa pode usar para intensificar suas excitações. (MORIN, 1991, p.102)

Na narrativa em estudo, André almeja, todo o tempo, o prazer proibido. E ao alcançá-lo não se arrepende, nem se intimida, pois, seu único receio é a repulsa de Ana e por isso decide abandonar a casa. Após o incesto André, inicia seu calvário através da fuga e do expurgamento do seio familiar. Na obra, ainda se observa, com frequência, distintos olhares refletindo o desejo, que se concentra,, através de Ana e da Mãe, nas festas quando a abertura

carnal fica mais evidente. André é um *voyeur*, mantendo-se na espreita, analisando a forma sibilante dos corpos durante as danças, os movimentos frenéticos dos quadris, dos pés, e o atíçar da terra complementando esse cenário dionisíaco. E em meio a toda algazarra de corpos, a orgia se estabelecia em sua cabeça e se perpetuava na memória.

Mesmo criado sob critérios morais rígidos, princípios religiosos e os sermões paternos, o protagonista não se deixa dominar por preceitos defendidos pelo pai e pela religião. André observa o comportamento de seus irmãos, que seguem uma obediência cega e sem questionamentos às imposições patriarcais, e se sente diferente, ou seja, a ovelha negra da família, o doente que precisa se isolar para não contaminar os demais, conforme ilustra o seguinte trecho:

[...] Nosso irmão é um epilético, um convulso, um possesso e conte também que escolhi um quarto de pensão pros meus acessos e diga sempre “nós convivemos com ele e não sabíamos, sequer suspeitamos alguma vez” e vocês podem gritar num tempo só “ele nos enganou, ele nos enganou” e gritem quanto quiserem, fartem-se nessa redescoberta, ainda que vocês não deem conta da trama canhota que me enredou [...] (NASSAR, 1989 p. 40).

Nassar cria um personagem que transcende seu ambiente habitual. André revela uma constante crise identitária na sua constituição, tentando adequar ambiente, coisas e pessoas à sua vontade. Ao perceber que sua ideologia não era apreciada por ninguém, ele passa a lutar contra tudo e todos, criando um universo regido por ele mesmo, onde somente suas regras seriam plausíveis, dessa maneira podendo a tudo dominar, satisfazer apenas as próprias vontades.

Após o incesto, ainda sob o impacto dos acontecimentos, André, tenta convencer a irmã de que ambos fizeram algo grandioso, próximo do sagrado, e isso se reflete na linguagem persuasiva, a que não falta, até, uma pitada de ironia:

[...] foi um milagre o que aconteceu entre nós, querida irmã, o mesmo tronco, o mesmo teto, nenhuma traição, nenhuma deslealdade, e a certeza supérflua e tão fundamental de um contar sempre com o outro no instante de alegria e nas horas de adversidade; foi um milagre, querida irmã, descobrirmos que somos tão conformes em nossos corpos, e que vamos com nossa união continuar a infância comum, sem mágoa para nossos brinquedos, sem corte em nossas memórias, sem trauma para a nossa história; foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família [...] (NASSAR, 1989, p. 118)

O discurso do narrador prenuncia o incesto como algo divino e milagroso, com o poder de unir e fortalecer os laços da família. Seguindo esta constatação, André apela para dois pontos fracos de Ana: a religião e a família. Seus argumentos servem para convencê-la e dissuadi-la de sucumbir aos objetivos morais alheios. O amor pela família justificaria o ato e também poderia contribuir para salvá-los da autodestruição, já que ele, André, sempre seria “o filho torto, a ovelha negra que ninguém confessa, o vagabundo irremediável da família [...]” (NASSAR, 1989, p. 118). Defende-se, portanto, que, a partir da união incestuosa estaria nascendo um novo homem, capaz de “madrugar com nossos irmãos, seguir o pai para o trabalho, arar a terra e semear, acompanhar a brotação e o crescimento, participar das apreensões da nossa lavoura[...]” (NASSAR, 1989, p. 119). Nas mãos de Ana o narrador André deposita responsabilidades pela promoção da felicidade da família e pela redenção de ambos.

Colocar-se na posição de enunciador do discurso, segundo Michel Foucault (1999), é sempre uma tarefa árdua, mas necessária. André se coloca na condição do enunciador a fim de persuadir a irmã. Ana se nega ao recurso do debate, mas seu silêncio permite o discurso desvairado do irmão. “Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível, talvez de maléfico.” (p.6). Aliás, em todo o romance é perceptível o silenciamento feminino (tema que será tratado no último capítulo da dissertação), dado que, em *Lavoura arcaica*, a concessão da palavra, em alguns raros momentos, à mãe, significa arriscar-se na ordem do discurso, a subverter a ordem do discurso vigente, ou seja, a voz do patriarca.

Foucault (1999) caracteriza o discurso como usado pela sociedade de forma controlada. Não se pode falar tudo abertamente, por que é preciso filtrar o que se diz para não causar desavenças e antes preservar a harmonia entre os indivíduos. Diz o filósofo:

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm como função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 9)

Na narrativa, André inverte essa ordem, não privando seu discurso, e antes desabafando com palavras ditas de forma sincera, sem se preocupar com os resultados ou consequências de sua fala. Foucault (1999) ainda relaciona o discurso às relações de poder, reconhecendo-o como válido mediante a posição de quem o profere. O discurso passa a ter

uma maior valia de acordo com o poder de quem discursa principalmente, se este ocupa um cargo alto. Como é visível no romance de Nassar, a relação de hierarquia paterna permite que o chefe, o patriarca emita sermões moralistas com a intenção de consolidar valores na família. sempre reativo, André rebate as palavras do pai, utilizando-se dos mesmos sermões para confirmar que “a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família” (NASSAR, 1989, p. 118). Ao tempo em que transgride a ordem, André subverte o poder, atraindo para suas mãos e revelando suas próprias razões e vontade: [...] “Eu também tenho uma história, pai, é também a história de um faminto, que mourejava de sol a sol sem nunca conseguir aplacar sua fome, e que de tanto se contorcer acabou por dobrar o corpo sobre si mesmo alcançando com os dentes as pontas dos pés; sobrevivendo à custa de tantas chagas, ele podia odiar o mundo”[...] (NASSAR, 1989, p. 157- 158). Para melhor subverter, o protagonista utiliza-se da parábola do faminto (utilizada pelo pai), sendo, contudo, um faminto que não sacia sua fome, que não se basta de humildade para conseguir abrandar a fome insaciada. O discurso de André é também insaciável e ganancioso, movido por uma força propulsora de vingança, que é ódio.

Após o regresso à casa paterna, a capacidade argumentativa de André se expande. Se antes, presenciava os monólogos do pai, a partir do instante do regresso, um diálogo se estabelece, assim como um surdo entre ambos, demonstrando que o personagem rompeu as travas que o mantinham calado e partiu para o ataque, como mostra o diálogo tão eloquente e franco, quanto tenso com o pai:

- Meu coração está apertado de ver tantas marcas no teu rosto, meu filho; essa é a colheita de quem abandona a casa por uma vida pródiga.
- A prodigalidade também existia em nossa casa.
- Como, meu filho?
- A prodigalidade sempre existiu em nossa mesa.
- Nossa mesa é concedida, é austera, não existe desperdício nela, salvo nos dias de festa.
- Mas comemos sempre com apetite [...] (NASSAR, 1989, p. 156-157)

Segundo Foucault (1999), o discurso do excluído, é justamente o discurso da loucura. O louco, não se deve levar em conta, pois não tem credibilidade, conforme a opinião geral. André enquadra seu discurso como o de um “louco, convulso, epilético”, e ao enquadrar o discurso no patamar da loucura, viabiliza formas de negar veracidades, simulando descréditos da palavra ou, mais astutamente, alcançando a liberdade para dizer o que pensa sem os possíveis julgamentos.

Assim, em princípio, a verdade (sua verdade) não era levada em conta. O discurso do louco era desconsiderado, também porque apenas a palavra do pai era considerada como sempre, seria a voz da razão. O embate pai-filho dá lugar ao duelo entre razão e loucura. Por isso, o ataque direto aparenta intenção de investigar o discurso paterno para desmascará-lo, trazendo à tona as lacunas e as brechas que já se prenunciavam ante a ameaçada harmonia familiar.

A despeito da afronta ao pai, da instabilidade das emoções, André demonstra a carga de amor que ele carrega pela família, suas atitudes valendo como finalidade de retorno ao seio da família, voltar a ser um filho “normal”, vivendo em comunhão com a terra e participando dos afazeres da fazenda com os demais irmãos. O laço intenso familiar que marca a obra *Lavoura arcaica* gera uma obsessão em André, que o faz ver na irmã a única possibilidade de manter a harmonia e perpetuar a pureza da família. Ou seja, não seria necessário incorporar novas pessoas ao núcleo familiar, pois a relação entre André e Ana seria suficiente para a unidade da família. Para André, o amor, mesmo interdito, o transformaria em um novo homem. Ao invés de se manter no ócio a que se habituara, ele se ergueria para contribuir nas atividades cotidianas da lavoura, daria mais atenção aos seus pais e seria uma pessoa enfim alegre e disposta. Ilustra essa perspectiva a seguinte passagem do romance:

[...] As coisas vão mudar daqui pra frente, vou madrugar como nossos irmãos, seguir o pai para o trabalho, arar a terra e semear, acompanhar a brotação e o crescimento, participar das apreensões, da nossa lavoura, vou pedir a chuva e o sol quando escassear a água ou a luz sobre as plantações, contemplar os cachos que amadurecem, estando presente com justiça na hora da colheita, trazendo para casa os frutos, provando com tudo isso que eu também posso ser útil. (NASSAR, 1989, p.188-189)

A mudança de André não seria desinteressada, pois teria como prévia recompensa o amor, nascido no interior do lar, como um prêmio a que já tinha direito. Mais uma vez, André deixa transparecer em seu discurso que os objetivos individuais estão acima de tudo e de todos. Para alcançar o objeto de seu desejo passaria por cima de todo tipo de regra ou convenção e assim seu troféu estaria pronto para ser exibido, simbolizando seu triunfo final.

Mesmo buscando a vitória, André revela, através de suas palavras, o quanto já esperava pelo desfecho negativo: “[...] porque então esses caprichos, tantas cenas, empanturrar-mos de expectativas, se já estava decidida minha sina?” (NASSAR, 1989, p.117). Isso não o impede, porém, de partir com força para uma enxurrada de enunciados a fim de convencer a irmã a comungar de seus desejos. André opta pela ousadia em mudar o

próprio destino, mesmo obtendo como resposta a destruição do lar e o arruinamento físico, moral e psicológico da mulher a quem ele dizia tanto amar.

2. A FAMÍLIA ENTRE CONFLITOS, ABISMOS E FRONTEIRAS

O presente capítulo objetiva analisar a estrutura familiar na narrativa de *Lavoura arcaica*, atentando para o embate entre tradição e modernidade e as mudanças provocadas com essa transição. Sabemos todos que as mudanças da modernidade alcançaram várias instituições, com destaque para a família, centro dessas mudanças.

A família foi evoluindo e ganhando novos contornos, características e definições. A família retratada por Raduan Nassar (1989) no romance aqui citado é além de tradicional, baseada no homem-pai chefe absoluto e incontestado da família. É ele quem exerce o poder e quem toma todas as decisões referentes à sua família, enquanto a mulher- mãe será apenas a dona de casa atarefada com os afazeres domésticos e o cuidado com as crianças. Os filhos obedecem e seguem a lida estipulada pelo pai, com exceção de André, quebra a tradição, nega os valores instituídos e, mais ainda, tenta viver um amor incestuoso com a irmã Ana.

Mesmo aparentando o conservadorismo, a família desponta com traços de modernidade, sofrendo destas algumas interferências, dentre as quais a fuga do espaço sagrado e demarcado pelo pai, a lavoura, e a opção por um mundo profano e aberto a novas possibilidades e prazeres. Outro elemento latente na construção da família na obra é a ordem hierárquica. O pai busca a homogeneização dos filhos, mas seu empenho se frustra tão logo percebe a impossibilidade manter algo incontível ao que estava prescrito. A desobediência, as paixões e a desunião prenunciavam o fim da calma e o início da tragédia.

É perceptível no romance *Lavoura arcaica* a existência de um projeto de modernidade transgressora erigido pela figura do narrador-personagem André. Segundo Giddens (2002), a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas, ao tempo em que oferece poucas oportunidades de ajuda sobre as opções à disposição. Na modernidade, se há escolhas, há dificuldades em escolher. Por seu turno, as escolhas de André serão decisivas para a condução dos acontecimentos em curso do romance.

Ao analisarmos a obra de Nassar, não há como evitar o confronto familiar representado. A família é o centro de todas as relações, de todas as transgressões e de todas

as lutas para mantê-la intacta. É através da família que nasce a vontade pelo trabalho, pela união e pelo sacrifício. O narrador de *Lavoura Arcaica* conta sua história, abordando um contexto familiar bastante comum e tradicional: o pai, a mãe e os sete irmãos, que vivem afazeres e rotinas numa fazenda. Tudo seria tranquilo, se o narrador-personagem, André, não nutrisse uma avassaladora paixão por sua irmã Ana, e não se sentisse tão compelido a contrariar os desígnios paternos. É a partir desse núcleo de disputas que o narrador guia o leitor por suas incômodas memórias, pondo a nu os conflitos que surgem no seio da família, desencadeados principalmente pela obsessão do protagonista em contestar a austeridade do Patriarca.

O do discurso moral do pai e seus sermões ocorriam na hora das refeições. O patriarca pregava parábolas de teor moral e aproveitava os momentos para ressaltar a união da família e a divisão de trabalhos. As orações também estavam presentes à mesa e nada se movia sem a permissão do pai, imagem da onipotência. As fronteiras se estabelecem na divisão hierárquica do pai, que detém absoluto, ficando a mulher silenciosa e relegada aos trabalhos domésticos enquanto os homens ao trabalho braçal. Essas fronteiras determinam o abismo que se instaura na família,

Contudo e a esse contexto de exclusões que André reage identificando as lacunas (abismos) que se formavam. Assim como o homem moderno, André é um jogador, que se atreve por caminhos mais difíceis em busca de mudanças. Nem sempre essas mudanças soam positivas, mas o risco entranhado no personagem impele-o a ações de confronto e por muitos momentos de decisão oposta ao absolutismo familiar.

2.1 EMBATES ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA FAMÍLIA ARCAICA

O conceito de família sobrevive por séculos e séculos. A história registra que, desde tempos remotos, as relações familiares, documentam a presença entre as pessoas, de laços consanguíneos. Por isso, é difícil encontrar alguém que, não tenha alguma experiência em falar de família, como afirma Prado (1981):

[...] todos sabem o que é uma família, já que todos nós somos parte integrante de alguma família. É uma entidade, por assim dizer, óbvia para todos. No entanto, para qualquer pessoa é difícil definir esta palavra e mais

exatamente o conceito que engloba, que vai além das definições livrescas. (PRADO, 1981, p. 08)

As mudanças operadas na modernidade alcançaram várias instituições, e a família está incluída no centro dessas mudanças. Aquela família tradicional, centrada na figura de um chefe e da mulher como dona de casa, responsável pela educação dos filhos foi evoluindo e ganhando novas características e definições. Dentre elas, a mulher passaria a exercer a função de chefe da família, tanto na questão das funções do lar, tanto no trabalho remunerado fora de casa. Outro ponto de mudança, reside na ausência da figura paterna, ficando a cargo da mulher conduzir e administrar a instituição.

É fato que o homem, desde o seu nascimento está ligado intrinsecamente à família. Pode-se dizer que, por motivos naturais, essa instituição hoje abrange o indivíduo, seja para a perpetuação da espécie ou apenas para escapar da solidão. A verdade é que a família é a primeira instituição ao qual o homem já nasce vinculado, mas os conceitos sobre a família, cada vez amplos acompanham a própria evolução do homem e da sociedade. Em toda a sua história o homem se sobrepôs à natureza e dominou a produção de alimentos. Dessa forma evoluiu e se expandiu o desenvolvimento da família, que segundo Friedrich Engels (1984), no livro *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, acompanhou esse processo. Engels divide a evolução humana em três fases: selvagem, barbárie e civilização. Na fase selvagem, o homem ainda se encontra em um nível grotesco, sem condições de moradia fixa e se alimentando de caças. Aos poucos encontrando novas formas de se expandir, de criar materiais para caça e pesca, o homem veio a desenvolver suas habilidades braçais, principalmente a cerâmica, assim transcendendo à barbárie.

Ainda na barbárie aconteceram as maiores adaptações do homem, ao clima, ao ambiente, fauna e flora, que fizeram o diferencial para o avanço do continente e para as transições antropológicas. A partir desse momento, o homem começa a se agrupar, a criar animais e a produzir o seu próprio alimento, e esse processo irá marcar a transição para a civilização, principalmente com o advento da escrita. Como registra Engels (1984), o homem “passa à fase da civilização com a invenção a escrita alfabética e seu emprego para registros literários. Essa fase, que, como dissemos, só existiu de maneira independente no hemisfério oriental, supera todas as anteriores juntas, quanto aos progressos da produção [...]” (ENGELS, 1984, P. 26).

Na civilização, o grau de parentesco era definido pela consanguinidade. O que não era um traço distintivo nas outras fases, torna-se-ia comum agrupar pessoas sem consanguinidade

e estabelecer uma família. Dessa forma, Engels (1984) aborda o progresso da família, pontuando o dinamismo das mudanças como um elemento ativo que foi se transformando junto com o homem e ganhando características e especificidades com a forma de vida civilizada. Segundo acentua Engels (1984):

"A família", diz Morgan, "é o elemento ativo; nunca permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado. Os sistemas de parentesco, pelo contrário, são passivos só depois de longos intervalos, registram os progressos feitos pela família, e não sofrem uma modificação radical senão quando a família já se modificou radicalmente." (ENGELS, 1984, P. 30).

As mudanças na família ocorrem concomitantemente com as mudanças da sociedade e o parentesco também irá se modificando a partir das novas necessidades. Observando os animais, Engels (1984) discorre sobre a união humana, como se a evolução do matrimônio também fosse acontecendo à medida que o homem se transforma e transcende as fases bárbara e selvagem. As relações sexuais têm um peso grande nessas definições, principalmente quando se refere à promiscuidade e à troca de parceiros. O incesto segundo o autor, retrata a concepção das relações sexuais sem entraves, sem limites, que, à medida que o homem vai civilizando, vai moldando seus instintos. Comparado aos selvagens, porém ainda existem resquícios dessa prática: "O mesmo acontece com a ideia de incesto. Não só na época primitiva irmão e irmã eram marido e mulher, como também, ainda hoje, em muitos povos é lícito o comércio sexual entre pais e filhos [...]" (ENGELS, 1984, P. 36)

Antes da "invenção do incesto", porque o Engels aborda o incesto como uma invenção hábil e lucrativa da sociedade civilizada, havia relações entre pessoas do mesmo grupo, e não havia culpa ou medo por isso, seria comum. Dessas relações incestuosas e promíscuas, foram evoluindo para os grupos de família que se definem como: **Família consanguínea**: que é a primeira etapa da família, segundo Engels, e é formada por gerações. Todos os avôs e avós eram maridos e mulheres entre si, e essa formação irá se estendendo por todas as gerações, onde irmãos e irmãs também se tornando marido e mulher. Nessa união, não há espaço para enlaces entre pais e filhos. E essa já consta como umas das primeiras evoluções na constituição familiar. Essa é uma formação extinta, mas o resquício de sua existência é comprovado pela formação de algumas famílias havaianas.

Família punaluana: marcada principalmente pela exclusão da união entre os irmãos na família Engels (1984) enfatiza:

Se o primeiro progresso na organização da família consistiu em excluir os pais e filhos das relações sexuais recíprocas, o segundo foi à exclusão dos irmãos. Esse progresso foi infinitamente mais importante que o primeiro e, também, mais difícil, dada a maior igualdade nas idades dos participantes. (ENGELS, 1984, p. 39).

Aos poucos vão se delimitando as proibições, como a exclusão dos irmãos maternos, depois paternos e, na evolução do quadro, a extinção do casamento entre primos carnais, etc. Engels revela que esse foi um salto para a evolução da família, para sua transformação. E assim o incesto se torna definitivamente uma proibição no seio familiar.

Família sindiasmica: marcada pelo casamento entre o homem e a mulher de grupos diferentes, podendo existir a poligamia, mas sendo praticada apenas devido à condição econômica e pelos homens. As mulheres eram punidas severamente se cometessem infidelidade. Foi com as transformações desse grupo que a família (principalmente a ocidental) se constituiu e se transformou, chegando ao modelo que atualmente se conhece e se mantém apesar de mudanças e adequações ao período e sociedade em questão.

A família passa a ser chefiada pelo pai, o que promove a tomada patriarcal da família ocidental, a qual, posteriormente, pela colonização, o Brasil passa adotar, destruindo a cultura indígena (considerada selvagem pelos colonizadores).

Em uma abordagem psicanalítica sobre a origem familiar, Jacques Lacan (1981), no livro intitulado *A família: pelas bandas da psicanálise*, observa que a família se configura como uma instituição justamente por manter estruturas singulares, que remetem a uma organização social simbólica, exercendo influência nas relações sociais. As posições hierárquicas, segundo Lacan, se centram na figura do pai e da mãe, e no assegurar esses laços para as gerações vindouras, pois são eles que definirão características a serem seguidas pelos filhos.

O modo de organização da família estabelece uma relação hierárquica de poder, em que os filhos estão sujeitos à autoridade dos pais e, a partir desse contexto, seguem suas leis. Como aborda Lacan (1981),

Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura. Se as tradições espirituais, a preservação dos ritos, e dos costumes, a conservação das técnicas e do patrimônio lhe são disputadas por outros grupos sociais, a família prevalece na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da língua justamente chamada materna. (LACAN, 1981, P. 23)

A família, dentre os demais grupos, tem uma função principal na transmissão da cultura. É a partir dela que valores e costumes são passados para outras gerações, assim como na preservação de alguns outros valores e ritos de passagem. Nesse contexto, que se define como uma hereditariedade psicológica, a continuidade da família vai se perpetuando.

A estrutura familiar é uma instituição que sobreviveu aos tempos. Segundo Lacan (1981), há muito se tem pesquisado sobre a origem da família, e quanto mais recuamos no tempo mais encontraremos registros de grupos que viviam unidos em sua maioria, pessoas da mesma consanguinidade, mas, cujo fator biológico nem sempre terá sido fundamental para os agrupamentos entre as pessoas. Com a instituição do matrimônio, essa relação grupal da família biológica se manteve, principalmente com a reunião dos troncos vindos do matrimônio. Nessa constituição, o homem manteve a tradição de herdar a liderança, de comandar a família. Lacan (1981) e Engels (1984) se aproximam em seus conceitos da origem da família e sua permanência na atualidade.

Na contemporaneidade a família veio se transformando, e evoluindo dessa forma, devido sua complexidade, ficou ainda mais difícil analisar a instituição, tanto do ponto de vista observável, quanto das relações sociais e afetivas, conforme define Lacan (1981):

O grupo reduzido que compõe a família moderna não surge, com efeito, ao ser examinado, como uma simplificação mas antes como uma contração da instituição familiar. Ele mostra uma estrutura profundamente complexa, da qual mais do que um ponto se esclarece melhor pelas instituições positivamente conhecidas da família antiga do que pela hipótese duma família elementar a qual não se encontra em parte alguma. (LACAN, 1981, P. 12)

Cada família apresenta características em comum com outras, mas também individualidades e particularidades. Os formatos e as relações de parentescos são vários e diversificados. Mas nesses formatos múltiplos, encontramos pontos em comum que se identificam.

A família da narrativa em análise, peculiar e um tanto tradicional se comparada aos novos modelos de família, é constituída pelo pai (chefe da família), a mãe e os filhos, frutos do matrimônio do casal. A família conjunto de regras e padrões ditados pelo patriarca. Apesar do tradicionalismo habitual, essa família desponta com traços de modernidade. Segundo Giddens (1991, p. 13), “Com isto quero dizer que as instituições sociais modernas são, sob alguns aspectos, únicas- diferentes em forma de todos os tipos de ordem tradicional” [...]. Ou

seja, mesmo tentando manter seu padrão arcaico, a família já sofria com as interferências modernas, o que, no romance de Nassar, é projetado por André.

O pai, ao contrário, conserva uma atitude autoritária, tradicional, sobretudo nos sermões proferidos à mesa, onde manifesta a sua autoridade. No momento das refeições, as palavras do patriarca transmitem lições aos demais membros da família, emitindo parábolas moralistas, dispostas a ensinar e manter a ordem na casa.

Que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parece às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraíndo tanto como os sinos graves marcando as horas [...] (NASSAR, 1989 p 53).

Para o pai, a tradição era importante. Por isso, usa do artifício da palavra para manter a ordem e suas leis. No entender de Giddens (2002),

[...] À diferença do mero hábito, a tradição sempre tem um caráter normativo "vinculante". "Normativo" por sua vez implica um componente moral — nas práticas tradicionais, a obrigatoriedade das atividades expressa preceitos sobre como as coisas devem ou não ser feitas. As tradições de comportamento têm sua própria carga moral, que resiste especificamente ao poder técnico de introduzir algo novo [...] (GIDDENS, 2002, p. 136)

O patriarca valoriza a tradição e exclui as mudanças, pois não deseja que elas aconteçam. No contexto da família no romance, a religião possuirá influência enorme, sobretudo no que diz respeito ao estabelecimento de regras e na transmissão dos costumes passados de geração a geração. Os princípios religiosos será a bússola a guiar a linhagem familiar, e sua função será de perpetuá-los, como está bem definido nas palavras do Pai, que insiste em conservar a moral através dos ensinamentos bíblicos. Conforme Giddens (2002), [...] Quanto mais "inclusiva" uma determinada denominação religiosa, mais ela "resolve" o problema de como viver num mundo de múltiplas opções [...] (GIDDENS, 2002, P. 133), como se a religião apontasse a ele [pai] e aos filhos, uma direção a seguir, diante de tantas outras opções e escolhas que a vida oferece.

As mudanças acontecem rapidamente, e os valores pregados pelo pai são destituídos em nome do amor de André por sua própria irmã. Essa é uma das principais características de descontinuidade nos tempos modernos: o ritmo das mudanças é fundamental para desmascarar o fim da tradição e anunciar a chegada do moderno na família descrita por Nassar.

As famílias tradicionais seguiriam uma vida social de rotinas e hábitos programados. Com a modernidade essa rotina é quebrada, faltando apenas uma referencialidade interna, que são os “ciclos da vida”. Ou seja, não existe uma sequência nítida entre as gerações, pois cada uma delas encontra um modo propício e diferente de viver. Como aborda Giddens (2002):

A sucessão temporal nesse sentido retém muito pouco da ressonância dos processos coletivos de transição característicos de eras anteriores. Em contextos tradicionais, o "ciclo da vida" carrega fortes conotações de renovação, pois cada geração em grande parte redescobre e revive modos de vida de seus predecessores. A renovação perde muito de seu significado nas situações da alta modernidade onde as práticas são repetidas apenas se forem reflexivamente justificáveis. (GIDDENS, 2002, p. 137)

E na constituição familiar de *Lavoura arcaica* a desconexão de gerações fica demarcada entre os filhos. Os quatro primeiros (Pedro, Rosa, Zuleika e Hulda) mantêm o segmento do patriarca, tornando sólidos os laços de parentesco. No contexto a seguir, casar, ter filhos, continuar com o trabalho na lavoura, difundir os valores tradicionais e erigidos pelo pai, que segundo Giddens (2002),

[...] as relações de parentesco ajudavam a determinar e em muitos casos definiam completamente as decisões-chave que afetavam o curso dos acontecimentos durante toda a vida do indivíduo. Decisões sobre quando casar e com quem, onde viver, quantos filhos deseja ter, como cuidar dos filhos, como passar a velhice são alguns dos exemplos mais óbvios. (GIDDENS, 2002, p. 138)

Já na modernidade as relações familiares são distantes, os planos e projetos não abrangem mais o coletivo e assim seccionam-se as aspirações individuais, conforme Giddens: [...]“sem as referências externas fornecidas pelos outros, a vida mais uma vez surge como uma trajetória relacionada acima de tudo aos projetos e planos do indivíduo” [...] (GIDDENS, 2002, P. 138). Os três últimos filhos da arcaica lavoura (André, Ana e Lula), trazem a descontinuidade, desfazendo princípios cristalizados pela família e tentando encontrar novos caminhos a partir de suas próprias escolhas.

A quebra da tradição é fixada pelo conflito familiar através do incesto. André e Ana levados por desejo e paixão recíprocos, sucumbem ao ato sexual, deixando de lado todos os deveres difundidos pela família. A quebra dos valores estabelecidos e o fim da autoridade paterna são constatados no ato mesmo cometido pelos irmãos. Assim,

A evaporação da moralidade é crucial a esses processos, articularmente à medida que as perspectivas morais são integradas de maneira segura à prática cotidiana. Pois os princípios morais são contrários ao conceito de risco e à mobilização da dinâmica do controle. A moralidade é extrínseca no que diz respeito à colonização do futuro. (GIDDENS, 2002, p. 135-6)

O incesto representa a profundidade da agonia de André que frente a escolhas que precisam ser feitas, decide tomar o caminho mais difícil. O dilema do homem moderno reside justamente em suas escolhas, pois, conforme Giddens, [...] a modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e ao mesmo tempo oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas [...] (GIDDENS, 2002, p. 79). Dessa forma, a única opção do homem moderno é escolher. Diante disso, a agonia do personagem André aumenta em consequência de sua escolha em se envolver com Ana. Ele, que já se sentia um estranho, “um estrangeiro”, após o episódio incestuoso, sente-se ainda mais deslocado e rejeitado. Ninguém da família conseguira perceber seu tormento e sua dor. Seus apelos só serão ouvidos após ele abandonar a casa. A partir desse momento, todos à sua volta notam-lhe a crise, a culpa e a necessidade de ajuda. Marshall Berman (2007), destaca lacunas na união que parecia tão sólida.

[...] Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 2007, p. 24)

Nesse cenário, é indubitável que, por trás da aparência de uma família unida, existe um abismo imenso, como insinua o desabafo de André: [...] “pertencço como nunca desde agora a essa insólita confraria dos enfeitados, dos proibidos, dos recusados pelo afeto, dos sem sossego, dos intranquilos, dos inquietos, dos que se contorcem, dos aleijões com cara de assassino que descendem do Caim” [...] (NASSAR, 1989, p. 139).

Com o peso de todos os acontecimentos, abalado e tentando seguir em frente após a sua trágica escolha, André decide abandonar a família. Muitos dos elementos da habilidade de ser capaz de "seguir em frente" são levados ao nível da consciência prática, incorporada à continuidade das atividades cotidianas. E esta continuidade fica abalada com a fuga de André. A ausência se reflete “no rosto acabado da família”. Com a sua partida, instala-se a desunião e a desestruturação da casa, o que faz com que a mãe peça ao filho mais velho, Pedro, para trazer André de volta, já que a fuga abriu feridas e abalou o alicerce familiar.

Pedro cumpre a sua missão. No retorno, André percebe que muita coisa mudou, inclusive seu pai, que, ao rever o filho, deixa transparecer sentimentos de alegria, carinho e afeição, uma atitude inesperada devido aos hábitos de austeridade do patriarca.

[...] e eu ainda ouvia um silêncio carregado de vibrações e ressonância, quando a porta foi aberta [...] surgindo, em todo a sua majestade rústica, a figura de meu pai, caminhando, grave, na minha direção; já de pé, e olhando para o chão, e sofrendo a densidade da sua presença diante de mim, senti num momento suas mãos benignas sobre minha cabeça [...] e logo seus braços poderosos me apertavam o peito contra o seu peito, me tomando depois o rosto entre suas palmas para me beijar a testa [...] (NASSAR, 1989, p. 151).

O retorno de André emblematiza a parábola bíblica do retorno do Filho Pródigo. Porém, ao contrário da parábola, esse filho não traz alegria e felicidade. “[...]Essa intenção clamava, por sua vez, pela profanação do sagrado: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da ‘tradição’[...]” (BAUMAM, 2001, p.9). A fuga desperta em André a capacidade de enfrentar o pai, de questioná-lo, e de fazer a sua voz ser ouvida. O fim da autoridade se destaca no diálogo que quebra a obediência formal, e prenuncia o fim da harmonia no lar. O retorno também traz à tona conflitos passados, deixando as feridas expostas e causando assim a tragédia final que abala todas as estruturas familiares, fazendo desmoronar de vez as aparências.

Alguns aspectos do embate se alojam no interior do personagem André, que se apresenta diferente dos demais integrantes da casa. Suas lembranças deixam explícito o repúdio ao poder exercido pelo pai e aos conceitos que ele defendia. Face à modernidade, a liberdade se esvai pelo volume de mudanças e oportunidades que surgem. No entanto, André sente-se oprimido pelo regime do seu genitor, e suas atitudes revelam um desejo impostergável de pela liberdade, o que faz Bauman (2001) assim pensar:

[...] sentir-se livre das limitações, livre para agir conforme os desejos, significa atingir o equilíbrio entre os desejos, a imaginação e a capacidade de agir: sentimo-nos livres à medida em que a imaginação não vai mais longe que nossos desejos e que nem os outros ultrapassam nossa capacidade de agir. (BAUMAN, 2001, p. 24)

Dessa maneira justifica-se também o amor incestuoso de André por sua irmã, e seu discurso mantém essa intenção, ao distorcer a concepção de família harmônica com o ato de unir-se à própria irmã. Esse comportamento demonstra um deslocamento diante das coisas,

criando contrastes de desejos do personagem sobre a família que, por alguns momentos, ele preferia distância, mas, por outros, não desejava afastar-se dela.

Na trajetória de vida de André, a falta de rituais de passagem, demarca as transições nas vidas das pessoas. Por estar disposto a “limiares abertos de experiências”, que, a crise identitária se revela mais grave e acentuada, conforme Giddens (2001):

Cada fase de transição tende a tornar-se uma crise de identidade — e muitas vezes o indivíduo sabe disso por reflexão. A vida de fato é construída em termos da necessidade antecipada de enfrentar e resolver tais fases de crise, pelo menos onde a consciência reflexiva do indivíduo for altamente desenvolvida. (GIDDENS, 2001, p. 138-9)

Tentar ser autossuficiente é a busca incessante de André. Mas o laço familiar intenso desenvolve uma obsessão no personagem, que o faz ver na irmã a única possibilidade de manter a harmonia em casa e perpetuar a pureza da família. Em outros termos, não seria necessário romper com os laços familiares, e sim fortalecê-los. Para André, esse amor o transformaria em um novo homem. Ao invés de se manter no ócio habitual, ele se ergueria para contribuir nas atividades cotidianas da lavoura, dando mais atenção aos seus pais e sendo uma pessoa mais alegre e disposta:

[...] As coisas vão mudar daqui pra frente, vou madrugar como nossos irmãos, seguir o pai para o trabalho, arar a terra e semear, acompanhar a brotação e o crescimento, participar das apreensões, da nossa lavoura, vou pedir a chuva e o sol quando escassear a água ou a luz sobre as plantações, contemplar os cachos que amadurecem, estando presente com justiça na hora da colheita trazendo para casa os frutos, provando com tudo isso que eu também posso ser útil. (NASSAR, 1989, p.188-189)

As atitudes de André podem se assemelhar às do personagem Fausto, de Goethe. Segundo Marshal Berman (2007), a história do Fausto tem sido recontada pelo tempo em várias outras narrativas, assumindo perfis distintos, todos aludindo ao advento do mundo moderno e quebra de paradigmas através de um personagem que no caso de *Lavoura arcaica*, se reconfigura na imagem de André, pois,

O que Fausto deseja para si é um processo dinâmico que incluiria toda a sorte de experiências humanas. Alegria e desgraça juntas, assimilando-as todas ao seu interminável crescimento interior; até mesmo a destruição do próprio eu seria parte integrante do seu desenvolvimento. (BERMAN, 2007, p. 77)

Evocando o modelo faústico, em que o contato com o suposto mal desenvolve uma característica de evolução e crescimento, ao sair de casa, André percebe a grandeza do mundo e o sua rotação incessante. Ao retornar para a fazenda, jamais poderia pretender ser o mesmo rapaz de outrora, pois transcendera e quebrara paradigmas. Sai do casulo da lavoura mantido pelo pai e passa a viver em meio à multidão, sendo tomado de assalto pela diversidade e complexidade da trama, coletiva. Sobre isso, o testemunho de Berman (2007), é deveras explícito:

Expande o horizonte de seu ser, da vida privada para a pública, da intimidade para o ativismo, da comunhão para a organização. Lança todos os seus poderes contra a natureza e a sociedade; luta para mudar não só a sua vida, mas a vida de todos. Assim encontra meios de agir de maneira efetiva contra o mundo feudal e patriarcal: para construir um ambiente social radicalmente novo, destinado a esvaziar de vez o velho mundo ou a destruí-lo. (BERMAN, 2007, p. 77)

Movido por tal projeto da modernidade, em que a mudança ocorre de forma voraz, as experiências surgem em cadeias e a identidade se expande, André se entrega ao novo aspirando à realização dos seus anseios e se deparando com as três metamorfoses faústicas: sonhador, André nutre o desejo pela família perfeita, pura e harmoniosa, onde pudesse se encaixar; amante, o personagem complementa seu amor incestuoso com a irmã visando através desse amor, à sua transformação em um homem melhor, um super-homem, como fomentador, ele instala a mudança na família abrindo os caminhos para a modernidade em meio à tradição arcaica perpetuada pelo pai, a partir de cujo momento, a tragédia se consumaria com a morte de Ana pelo patriarca.

A ruptura entre o tradicional e o moderno no romance *Lavoura arcaica*, é agravada pelos conflitos familiares e pelos frutos gerados por esses conflitos. É evidente que o maior problema apresentado na trama é criado pelo pai e pelo modelo de educação, mal sucedido e ditador adotado por ele, que priorizava apenas as vontades e opiniões próprias, com o intuito de preservar a família, de acordo com padrões exigidos por ele, e a todos transformando em propriedade. André é fruto da desordem, pois insubmisso, não preenchia os requisitos determinados pelo pai, queria acima tudo, filhos reprodutores de suas atitudes, o que para André, era inaceitável, porque e queria mais, queria romper com a tradição estéril e partir para uma vida que privilegiasse a liberdade de ação e movimento.

Essa imprescindível libertação é que faz com que André cresça e ganhe forças para alterar o rumo da família. A coragem, o rompimento religioso e o caráter questionador são válvulas propulsoras para que desperte o novo homem de família, capaz de transcender

limites e contaminar a família por completo, ou seja, estabelecer uma nova realidade para o mecanismo das relações familiares.

2.2 FAMÍLIA: TEMPO, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

A família na narrativa *Lavoura arcaica*, não deixa de lado símbolos que a representam, valendo lembrar as várias passagens onde se pode perceber que a família seguirá redesenhada por movimentos simbólicos, que giram principalmente em torno da mesa de jantar, do tempo, da caixa, o poder André, entre outros elementos, cada um deles, constituindo um pouco da família do narrador.

Iniciando pela mesa que é o núcleo da união da família, primeiro que, ao sentar-se à mesa, todos os membros em volta do pai, todos aproveitavam o instante para discursar e deixar aos filhos e esposa uma peculiar pedagogia dos bons costumes, com o fim de perpetuar o conhecimento passado de geração a geração, o que o pai faria, com o intuito de propagar os costumes dos seus ancestrais.

É recorrente o uso de símbolos e metáforas na literatura contemporânea, pondo em cheque o uso da razão e privilegiando a imaginação. Embora, de início, tenhamos um aspecto subentendido, ao traduzirmos o universo simbólico, poderemos ampliar a percepção acerca de uma narrativa complexa quanto a de Nassar.

Os símbolos incorporam em sua constituição, aspectos da realidade, é fato. Segundo o antropólogo romeno Mircea Eliade (1996), através dos símbolos se conhece mais a natureza humana, pois eles revelam o lado oculto da imaginação. Os símbolos não surgem do nada, e antes descendem de raízes históricas que foram se perpetuando ao longo do tempo.

As imagens, os símbolos, os mitos, não são criações irresponsáveis da psiquê; eles respondem a uma necessidade e preenchem uma função: pôr a nu as mais secretas modalidades do ser. Por conseguinte o seu estudo permite-nos conhecer melhor o homem, «o homem sem mais», aquele que ainda não transigiu com as condições da história. (ELÍADE, 1996, p.13)

Cada indivíduo traz consigo um feixe de universos simbólicos que transcendem sua época atual. Embora não se saiba e nem se conheça completamente, os mitos e símbolos existiram em um passado distante e não se perderam, mas continuam com sua carga de

significação, embora comportem alterações, mudanças preexistentes e com uma matriz que os tornam únicos.

O uso do imaginário e do simbólico libera signos para um mundo novo, desencadeando novas possibilidades e interpretações. Por esse ângulo, a obra de Nassar instiga o leitor a mergulhar no oceano simbólico, desmitificando condicionamentos e percebendo que a obra transcende o limite da razão e faz uso, com liberdade de imagens, dos símbolos e mitos, aguçando a imaginação. Em diversas passagens do romance, o autor destaca figuras mitológicas, sátiros, duendes, o deus Baco, pertencentes a uma cultura pagã, e, em outras enfatiza figuras bíblicas e as personalidades cristãs.

A mesa, de acordo com o dicionário de símbolos de Lexikon (1990), simboliza a reunião de várias pessoas para uma refeição coletiva ou comunitária, mas também pode representar a reunião de eleitos em lugar para reflexões e debates, entre outros motivos. Dessa forma, lembramos-nos da mesa principalmente quanto se remete à história bíblica da última ceia de Cristo. A mesa que comporta os escolhidos, seus apóstolos e que abriga os ensinamentos e sermões de Jesus Cristo, simboliza também lugar de aprendizado, de encontro e reflexão. Na saga do Rei Arthur, a mesa tem uma representação estratégica entre o rei e seus cavaleiros da Távola Redonda. Essa tábola era uma mesa redonda, por não ter pontas, e significava que todos que a ela se sentavam eram iguais entre si. A mesa era local das grandes decisões e inclinações para as batalhas e legados heroicos.

No romance *Lavoura arcaica*, a mesa é onde se celebra a união da família, momento de encontro e reflexão e tempo de saudar o alimento sagrado, ou vir e aprender com a palavra do pai. Ao sentar-se nela, primeiro era servido o alimento espiritual, com a prece presidida pelo chefe da família, seguida de um sermão. Após o aprendizado, servido o alimento material, saciava-se a fome. O alimento significava o prêmio conquistado através de um trabalho árduo e pela obediência diária ao chefe do clã. Durante as refeições que o pai aproveitava para enunciar parábolas ou uma metáfora moralizante que ilustrasse questões de convivência a serem seguidas pela família. Essa a tradição da família libanesa mantida a rigor pelo avô e perpetuada pelo pai. Na narrativa, o choque de culturas é evidente. Dentre as parábolas, uma chamaria mais a atenção de André: A parábola do faminto.

A lenda do faminto, resumidamente, conta a chegada de um viajante a um rico palácio, que, devido à longa jornada, estava morrendo de fome. Recebido pelo rei, este prega uma peça, ao viajante, servindo-lhe um banquete imaginário. Surpreendido pelo rei, o faminto a tudo acompanha com dissimulação, fingindo que come e bebe de tudo, sempre apreciando o alimento com palavras de agrado. Apesar da fome, o peregrino aceita gentilmente e, ao

terminar o banquete ilusório, o rei, alegre com as virtudes daquele homem, decide lhe servir a refeição real. Saciada assim a fome do pobre homem, este, no entanto, mostrara que, dentre as suas virtudes, a maior seria a paciência e a esperada recompensa: “Por tuas qualidades raras, passas doravante a morar nesta casa tão grande e tão despojada de habitantes, e esteja certo de que alimento não te há de faltar à mesa” (NASSAR, 1989, p. 83).

À mesa esse era o momento de ostentação do pai, que mostrava à família que viver dentro das leis levava à recompensa. E que lei maior o pai preconizava à família: a paciência, sua lei primordial. Era preciso paciência para plantar, colher, para comer, para aguardar os festejos, modos que os integrantes da casa deveriam guardar, principalmente ao sentar-se à mesa. Era preciso esperar todo o cerimonial para, enfim, poder ter acesso ao alimento. Não importava o grau da fome, esperar, ouvir, e comungar com a palavra do pai eram requisitos essenciais, como na parábola do faminto, a paciência precisava ser dissimulada.

[...] a paciência há de ser a primeira lei da casa, a viga austera que faz o suporte das nossas adversidades e o suporte das nossas esperas, por isso é que digo que não há lugar para a blasfêmia em nossa casa, nem pelo dia feliz que custa a vir, nem pelo dia funesto que súbito se precipita, nem pelas chuvas que tardam mas sempre vêm, nem pelas secas bravas que incendeiam nossas colheitas [...](NASSAR, 1989, p. 58-59).

Assistir ao patriarca nesses momentos significava um suplício para André. Observava a família demonstrando satisfação com o ensinamento, em volta da mesa, ouvindo e reproduzindo mentalmente a aprendizagem. Porém, a atenção de André só se pautava no pai e na sua postura: “E o pai à cabeceira fez a pausa de costume, curta, densa, para que medíssemos em silêncio a majestade rústica da sua postura”. (NASSAR, 1989, p. 60-61).

Em outro momento, André expressa a inutilidade dos sermões do pai, a palavra deste estava impregnada em tudo, e isso pesava em suas decisões e mantinha sua cabeça em crise. Os sermões causavam-lhe repulsa e revolta, pois não serviam a ele, o pai sempre tendo algo a dizer, a proferir, a julgar e a condenar, as palavras do pai eram mais fortes e duras do que qualquer agressão física, ficavam impregnadas na alma e não tinha como dela fugir. André reflete conclui que os sermões eram inúteis, pois o objetivo do pai já estava cumprido, deixando mensagens estéreis o caos existencial no filho insubmisso.

[...] era ele sempre dizendo coisas assim na sua sintaxe própria, dura e enrijecida pelo sol e pela chuva, era esse lavrador fibroso catando da terra a pedra amorfa que ele não sabia tão modelável, mas mãos de cada um; era assim, Pedro, tinha corredores confusos a nossa casa, mas era assim que ele

queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário [...] (NASSAR, 1989, p. 42).

A não aceitação da parábola do faminto parece uma hipocrisia para André: “como podia o homem que tem o pão na mesa, o sal para salgar e o vinho, contar a história de um faminto?” (NASSAR, 1989, p. 84). Envolto em revolta, tentando contrariar a palavra (lei) paterna, André recriaria novos finais para a história do faminto. Em sua lenda, o faminto, levado pelo espírito do vinho (no jogo da imaginação), contrariava suas virtudes e partia para a violência contra o rei, utilizando-se do sarcasmo e explicando que nada poderia fazer ante a embriaguez, “que queres senhor, o espírito do vinho subiu-me à cabeça e não posso responder pelo que fiz quando ergui a mão contra o meu benfeitor” (NASSAR, 1989, p. 85). A vingança do faminto revelaria uma nova lei: a impaciência. Lei que André instaura na família.

A paciência propagada pelo pai também remete a outro símbolo utilizado no romance: o tempo. Tempo e paciência andam de mãos dadas. O tempo surge de forma cíclica, pois presente em todas as ações da família, barganha do pai para moralizar os filhos. Em alguns momentos, o tempo e a mesa se sobrepõem, mostrando que o sentar-se à mesa também se faz presente com o tempo.

[...] existe tempo nas cadeiras onde nos sentamos, nos outros móveis da família, nas paredes da nossa casa, na água que bebemos, na terra que fecunda, na semente que germina, nos frutos que colhemos, no pão em cima da mesa, na massa fértil dos nossos corpos, na luz que nos ilumina [...] (NASSAR, 1989, p. 52).

Ao falar da família, o narrador intercala as ações na mesa com o tempo, e esse é, segundo o pai, a maior riqueza do homem, pois aquele que sabe utilizá-lo com sabedoria possui o maior tesouro. Em alguns momentos, a sensitiva mesa é usada para representar o tempo, para concretizá-lo, como também se utilizam da imagem do relógio e do pêndulo. Também, desenvolve de forma imagética a descrição da mesa utilizada pela família. A mesa que fora outrora uma árvore, e antes era madeira, após trabalhada e esculpida, se tornara uma mesa, esta mesma que serve a família, quanto tempo se lhe retinha aquele ambiente?

[...] onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeira uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia. [...] (NASSAR, 1989, p. 52).

É importante perceber o detalhar da mesa, como passara de geração em geração, como guardara elementos de tempo, bem anterior à família que agora fazia uso dela. E o pai retirava lições da secularidade ancestral para que o grupo familiar entendesse as relações do tempo com o mundo e com as demais coisas. Na sensível descrição, uma imagem se inscreve na cabeça do leitor, desde a árvore, à confecção da mesa e ao momento atual em que todos, sentados, se reuniam em volta dela.

Além da mesa, que configura essa perpetuação da tradição, o narrador destaca também a figura do avô, o domador do tempo, o sábio e paciente que mantinha no imaginário familiar a virtude, a união e a tradição:

[...] é na memória do avô que dormem nossas raízes, no ancião que se alimenta de água e sal para nos prover de um verbo limpo, no ancião cujo asseio mineral do pensamento não se perturbava nunca com as convulsões da natureza; nenhum entre nós há de apagar da memória a formosa senilidade dos seus traços, [...] sua descarnada discrição ao ruminar o tempo em suas andanças pela casa [...] (NASSAR, 1989, p. 58).

O avô se contrapõe ao pai, pois exalava sabedoria, e o pai tentava apenas reproduzi-la, mas não possuía a propriedade que o velho deixara viva na família. “Principalmente na palavra que evocava e que tinha grande força nas ações de André: “Maktub”- Está escrito”

Ao conceituar o tempo, Chevalier & Gheerbrant (2009), no *Dicionário de símbolos*, liga-o à eternidade, ao infinito e ao ilimitado. O tempo também, de acordo com os autores, desperta a simbologia de espera, de paciência. Remetendo a paciência à família, nota-se que o tempo também continha à lei do pai. Principalmente, quando ele aconselhava em fazer tudo no tempo certo, de não se adiantar, não se precipitar. Aguardar o tempo certo para tudo, coisa que André não fazia, mas que é um ensinamento intrínseco a toda a família.

O que o tempo tem a ver com família? A indagação está presente em toda narrativa e demonstra que o tempo era louvado como um Deus e usado como tesouro e riqueza, quem sabia usá-lo era digno de grandes promessas. Esperar o tempo certo, agir com sensatez, observar a própria natureza que tem o tempo para tudo, e assim proceder na vida.

Na mitologia grega, o tempo é representado pelo Deus Cronos. Reza a lenda que o Deus devorava seus filhos para que estes não tomassem seu poder, ficando evidente sua capacidade de destruição do tempo, que nada espera e tudo consome. Outro fator ligado ao tempo está relacionado à fazenda, que parecia incógnita, impossível de situá-la. Em alguns momentos, parece um local em uma época distante, uma fazenda feudal; em outro, próximo

da contemporaneidade. Contudo, o deslocamento temporal é priorizado. Tudo parece acontecia em um ritmo lento, descompassado com a realidade da vida moderna.

O ensinamento do tempo e da paciência pregado pelo pai, é também utilizado por André para esperar por Ana, “[...] o tempo, o tempo é versátil, o tempo faz diabruras, o tempo brincava comigo, o tempo se espreguiçava, provocadoramente, era um tempo só de esperas, me guardando na casa velha[...]” (NASSAR, 1989, p. 93). A paciência era importante para alcançar o que se almejava, pois, como dizia o pai, tudo acontece no tempo certo.

E o que acontece com Ana, a quem ele espera para possuí-la, lembrando da pomba, que caçava quando criança, colocava a armadilha e naquele momento a prática da paciência era necessária, conforme os sermões do pai, contrariando o discurso inicial de inutilidade dele.

Porque existe o tempo para aguardar e o tempo de ser ágil (foi essa a ciência que aprendi na infância e esqueci depois) e acompanhava e ia lendo na imaginação as cruzetas deformadas e graciosas, impressas nos seus recuos e nos seus avanços pelos pés macios no chão de terra; e existia o tempo de ser ágil, e era então um farfalhar quase instantâneo de asas quando a peneira lhe caía sorrateira em cima, e minhas mãos já eram um ninho[...] (NASSAR, 1989, p. 95).

O símbolo que André destaca é a pomba, na maioria das vezes à irmã. De acordo com Chevalier & Gheerbrant (2009), a pomba, na concepção cristã, representa a pureza e simplicidade, virtudes que André associa a Ana. Porém, no paganismo, a pomba é vista como símbolo do amor carnal “na acepção pagã, que valoriza de modo diverso a noção de pureza, não a opondo ao amor carnal, mas associando-a a ele, a pomba, ave de Afrodite, representa a realização amorosa que o amante oferece ao objeto do seu desejo.” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2009, p.728).

Essa dualidade de representações da pomba choca-se com a imagem de Ana que, ao tempo em que era moça casta, igualmente trazia em seu comportamento a lascívia. Essa oposição também se observa na relação entre Ana e André, irmãos e amantes, ou seja, da relação fraternal ao encontro carnal. E o tempo, mais uma vez para André será algoz e demônio, pois dele depende sofrer para dar o bote e conseguir sua presa. Esperando com paciência e driblando o tempo, assim André conduz Ana para a armadilha e a consecução do amor.

Além dos símbolos a que se recorre, André guarda uma caixa, cuja simbologia aponta para a proteção de algo de valor, que precisa ser escondido, e um segredo que não pode ser revelado. O elemento caixa não tem como não remeter ao mito de Pandora, que, levada pela

curiosidade, abre a caixa que lhe fora confiada pelos deuses e a partir daí todos os infortúnios serão lançados à humanidade. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2009), a caixa é símbolo feminino e lembra segredos interditos à abertura, ou para o qual deve-se prudência ao abrir, como afirma Junito Brandão (1999) , ao descrever o mito de Pandora:

A raça humana vivia tranquila, ao abrigo do mal, da fadiga e das doenças, mas quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra de larga tampa, que trouxera do Olimpo, como presente de núpcias a Epimeteu, dela evolveram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. Só a *esperança* permaneceu presa junto às bordas da jarra, porque Pandora recolocara rapidamente a tampa, *por desígnio de Zeus, detentor da égide, que amontoa as nuvens*. É assim, que, silenciosamente, porque Zeus lhes negou o dom da palavra, as calamidades, dia e noite, visitam os mortais. (BRANDÃO, 1999, p. 168)

Quando André começa a falar da caixa com o irmão, ele já o previne que mude a sua postura, abra a mente e reorienta seus olhos (sombrios), dispa-se dos preconceitos e deixe fluir a promiscuidade, e, através o vinho, se entregue ao mundo.

Retirando dali a caixa que logo transferi para junto dos pés do meu irmão que ia se perdendo na estufa do meu quarto, deixando já cair no chão a pala castanha do seu olhar contemplativo, e quando surpreendi, ao abrir a caixa, o gesto que nele se esboçava, me ocorreu dizer cheio de febre “Pedro, Pedro, é do teu silêncio que preciso agora, levante as viseiras, passeie os olhos, solte-lhes as rédeas, mas contenha a força e o recato da família [...] (NASSAR, 1989, p. 67)

E, como Pandora, André abre a caixa, que sempre preservara e que levava consigo na fuga de casa, mostrando seus infortúnios ao irmão. Ao abri-la, o primeiro item que dela salta é uma gargantilha que pediu a uma prostituta. Ao revelar esse segredo, André também se denuncia, pois fugira da fazenda na calada da noite para adentrar o bordel, driblando a vigilância do pai e rompendo os limites da fazenda para acalmar o corpo dos desejos. Durante a barganha com a prostituta pela posse da gargantilha, revela-se a dualidade da imagem ressaltada: um ingênuo que pede algo imundo, e a mulher que não entende que real intenção move-o querer tal objeto: [...] guarda essa fitinha imunda com você e volta agora pro teu nicho meu santinho, ela me disse com carinho, com rameirices, com gargalhadas. (NASSAR, 1989, p. 69).

Além da gargantilha, a caixa contém uma orquídea amarrotada, um pano seco, um par de ligas cor de rosa, uma pulseira. Na coleção incomum, cada item tinha um valor simbólico e, apesar disso, André revela que tudo conseguiu com dinheiro roubado ao pai, confessando

ao irmão mais velho um grande delito, o roubo para alimentar a sordidez, os vícios, o dinheiro do precioso tempo do pai, do trabalho dignificante e que ora dispndia em orgias. A caixa que guarda os segredos do filho degradado, que remonta o mais profundo do herói, recontando-lhe uma nova história da família. André entrega a caixa a Pedro, a quem pede para levá-la como presente para as irmãs. Que os objetos obscenos que antes lhe serviram, pudesse agora, revelar sua legítima intenção: rir de deboche de todos, escarnecer a tradição da família e desvelar que a harmonia doméstica o estava presa entre os itens da caixa:

[...] carregue essas miudezas todas pra casa e conte entre olhares de assombro como foi se erguendo a história do filho e a história do irmão, encomende depois uma noite bem quente ou simplesmente uma lua bem prenhe; espalhe aromas pelo pátio, invente nardos afrodisíacos; convoque então nossas irmãs, faça vesti-las [...] carregue esses presentes com você e lá chegando anuncie em voz solene “são do irmão amado para as irmãs” e diga, é importante: cuidado, muito cuidado em retirá-los deste saco, em paga aos sermões do pai, o filho tresmalhado também manda um pesado riso de escárnio [...] (NASSAR, 1989, p. 72-73)

A reação de Pedro surpreende. André que esperava um gesto mais seguro. Ao ver o choro do irmão mais velho, percebe que este encarava sua revelação como loucura. A caixa de Pandora revolucionara o mundo simbólico, a caixa de André abalaria a casa paterna. Mas havia ainda a esperança do retorno, e, para Pedro, o importante era a recuperação da união familiar. A caixa de André trouxe amarguras e inquietações, assim como Brandão (1999) destaca com o mito de Pandora: “As desgraças, porém, despejaram-se pelo mundo; resta, todavia, a Esperança, pois afinal a vida não é apenas infortúnio: compete ao homem escolher entre o bem e o mal. Pandora é, pois, o símbolo dessa ambiguidade em que vivemos.” (BRANDÃO, 1999, p178).

Quando volta para casa, André traz a caixa consigo e nota que ela some. Tenta procurá-la e encontra apenas uma liga no chão, denotando que alguém a achou e a abriu, descobrindo-lhe seus segredos mais íntimos. A pista de que algo viria a acontecer, pois ninguém comentara em casa a existência da caixa, e permanecia a incógnita de quem a pegara e subtraía.

Durante a festa em sua homenagem, André aguarda a presença de Ana, que, enfim surge vestida com todos os objetos profanos da caixa extraviada. Cada item que ele selecionou agora ganha destaque e nova força simbólica no corpo de Ana. A caixa é símbolo de seus anseios, e estes ganham vida na pessoa que ele tanto desejava. A caixa que trouxera com tanto zelo, protegendo-lhe os objetos caros aos sentidos, coletados de diferentes mulheres

(prostitutas), se personificavam agora em apenas uma pessoa. Cobiça e desejo aumentam de intensidade em André ao perceber que Ana entendeu a mensagem da caixa: “[...] eu que estava certo, mais certo do que nunca, de que era pra mim, que ela dançava (que reviravoltas o tempo dava! Que osso, que espinho virulento, que glória para o meu corpo.)” (NASSAR, 1989, p. 189).

2. 3 A FAMÍLIA E SEUS CONFLITOS

A convivência entre familiares quase nunca acontece de forma harmônica. A vivência cotidiana e a intimidade entre parentes frequentemente levam a discórdias. Mesmo predominando o amor, sempre haverá algo que desencadeia a ira, o ódio, o despeito, a desilusão, a anarquia. Na literatura remontamos casos de desequilíbrios na família, sendo comum acontecer brigas, discussões, conflitos e até mortes. Isso acontece em algumas obras, como, por exemplo, os irmãos *Esau e Jacó*, no romance homônimo de Machado de Assis. Outra narrativa que põe em diálogo o ódio entre parentes é o romance *Dois irmãos*, do amazonense Milton Hatoum, como vivem tendo inveja, ódio, ciúmes, os irmãos não conseguem lidar com as diferenças e sucumbem frente à ira. Na própria história de Caim e Abel, se destaca a rivalidade e a morte na família. Segundo Joaci Góes (2004), no livro intitulado *Anatomia do ódio*,

Já foi dito, com sarcástica propriedade, que toda família com mais de um membro gera disfunção; ou seja: é fonte de anomalias. Relações íntimas é uma fonte potencial de sofrimento, decepções e momentos difíceis. Por isso, o casamento e a convivência familiar são as maiores fontes de ódio das pessoas normais [...] (GÓES, 2004, p. 119)

O ódio na família pode ser desencadeado por más interpretações e equívocos, julgamentos e atitudes, pela oposição à hierarquia do grupo e também pelo afeto exacerbado, excesso de zelo ou proteção. Como a família é o grupo natural de convivência, onde nem sempre o sujeito pode escolher, nela se abre a disposição para uma série de problemas e conflitos. É fato que, quanto mais às pessoas são próximas, maior é a vontade de mudá-las, como afirma Góes (2004): “como as pessoas amadas são as que mais desejamos mudar, o ódio termina sendo usado como instrumento para operar essas mudanças [...]” (GÓES, 2004, p. 120). Em um ambiente familiar, mais reverberam as diferenças que envolvem o círculo

humano. Conviver com as diferenças e respeitar as individualidades torna-se dificuldades, até mesmo para pessoas de um mesmo grupo social. A necessidade de mudança, de retirar o incômodo, é que desencadeia os conflitos.

Os conflitos familiares são comuns, e surgem muitas vezes por acontecimentos corriqueiros, e que vão se acentuando, chegando ao ponto em que a separação ou a exclusão de um ente se torna sumamente necessárias. Segundo Góes (2004): “Embora se reconheça que as diferenças e as divergências são, em proporção de tamanho, uma fonte potencial de ódio, não há vida comunitária que não seja exigente da convivência entre contrários [...]”(GÓES, 2004, p. 121). Para superar essas divergências é necessário superar entraves e aprender a viver com as diferenças, pois, como destaca Joaci Góes,

Por ser o primeiro e mais importante núcleo social, a família é o espaço cultural por excelência onde se desenvolvem nossos hábitos, personalidade e aprendizado, na árdua tarefa de lidar com as coisas do mundo, em geral, e as pessoas, em particular. É natural, portanto, que incorporem, como modelares, alguns padrões de conduta observados no âmbito familiar. (GÓES, 2004, p. 121).

No seio familiar é que se inicia nosso primeiro aprendizado. Em consequência, as relações familiares são muito importantes para o desenvolvimento dos indivíduos. Observando a narrativa em estudo, percebemos conflitos intrínsecos à convivência familiar, desencadeados pelo desejo de mudança, pela não aceitação das diferenças, das regras e da hierarquia. Apesar de os maiores conflitos relatados por André acontecerem internamente, o personagem-narrador chega a externar, em alguns momentos, seus motivos de ódio. Um dos momentos transfiguração dele, reside no diálogo no quarto de pensão com o irmão Pedro. Tudo começa com a explosão de André ao lhe ser negado o vinho, o ataque epiléptico que aproveitou o pretexto para exteriorizar o que há muito tempo o incomodava. André revela a Pedro que a manifestação seria em casa, mas que escolheu a pensão para seus acessos, pois se a família o visse naquele estado o expurgaria e, percebendo seus delírios não o aceitaria em seu meio, e passaria a odiá-lo. Conclui Góes que,

[...] a menos que se trate de um fato de grande impacto, o ódio, só como exceção, nasce de um episódio apenas. De um modo geral, os episódios são a gota d'água que faz transbordar, sob a forma de manifestação odienta, os desgastes acumulados ao longo das vicissitudes. (GÓES, 2004, p. 121).

A busca pela incorporação à vida familiar seria nula, pois, no entender de André, ele era a ovelha negra, a mácula da família, mais uma vez ressaltando os seus olhos tenebrosos, e

ainda se autotransclassificando como possuindo o demônio no corpo. O desabafo de André serve para mostrar como ele se sentia diferente, o seu olhar desviado do mundo, a ausência de luz e, acima de tudo, a presença impregnante do pai. Duplamente o narrador-protagonista, denuncia:

“Eu sou um epilético” fui explodindo, convulsionando mais que nunca pelo fluxo violento que me corria o sangue “um epilético” eu berrava e soluçava dentro de mim, [...] e me lançando nesse chão de cacos, caído de boca num acesso louco eu fui gritando “ você tem um irmão epilético, fique sabendo, volte agora e você verá que as portas e as janelas lá de casa hão de bater com essa ventania e se fecharem [...](NASSAR, 1989, p. 39).

O ódio de André não é só pelo pai, ou pela família, mas, antes de tudo, ele odeia a si mesmo, a cada revelação do quanto é diferente, sem nenhuma pertença ao meio em que vive. Não espera pelo julgamento do outro, e já define sua sentença. Sabe o peso do ser diferente e como é difícil a aceitação, principalmente em sua família, que sempre abonou as virtudes e excluiu as vicissitudes.

‘Ele nos enganou’ e gritem quanto quiserem, fartem-se nessa redescoberta, ainda que vocês não deem conta da trama canhota que me enredou, e você pode como irmão mais velho lamentar num grito de desespero ‘é triste que ele tenha o nosso sangue’ grite, grite sempre ‘uma peste maldita tomou conta dele’ e grite ainda ‘que desgraça se abateu em nossa casa’ [...] (NASSAR, 1989, p. 40)

André manifesta nesse discurso desesperado o olhar, das aparências e o olhar da denúncia, um “olhar enfermiço” que via as coisas de forma divergente dos demais da casa. Aliás, esse seria o seu principal argumento: o seu olho era capaz de ver além, mas o que notava era sempre do lado avesso às virtudes. Como ao vasculhar a casa, que por sua narração sempre estava limpa, e essa era uma das ordens do pai: a exigência de limpeza. Contudo, André só conseguia enxergar o lado torpe, a sujeira da casa, encontrava nos cestos de roupas sujas o refúgio para sua excentricidade:

[...] quando afundava minhas mãos no cesto, ninguém ouviu melhor o grito de cada um, eu te asseguro, as coisas exasperadas da família deitadas no silêncio recatado das peças íntimas ali largadas, mas bastava ver, bastava suspender o tampo e afundar as mãos, bastava afundar as mãos para conhecer a ambivalência do uso, os lenços dos homens antes estendidos como salvos para resguardar a pureza dos lençóis, bastava afundar as mãos pra colher o sono amarrotado das camisolas e dos pijamas e descobrir nas suas dobras, ali perdido, a energia encaracolada e reprimida do mais meigo cabelo do púbis [...](NASSAR, 1989, p. 42-43).

À limpeza que o pai exigia, a ordem contraposta por André encontrava no cesto de roupas sujas sua prova irrefutável. Ali ele conhecia o lado vil da família e mais se aproximava deles, pois o amor, para André não se revelava na limpeza e, sim, na sujeira dos fluidos. Dessa forma ele conhecia a todos, percebia os desejos sucumbidos, a periodicidade das mulheres, os pelos dos irmãos e ainda notava algo em comum com todos eles: que o amor não se dava em sermões de moral e sim em conhecer os conflitos e enfrentá-los

Com essa astuta observação, o personagem denuncia a falsa perfeição da família, destacando-lhe os conflitos, o que o pai chamava de união e André atacava como desarmonia. A partir desse instante, André se compromete em desestabilizar a paterna integração da família. Ainda aludindo aos olhos, e às suas características sombrias, o personagem revela que, desde cedo, notara a camuflagem da união pregada pelo pai, o que levaria a decretar a sua emancipação da hipocrisia familiar.

[...] sobre essa pedra fundarei minha igreja particular, a igreja para o meu uso, a igreja que frequentarei de pés descalços e corpo desnudo, despido como vim ao mundo, e muita coisa estava acontecendo comigo, pois me senti num momento profeta da minha própria história, não aquele que alça os olhos pro alto, antes o profeta que tomba o olhar com segurança sobre os frutos da terra [...](NASSAR, 1989, p. 87-88).

A referência ao olhar, é justamente para destacar a sua excentricidade, e diferença. No rosto estrangeiro ficaria delimitada a sua estranheza, desconformidade, já que, conforme Júlia Kristeva (1994): “[...] do amor ao ódio, o rosto do estrangeiro nos força a manifestar a maneira secreta que temos de encarar o mundo, de nos desfigurarmos todos [...]” (KRISTEVA, 1994, p. 11).

A quebra dos valores da família é também um dos conflitos que André enfrenta em seu caminho. Sua ambição seria perceber com olhos de lagarto que nada era como se pensava, e determinar uma mudança de postura, como ele próprio revela, aos dezessete anos, em atitude corajosa, e a partir dela, a sensação de estrangeirismo. Como afirma Julia Kristeva (1994), no livro *Estrangeiros em si mesmo*,

[...] estranhamente o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. Por reconhecê-lo em nós, poupamos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o “nós” precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência de minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos estrangeiros. (KRISTEVA, 1994, p. 09).

O estrangeiro em André encontra o eterno dilema do desencontro. Ao fugir dessa notação de estrangeirismo, por reconhecer em si apenas a diferença e não identificá-la nos demais familiares, André se torna solitário. Sua fuga simboliza a necessidade de colocar para fora o seu estrangeiro, e dessa forma, exprimiria suspeita da família em ter nele um fruto diferente: “Ana, me escute, já disse uma vez mas torno a repetir: estou cansado, quero fazer parte e estar com todos, eu, o filho arredio, o eterno convalescente, o filho sobre qual pesa na família a suspeita de ser um fruto diferente [...]” (NASSAR, 1989, p. 124-125). Entretanto, poderia escolher ficar em casa e enfrentar a sua diferença ou fugir dela e levar consigo o que a estranheza consegue. Sua escolha é pela fuga.

Contudo, o vagar também é uma característica do estrangeirismo, segundo Kristeva (1994). No exílio, o estrangeiro constata a necessidade de encontrar algo que contemple as suas necessidades. Como não encontra esse algo, permanece no idílio incessante em que se recusa, e, ao mesmo tempo, aceita a própria diferença. Os motivos de sua fuga serão sempre o outro. O conflito fora de si, porém, reside na fragmentação de sua identidade, que não consegue encontrar abrigo em nenhum lugar. André se enquadra nesse estranhamento. Passa a sentir-se repugnado no ambiente em que vive, e dele se exila à procura de uma aceitação, que jamais irá encontrar. Vagando entre a vontade de retornar e o desejo de seguir rumo ao inacessível. Quer regressar à casa, mas não pretende sucumbir à vontade do pai.

Nas sociedades antigas, o estrangeiro era rechaçado, excluído por conta de sua diferença. Já nas sociedades modernas, com o triunfo do individualismo, o estrangeiro passa a existir dentro de si mesmo, o sujeito que se enxerga diverso e visualizando as próprias mutações. Segundo Kristeva (1994): “[...] talvez seja a partir da subversão desse individualismo moderno, a partir do memento em que o cidadão-indivíduo cessa de se considera unido e glorioso para descobrir suas incoerências e abismos [...]”. (KRISTEVA, 1994, p. 10).

Na família de André não havia diálogo, o que dificultava a comunicação. O pai monologava em seus discursos à mesa, mas não concedia aos filhos ou à esposa o dom da fala. Sua palavra era única e soberana. O silêncio também desencadearia o conflito em André, que sempre sentiu a necessidade de expor seus pontos de vista. As regras do pai não continham suas necessidades, contudo, quanto aos outros irmãos, não pareciam se abalar com as imposições. Talvez por esse motivo o conflito de André foi ainda maior, pois era único e sozinho na batalha por mudanças nos hábitos da família.

Para André a convivência na família era uma incógnita, difícil ser igual aos irmãos, doloroso não obedecer ao pai, afligia-o a consideração ao silêncio da mãe. Em alguns momentos, metaforiza essa estranha noção de convivência familiar:

E quanto mais engrossam a casca, mais se torturam com o peso da carapaça, pensam que estão em segurança, mas se consomem de medo, escondem-se dos outros sem saber que atrofiam os próprios olhos, fazem-se prisioneiros de si mesmos e nem sequer suspeitam, trazem na mão a chave mas se esquecem que ela abre, e , obsessivos, afligem-se com seus problemas pessoais sem chegar a cura, pois recusam o remédio. (NASSAR, 1989, p. 145)

O narrador descreve soluções para os conflitos na família: é a aceitação e esquecer o individualismo e pensar na coletividade. Mas adiante que, para superar as divergências, seria preciso reformular a família: "humilde o homem que abandona sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior, que é de onde retira sua grandeza, só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência [...]" (NASSAR, 1989, p. 146). Contudo, partindo do princípio de suas palavras, ele não estava disposto a deixar de lado seus interesses pessoais em prol da coletividade.

Analisando a configuração do ódio na família, Góes (2004) destaca que um conflito não se isola apenas entre os que o provocaram. Por exemplo, quando acontece uma discórdia entre dois membros do grupo, sempre se desencadeará o desafeto entre os demais. Por isso o conflito não se isola apenas nos dois membros e se estende a todos os outros. Em *Lavoura arcaica* isso pode ser comprovado com a prática do incesto, que André revela a Pedro, e este reconta ao pai que, tomado pela ira, acaba matando a filha. O conflito, assim se estendeu e afetou a todos da família.

Outro fator que desencadeia os conflitos familiares é justamente a recusa de André em aceitar a hierarquia paterna. Nas famílias com constituição paternalista, como a representada na narrativa, é constante observar o padrão em que o pai exerce o papel de chefe e comanda impositivamente as ações dos demais familiares. Na cultura árabe, Iohaná (o pai) segue uma tradição que lhe fora passada por seus antepassados. Criado seguindo rígidos padrões de uma família mulçumana, ao imigrar para o Brasil, o pai de André traz consigo as raízes de sua vivência e tenta, de uma maneira geral, perpetuar a cultura recebida aos seus filhos. Seguir a hierarquia imposta pelo pai é um dos conflitos em que vive André, que não respeita a tradição paterna, nem nela acredita, pois o que mais ele condena é a submissão.

André reprova a dominação e busca a independência. Para se ver livre às vezes, é comum imaginar-se ou querer viver em um mundo sem hierarquias ou regras. Não mais sob o

jugo dos pais, dos chefes, dos patrões, de Deus, segundo Kristeva (1994), a pretensão à liberdade será uma característica do estrangeiro: “ser desprovido de pais- ponto de partida da liberdade? Certamente o estrangeiro se embriaga com essa independência e, sem dúvida, o seu próprio exílio inicialmente não passa de um desafio à fertilidade parental [...]”(KRISTEVA, 1994, p. 28).

Dentre os conflitos vividos pela família, a fuga de André torna-se o estopim para a reflexão sobre a constituição da família. Ao sair de casa, após o incesto, o protagonista destaca o peso da mochila, como se esta fosse o seu lado oposto, “[...] e que peso o dessa mochila presa nos meus ombros quando saí de casa; colada em meu dorso, caminhamos como gêmeos com as mesmas costas, as gemas de um mesmo ovo, com olhos voltados pra frente e olhos voltados pra trás [...]” (NASSAR, 1989, p. 32). Como se fossem dois, ao fugir de casa, enquanto o personagem caminhava seguindo em frente, o outro (a mochila) mantinha os olhos voltados para casa tal uma força propulsora disposta a fazê-lo recuar, até porque, dentro da mochila, André guardava o seu sentimento de pertença à fazenda do pai:

[...] e eu que a cada passo, me distanciava lá da fazenda, e se por acaso distraído eu perguntasse para onde estamos indo? – não importava que eu, erguendo os olhos alcançasse as paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido do qualquer dúvida: estamos indo sempre para casa. (NASSAR, 1989, p. 33-34)

Desde cedo, o caráter desviante da rotina da família se observa em André. Enquanto todos trabalhavam, ele dormia, buscava locais afastados para deitar-se na terra e deixar o tempo passar “[...] nas modorras das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá no bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida [...]” (NASSAR, 1989, p. 11). Nas festas, enquanto todos comemoravam e dançava, André permanecia inerte, afastado da algazarra, apenas observando cada movimento dos partícipes da comemoração, indiferença marca sua postura, nada parecendo atingi-lo naquela posição de soberbo desprezo.

A indiferença será outra carapaça do estrangeiro: insensível, distante, no fundo ele parece fora do alcance das agressões, que, contudo, sente a invulnerabilidade da medusa. (KRISTEVA, 1994, p. 15). O que abalava André era a presença de Ana, a sensualidade era o estopim que poderia tirá-lo do transe da neutralidade, a âncora para incorporá-lo à família. Nesse sentido, concordando com Julia Kristeva (1994),

A chama que trai o seu fanatismo latente só aparece quando ele se liga seja a uma causa, a uma profissão ou a uma pessoa. Então ele encontra nisso mais do que um país, uma fusão onde não existem dois seres, mas um único que se consome total, aniquilado. (KRISTEVA, 1994, p. 17)

A explicação muita vezes para o exílio do estrangeiro é não possuir laços, paixões ou uma causa, e por isso preferem a errância fragmentada. André mantém essa característica e seu exílio acontece por não alcançar plenamente o amor da irmã, ou seja, por não conseguir totalizar uma causa para permanecer naquele local. E isso André deixa expresso na dicotomia entre ele e o irmão Pedro, ressaltando o abismo de diferenças existentes entre ambos. Pois, enquanto Pedro tenta preservar a tradição da família, mantendo a palavra do pai acesa, acalentando o rebanho e mantendo a fazenda erguida, André transpõe os limites e marginaliza a família:

[...] era meu irmão mais velho que estava na porta; assim que ele entrou, ficamos de frente um para o outro, nossos olhos parados, era um espaço de terra seca que nos separava, tinha susto e espanto nesse pó, mas não era uma descoberta, nem sei o que era, e não nos dizíamos nada, até que ele estendeu os braços me fechou em silêncio as mãos fortes nos meus ombros e nós nos olhamos e num momento preciso nossas memórias nos assaltaram os olhos em atropelo e eu vi de repente seus olhos se molharem, e foi então que ele me abraçou, e eu senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira [...](NASSAR, 1989, p. 09).

Pedro representa toda a família em dor, no conflito em busca do filho pródigo que não retornou para casa por espontânea vontade. Por isso, André profana o irmão ao adentrar o seu lugar, o quarto de pensão. Oferece-lhe vinho, em um dia corriqueiro, já que a embriaguez pela lei da família só era permitida nas festas, “[...] conclui a minha primeira tarefa e fui logo generoso e com algum escárnio, por também em suas mãos [Pedro] um soberbo copo de vinho [...]” (NASSAR, 1989, p. 15). Pedro estava longe do seu local de origem, e dessa forma, não precisava manter as aparências, mas ele preserva a postura moral intacta, não se deturpando frente às vontades do mundo, atenuando a lacuna entre os irmãos.

Na atemporalidade de sua vida, não conseguimos situar André no tempo e no espaço. Ele está aquém da fazenda e além dos seus familiares. Distorcido será imaginá-lo pertencendo ao meio tradicional, mas imaginá-lo em outro ambiente também não será tarefa fácil. O tempo de André é indefinível e indecifrável, pois ele não pertence a nenhum lugar, ou somente à sua autointitulada “confraria dos enjeitados”.

Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente. O presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referências, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um *sursis*, de ter escapado. (KRISTEVA, 1994, p. 15).

Expondo conflitos existenciais, a insegurança ronda a postura de André, que demonstra em suas atitudes na família, principalmente na necessidade de fazer-se diferente, de não contaminar-se com os dogmas familiares. Toda a diferença exaltada revela um narcisismo invertido. Ao depreciar-se como o endemoniado, o enjeitado, o epilético, caracterizando com adjetivos opostos aos defendidos pelo pai, o verdadeiro temor de André é ser comum, e perpetuar a tradição paternalista ao qual vive subjugado. Portanto, delimitar fronteiras é sua resistência, a sua luta diária contra a *mesmice*.

Família, é nome que remete a afetividade. Essa palavra, em *Lavoura arcaica*, está descentralizada, pois é a partir da concepção de uma família unida que os conflitos se aderiram. No quinto capítulo, André retorna à sua conversa com Pedro no quarto de pensão, o irmão mais velho tenta convencê-lo a voltar para casa, utilizando como artifício o amor da família, e revelando que a fuga de André representou o marco da desunião. Contudo, André, diante da sua embriaguez, revela ao irmão que a família já estava desunida há muito tempo.

[...] a nossa desunião começou muito mais cedo que você pensa, foi no tempo em que a fé me crescia virulenta na infância e em que eu era mais fervoroso que qualquer outro em casa, eu poderia dizer com segurança, mas não era a hora de especular sobre os serviços obscuros da fé, levantar suas partes devassas, o consumo sacramental da carne e do sangue [...]. (NASSAR, 1989, p. 24).

A partir desse olhar ao avesso, do seu estrangeirismo, André consegue traçar um panorama da família, notando que os conflitos existiam e a estavam a consumindo, embora o pai tentasse, à sua maneira, conter o incêndio. Sem entender a intenção paterna, o personagem escolhe a denúncia, desestabilizando o núcleo familiar e nela instala o que entendia como verdade: a de que não houve e nem nunca haverá união na família!

3 A LAVOURA DOS AMORES TRÁGICOS

Na ciranda de amores (ou da falta deles) em *Lavoura arcaica* analisamos os laços que regem a família, e como o amor se configura no contexto dualista de ordem e desordem, afeto e caos, destacando também alguns aspectos das cenas produzidas no filme homônimo da obra. Na narrativa literária, o amor está presente em suas várias formas e manifestações. O pai, por sua austeridade, impõe o amor à ordem, à união, à lavoura e ao que o trabalho produz, além da tradição emprega para manter sua família a salvo do mundo moderno e obediente à hierarquia.

Contrapondo-se à severidade paterna, mas de forma silenciosa, a mãe extravasa afetos nos filhos, distribuindo seu amor incondicionalmente aos sete filhos, conquanto elege André como seu predileto, o filho que chamado de “coração”, a quem acorda com carícias. Apesar dos silêncios da mãe. É dela que parte a missão incumbida a Pedro de trazer André de volta, enquanto sua tristeza se agrava com a fuga do filho. É a ela que André, em suas memórias, atribui a origem dos afetos deturpados. Entre os irmãos se acentua uma divisão genealógica: os primeiros irmãos, liderados por Pedro (Rosa, Huda e Zuleika), irão seguir à risca os padrões do pai, almejar viver na fazenda, casar e perpetuar a ordem patriarcal. Os três últimos filhos (André, Ana e Lula), representarão a afetividade da mãe, preservando a descontinuidade, desfazendo os princípios planejados pela família e tentando encontrar outros caminhos em busca de suas próprias escolhas.

O amor é tema recorrente na literatura e no cinema. Facilmente podemos identificá-lo em diversificadas obras e em épocas e períodos diferentes. Falar de amor é algo que atinge a grande maioria das pessoas e, segundo Schopenhauer (2001), “[...] é por isso que se torna tão difícil despertar interesse em um drama no qual não existe uma intriga amorosa; ao contrário, mesmo tratado constantemente, o tema nunca se esgota.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 83). O filme *Lavoura arcaica*, por Luís Fernando de Carvalho, e lançado no ano de 2001, reproduz com veemência a intensidade das cenas descritas por Raduan Nassar, assim sendo, a representação do amor não acontece somente nas palavras, mas se materializa em imagens que, por vários momentos, completam as lacunas deixadas na narrativa literária. Destarte, vale a pena percorrer em análise a produção cinematografia e as configurações amorosas nela retratadas com verossimilhança.

Falar de amor, nesses tempos modernos, implica em reconhecer no indivíduo certa insegurança, ao que ele tenta se apegar, mas, ao mesmo tempo, examina a distância das

relações, porque as ligações amorosas vêm com uma série de implicações e problemas, dentre elas: a quebra da intimidade e a perda da tão aclamada “liberdade”. Segundo Bauman (2004),

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p. 06).

As relações humanas exigem a ruptura de sua particularidade. Na correria da vida, do trabalho, das competições, o indivíduo deixa de lado as aspirações amorosas. Tudo acontece tão rápido, em particular o começo e o fim de um romance. É possível até que o romance comece já prevendo um tempo estabelecido para o seu término. De uma forma geral, é como se houvesse prazo de validade para o amor. Essa instabilidade nas relações também abalou a estrutura familiar, hoje é possível notar diversas formas de famílias, algumas não mais centradas num chefe patriarcal, na mãe e nos filhos. Em *Lavoura arcaica*, a solidez da união familiar se desfaz com o incesto, ocasião em que os laços se afrouxam. O amor entre os irmãos torna-se o limiar da divisão da família. Ante nascimento e a evolução do amor proibido, abre-se espaço para a tragédia e para uma nova composição no seio familiar. De acordo com Paulo Mantegazza (1917), em seu livro *O amor: paralipomenos*, para se medir um pecado de amor, usam-se como parâmetros os códigos morais e religiosos. A igreja e a sociedade se colocaram na posição de julgar o que pode ser condenado ou absolvido.

A religião (de fato a católica) há séculos que delimitou as fronteiras que devem separar claramente o vício da virtude, o delito do exercício de um direito; e para guardar essas fronteiras, há os padres, que, com os textos sagrados na mão, sabem dizer com precisão onde se cai no pecado venial, e onde no mortal. (MANTEGAZZA, p. 09).

Apesar da convocação religiosa, o grande juiz, quando o assunto é o amor, é justamente o consenso da maioria. No entanto, aceitar um amor incestuoso, a aflição familiar, ainda é ultrajante. Por isso que, o amor de Ana e André trazem dor e ruptura da ordem familiar. Face a esse contexto, as análises a seguir terão como foco outras nuances sentimentais na obra, como destaque para a mãe e a entrega entre André e Lula.

3.1 A MÃE: ORIGEM DOS AFETOS DETURPADOS?

Amar muito os filhos, esse é o pecado da mãe? Indagar sobre o amor, logo sabemos não ser nada fácil. Uma palavra apenas ecoa, e dispara várias manifestações do dizer e do pensar. O amor é diferente para cada um, que o sente, ou nulo para indiferente a quem não o sente. Amar é salvação, mas também é tormento. Segundo Zigmunt Bauman (2004), não se aprende a amar, experiência que simplesmente acontece e, assim como a morte, não tem uma história própria, mas requisita da experiência individual para, de fato, existir, como ressalta o citado autor:

O amor e a morte não têm história própria. São eventos que ocorrem no tempo humano _ eventos distintos, não conectados (muito menos de modo causal) com eventos “similares”, a não ser na visão de instituições ávidas por identificar _ (por inventar) _ retrospectivamente essas conexões e compreender o incompreensível. [...] (BAUMAM, 2004, p.10).

São tantos os paradoxos que envolvem o amor que defini-lo se torna uma tarefa quase intransponível. Em Coríntios, o amor é explicado como algo sublime de doação e renúncia: “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. [...] Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1 Coríntios 13:4-7). No banquete de Platão, Sócrates e convidados discorrem sobre o amor, sem nunca chegarem a um consenso. Cada debatedor tem seu próprio conceito de amor e desde então não existe um parâmetro que defina concisamente tal expressão sentimental.

É comum em nossa sociedade que a paixão seja vista como algo transitório, que muda de experiência para experiência. A infinidade do amor deu lugar ao passageiro, e, com isso, amar e desamar se tornaram comuns, ou talvez a ideia de amar mudasse tanto, como se toda a sociedade, com seus fins consumistas, passasse a também consumir o amor, que poderia ser usado e descartado com um prazo de validade. Também transfigurou-se a concepção do que é amar, como afirma Baumam (2004):

Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraia seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”: Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra amor expandiu-se muito.

Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”. (BAUMAN, 2004, p. 10).

Amar então se tornou algo de fácil aquisição, porque, na atualidade, tem-se a ideia de que se consegue amar quando quer, como e onde quiser. “E assim é numa cultura consumista como o nosso, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados [...]” (BAUMAN, 2004, p. 12). O amor deixou de ser algo divino, metafísico, não havendo espaço mais para o “cupido” contemplar homens e mulheres com sua flecha da paixão. O indivíduo acredita manipular seu sentimento ao ponto de deixar-se amar à sua vontade, de forma programada e previsível. Contudo, quanto mais o homem se engrandece por possuir tais habilidades, mais poderá ser acometido pelo amor abrupto, e pelo inesperado.

Na sociedade capitalista, o amor também é visto como um negócio a ser fechado, com lucros esperados e, quando não houver mais vantagens a se extrair, é só procurar uma nova oferta. Erich Fromm (1960) destacara antes de Bauman (2004), essa necessidade consumista do amor na sociedade moderna. Assim, disse ele que: “duas pessoas se apaixonam quando sentem haver encontrado o melhor objeto disponível no mercado, considerando as limitações de seus próprios valores cambiais.” (FROMM, 1960, p. 12).

O amor na família se desenvolve primeiro com a mãe. Fromm (1960) salienta que é a mãe irá representar, desde o útero, a segurança, o afeto, e até certo período, o alimento para o seu filho, “A mãe é calor, a mãe é alimento, a mãe é o estado eufórico de satisfação e segurança [...]” (FROMM, 1960, p. 35). Por isso que a figura materna exerce tamanha influência na constituição do indivíduo. Com o passar do tempo, a criança percebe o quanto é amada pela mãe, e que esse amor é incondicional. Independente dos acontecimentos no tempo breve intercurso, o filho será amado por simplesmente ser o seu filho. Ainda segundo Erich Fromm (1960):

O amor da mãe é cego, é pacífico, não precisa ser adquirido, não necessita ser merecido. Mas há um lado negativo, também, na qualidade incondicional do amor de mãe. Não só ele não precisa ser merecido; não pode, igualmente, ser adquirido, produzido, controlado. Se existe, é como uma bênção; se não existe, é como se desaparecesse da vida toda a beleza — e nada posso fazer para criá-lo. (FROMM, 1960, p. 36).

Aos poucos, esse amor de mãe vai se descentralizando, e o indivíduo, expandindo suas relações sai da condição exclusiva de receber amor, passando também a dá-lo. Ressaltado esse percurso, que acontece quando da presença materna, sua ausência abre espaço para outras

experiências, algumas dolorosas, que marcarão o indivíduo pela vida inteira. O fato é que a mãe ocupa o centro vida humana e família, pois “A mãe é o lar de que proviemos, é a natureza, o solo, o oceano [...]” (FROMM, 1960, p. 38).

O amor da mãe também remete ao amor à terra, esta que simboliza a maternidade, que gera, acolhe, produz, e alimenta. A alusão à terra prometida, conforme explorado na Bíblia, também pode ser entendida como encontro ao seio materno, retorno ao amor da mãe. O amor entre mãe e filho é uma relação de desigualdade, pois um depende da assistência do outro, e este em condição de lhe conceder ajuda, ao contrário da relação amorosa, em que os pares se encontram em posição de igualdade. Ainda sobre o amor de mãe, Fromm (1960) destaca: “Por esse caráter altruísta, abnegado, é que o amor de mãe tem sido considerado a mais alta espécie de amor, o mais sagrado de todos os laços emocionais [...]” (FROMM, 1960, p. 43). Embora na modernidade algumas dessas relações entre mãe e filho tenham se alterado, ainda permanece a sublimação do amor materno este considerado indispensável para a formação e transformação do sujeito humano.

Mãe também é sinónimo de relação de poder, a ela cabendo o dom de conceber outro ser, tê-lo sobre sua guarda. O amor materno, também de acordo com Fromm, está direcionado a um instinto narcisista de se espelhar na sua produção, tê-lo sob sua guarda, e podendo até possuí-lo. Por ser uma criadora, geradora de vidas, a mãe se assemelhar ao papel de Deus, que cria outro ser à sua imagem e semelhança e vê a continuidade da vida se perpetuar.

Lavoura arcaica desenha algumas dessas formas de amor, que vão se moldando no curso da história. Apesar da paixão incandescente dos irmãos, temos o amor de uma mãe caracterizada pelo afeto desmedido aos filhos, e dentre eles, destacáveis o caminho e a atenção dispensados a um predileto, André.

Na narrativa de Nassar, a mãe nem sempre ocupa lugar de destaque. Em meio à guerra travada entre André e o pai, e os conflitos desencadeados sobretudo pelo incesto, a presença da mãe parece irrelevante. Porém, apurando melhor o olhar e mergulhando nas entrelinhas do romance, percebemos que ela exerce um papel relevante na criação e no desenvolvimento de André, e também na manutenção do equilíbrio na casa.

É importante salientar ainda no romance aqui tratado se chocam duas formas de amar. O amor do pai, que se impõe pela hierarquia, severidade, austeridade e o controle absoluto da casa, na tentativa justificada de proteger os filhos da vida exterior, e o amor da mãe que se traduz em generosidade, silêncio, amabilidade e compreensão. O pai tentava construir um templo, enquanto a mãe, segundo o narrador, transformou a casa em perdição. E André quem anuncia: “[...] se o pai no seu gesto austero quis fazer da casa um templo, a mãe,

transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição [...]”(NASSAR, 1989, p. 135).

O amor da mãe se configura assim pelo zelo, pela superproteção. Conforme Bauman (2004), esse tipo de amor “significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a — ciumentamente — guardar, cercar, encarcerar [...]” (BAUMAN, 2004, p.13). O excesso desse amor cuidadoso e minimalista atrairia interpretações errôneas. É comum aos filhos ao crescerem começarem a se desprender da mãe, acarretando a separação e quebrando o ciclo de zelo e cuidados excessivos. Nessa transição é preciso que a mãe ajude o filho a desconstruir o vínculo, embora nem sempre o amor materno consiga superar tais momentos de separação, como destaca Fromm (1960):

Só nessa etapa é que o amor materno representa uma tarefa tão difícil que requer abnegação, a capacidade de dar tudo e nada querer senão a felicidade do ente amado. É também nessa etapa que muitas mães falham em sua tarefa de amor materno. A mulher narcisista, dominadora, possessiva pode conseguir ser mãe “amorosa” enquanto o filho é pequenino. Só a mulher realmente amorosa, a que é mais feliz em dar do que em receber, firmemente alicerçada em sua própria existência, só esta consegue ser mãe amorosa quando o filho se acha no processo da separação. (FROMM, 1960, p. 44).

A separação natural entre André e a mãe é problemática, pois, apesar dos sete filhos, é com André que ela tem maior afinidade, pois com ele sendo possível expandir seus sentimentos e afetos. O crescimento de André gera a fragmentação de dois seres que se consideravam unos, e esse fato contribuiu para a exclusão e o silenciamento com que a mãe se apresenta na obra. Apesar de seu silêncio e de sua submissão seriam seus gestos que fariam a diferença na criação dos três últimos filhos (André, Ana e Lula), desde então carregando o estigma de diferentes ramos na família. Mas o que a mãe traria a mais na relação com esses filhos? Ela os afastou da criação hierárquica do pai e lhes deu afeto extremado. Como nem sempre as palavras representam o mais seguro veículo de comunicação, uma obra como *Lavoura arcaica*, em que a carga simbólica existente exerce um papel importante, distingue-se que a linguagem primordial da mãe era a corporal, conseqüentemente seu corpo expressará o seu amor aos filhos mais novos que vivem através dela.

O silêncio da mãe também a caracteriza. Eni P. Orlandi (2007), no livro, *As formas do silêncio*, destaca que há sentido no silêncio, e este não significa apenas ausência de sons, e sim o não dito, o implícito, sendo ainda mais inquietante do que o meio verbal de expressão.

O silêncio é assim a "respiração" (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que

não é "um", para o que permite o movimento do sujeito. (ORLANDI, 2007, p. 13).

O silêncio é arrebatador, pois descentraliza o poder verbal tão valorizado pela sociedade e, ao contrário do que se pensa, não representa ausência e, sim, presença de significação, a incompletude da linguagem exercendo a função do não dizer, em oposição ao dito. Por ser muitas vezes uma opção do sujeito calar-se, “diante dessa característica, Orlandi (2007), classifica o silêncio carregado de significados como “silêncio fundante ou fundador”, pois” aprofundamos a análise dos modos de apagar sentidos, de silenciar e de produzir o não-sentido onde ele mostra algo que ameaça.” (ORLANDI, 2007, p.14).

A mãe calada, inquieta, na sua postura muda revela esse silêncio fundador. O vazio de palavras incomoda, pois escancara uma oposição ao veículo abordado pelo pai, que é o discurso verbal. No entanto, o que falta em palavras sobra em significado, porque a mãe evidencia sua presença na ausência de palavras. Não esconde o que sente, e antes pensa e faz. Como ressalta Orlandi (2007), assim como as palavras são múltiplas os silêncios também: "há silêncios múltiplos: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade [...] (ORLANDI, 2007, p. 44).

Além do silêncio fundador, Orlandi (2007) destaca outro tipo também presente na obra de Nassar. É o silêncio que recompõe o universo psicológico da mãe, a política do silêncio, ou o silenciamento autoconsentido, que consiste em permitir ser destituído do poder da palavra, para deixar de dizer o que precisa em função de algo ou de alguém.

Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre a reforma agrária, nos discursos sobre a mulher [...] (ORLANDI, 2007, p. 29).

Destarte, a opressão do silêncio da mãe para que a autoridade do pai permaneça soberana. Mas o silenciamento dela, da mulher, ainda fala, mesmo sem poder exercer seu papel de discurso na família. Diante desse fato, o silêncio da mãe evita o choque e o embate direto com o patriarca, mas também ativa o discurso pelo propósito de resistência.

É notória a necessidade de calar a mãe, que, em toda a narrativa, é o único personagem que não tem seu nome revelado, uma estratégia para apagar a importância da mulher e que obteve um efeito contrário, devido à carga de expressões que ela transmite através do silêncio e do amor extremo ao filho impenitente. A mãe sai da margem e passa a ocupar o centro das

discussões. O pai, explícita a sua posição, assiste à mãe revisitar a narrativa com outros olhos e extrair do silêncio a sua verdadeira importância na constituição da obra. Como enfoca Orlandi (2007):

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja) O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico. (Orlandi, 2007, p. 29-30).

A inversão do silêncio na casa reinverte-se na figura da mãe ante a fuga de André. Ao perceber a ausência do filho, o pai é que se fecha no silêncio, conforme Pedro relata: “Era preciso ver o pai trancado no seu silêncio: assim que terminou o jantar, deixou a mesa e foi para a varanda; ninguém viu o pai se recolher [...]” (NASSAR, 1989, p. 24). Como não era uma atitude comum, o silêncio do pai causou espanto aos filhos, ratificando as palavras de Orlandi (2007), que interpreta o silêncio como inquietante e significativo: “aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar (ORLANDI, 2007, p. 24). Já a mãe irá romper o silêncio habitual, e chorar e chamar pelo filho, quebrando as amarras que a impediam de demonstrar sentimentos, agora manifestando sua dor escondida no silêncio imposto pelo marido, pelas crenças da família e pelo simples fato de ser mulher.

Dessa forma, verifica-se não se poder tratar o silêncio apenas através do binarismo de ausência da linguagem verbal, mas destacá-lo como linguagem autônoma que representa sentidos e significados próprios não contidos na fala, uma vez que “o silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura [...] Ele escorre por entre a trama das falas.” (ORLANDI, 2007, p. 32). O não falar não significa mudez, pois no silêncio estão contidos o pensamento, a subjetividade e o imaginário. Como o homem tem urgência em falar, e a sociedade moderna impõe a comunicação verbal, a fala representa algo visível, relegando a segundo plano o silêncio, não lhe elevando as características intrínsecas de poder. No silêncio a mãe, em *Lavoura arcaica* consegue ensinar muito mais que o pai, traduziria o invisível (do discurso silencioso) em gestos de amor.

O amor, destacado como tema literário ou filosófico, e na família fica a cargo das relações de casal, do pai e da mãe. Para Schopenhauer (2004), o amor seria a força da necessidade sexual da procriação. Como os seres humanos têm a capacidade de escolher e são movidos por necessidades e desejos, transformam o instinto sexual da procriação em algo maior e mais sublime e assim vivem sob pulsão de encontrar aquela pessoa que os complete e neles desencadeie a conveniência da união. Mesmo inconscientemente, esse ato de procura

leva ao nascimento de um novo ser, como ressalta o mesmo autor: “Essa força suprema, que atrai um para o outro dois indivíduos de sexos diferentes, é a vontade de vida manifesta em toda a espécie, e procura realizar-se segundo seus fins no indivíduo que deles deve nascer [...]”(SCHOPENHAUER, 2001, P. 85).

Observando-se a relação da mãe e do pai de André, é fácil perceber a inexistência de relatos de carinho explícito, trocas de olhares ou afagos. Segundo Bauman (2004), o amor se difunde na diferença, mas aceitar a diferença nem sempre é uma virtude do Eros. Às vezes, domar o outro é mais fácil que aceitá-lo como é. Na relação entre o pai e a mãe na narrativa existe a imposição em ocultar a mulher, para que sua personalidade não prevaleça frente à onipotência paterna. “E não há senão uma tênue fronteira, à qual facilmente se fecham os olhos, entre a carícia suave e gentil e a garra que aperta, implacável”. (BAUMAM, p 12). Dessa união foram gerados sete frutos, e dessas na constituição genealógica representada na mesa, quatro puxaram às raízes paternas e três as raízes maternas.

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família. (NASSAR, 1989, p. 154-155)

É sempre um clima hostil em que a mulher demonstra toda a subalternidade ao esposo, desempenhando os trabalhos da casa e o cuidado com os filhos. As atividades são tão bem demarcadas entre os gêneros, que acabam tacitamente definindo o que os homens e as mulheres podem fazer na fazenda. Tais características remetem à atemporalidade da vida na fazenda, e também remontam a uma educação servil das mulheres. Conforme interpreta Jacques Mazel (1988) em *As metamorfoses de Eros*, muitas vezes as mulheres foram usadas na escravidão para servir, e, dessa forma, seu amor se tornou subserviente. Embora o desejo de emancipação persistisse, o que está em jogo, na família de *Lavoura arcaica*, é a felicidade da família. Mediante a esse fim, era obrigação da mãe e das mulheres da casa era prover com dedicada manutenção da unidade na família. O narrador destaca: “o amor, a união e o trabalho de todos nós junto ao pai era uma mensagem de pureza austera guardada em nossos santuários, comungada solenemente em cada dia[...]”(NASSAR, 1989, p.20).

O amor, como se conhece na atualidade, é uma mistura de definições passadas de geração a geração, adaptando-se e se renovando. Hoje no Ocidente se destacam quatro tipos, ou espécie de “amor”, conforme a definição de Rollo May (1973):

Existem quatro espécies de amor, segundo a tradição ocidental. Uma é sexual, ou o que chamamos sensualidade, libido. A segunda é Eros, o impulso de amar para procriar ou criar _o ímpeto, segundo os gregos, em direção a formas mais elevadas de ser e relacionar-se. A terceira é *philia*, ou amizade e amor fraterno. A quarta é ágape ou caritas, [...] o amor dedicado ao bem do próximo, do qual o protótipo é o amor de Deus pelo homem. (MAY, 1974, p. 39).

Seguindo esse raciocínio, a mãe possui o amor fraterno pelos filhos, *philia*. Ela tenta proteger a família, à sua maneira. Embora colocada de lado quanto à educação moral dos filhos, pode-se inferir que a procuraria, sempre que possível e escondida do seu esposo, transpor as barreiras do que era ensinado por ele, quebrando as paredes da austeridade e implantando como bandeira a pedagogia dos afetos. Era comum a descrição da mãe como uma pessoa frágil, ou esta seria uma definição previamente estabelecida por sua condição em ser mulher? O visto e testemunhado eram as precauções, a preocupação em ferir a mãe, o zelo materno em proteger a cria. Principalmente no episódio da fuga de André, seriam notados os choros e gemidos da mãe. Conversando com André, Pedro descreve o estado da mãe, para devaneio do pensar do irmão:

[...] ‘a mãe envelheceu muito’, eu continuei pensando nela noutra direção e pude vê-la sentada na cadeira de balanço, absolutamente só e perdida nos seus devaneios cinzentos, destecendo desde cedo a renda trabalhada a vida inteira em torno do amor e da união da família [...] (NASSAR, 1989, p. 36)

Era preciso que o filho retornasse para estancar a ferida aberta no peito dela, como se coubesse à figura feminina apenas a representação dos sentimentos. Revelar esses sentimentos corresponderia a uma tácita fraqueza aos olhos do pai, por quem, a proteção da família consistiam em levantar as cercas para as paixões. A paixão seria o lado negro, a destruição da família. Desse modo, o narrador prenuncia o amor incestuoso, a paixão que furaria as cercas erguidas pela família, que baixou a guarda e teve instalados os traumas para destruí-la. André alerta, em seu discurso, o que significava transgredir esses espaços de sentimentos e paixões:

[...] O mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado; nenhum entre

nós há de transgredir esta divisa, nenhum entre nós há de estender sobre ela sequer a vista [...].(NASSAR, 1989, p. 36).

O pretexto do patriarca em conter as paixões, seria o trabalho árduo, o lavar da terra. Por isso que nenhum membro de sua família poderia ficar ocioso, tornando-se imperioso sujar as mãos, suar, mexer o corpo para que a cabeça não desenvolvesse vícios ou como reza o ditado popular, “mente vazia é oficina do satanás”. Dessa forma, mais fácil seria culpar a mãe pelo acionamento das paixões, formando artifícios para André, pois o que ela fazia era preencher o cansaço do trabalho, e da lida do campo, com amor, diminuir o estresse diário com a imaginação, com a docilidade das canções e com os afagos físicos.

Reprimir os desejos e os impulsos, principalmente os sexuais, é um princípio que vem desde a antiguidade e se perpetua até os dias atuais. Embora atualmente, o sexo seja encarado de forma mais liberal, ainda há resquícios que permanecem. De acordo com May (1974), sempre houve uma ligação entre o sexo e o amor, como se ambos coexistissem, porém a modernidade fez a sua parte em separá-los: “[...] o homem contemporâneo procura sexo sem amor” (MAY, 1974, p. 50), De certa forma, antes esconder os desejos era uma virtude e atualmente é válido escancará-los. Por isso, que o pai privava seus filhos do contato exterior, como necessária a manutenção da pureza.

Contemplando essa virtude, a mulher tinha como destaques, precisavam manter as aparências, sendo-lhe negadas à oportunidades de sentir ou buscar o prazer. Ainda hoje, apesar das aberturas às aventuras sexuais, é comum a repressão à mulher que se mostra autônoma e independente em relação aos seus desejos. A mãe em *Lavoura arcaica* é marcada por repressão e silenciamento. Na casa, as paixões eram reprimidas, porém, nas andanças noturnas de André, ele relata ouvir gemidos no quarto dos pais, testemunhando que, apesar de toda severidade na frente dos filhos, nos momentos de intimidade os pais mantinham seus compromissos maritais, embora não surpreendamos nas leituras uma aproximação entre eles. A frieza, própria e imposta pelo pai, que não se estende somente aos filhos, inclui a esposa também. Os únicos momentos de afetos descritos pelo narrador são os da mãe com ele e esses mesmos afetos serão tomados como provas irrefutáveis do crime contra a família:

[...] eu e a senhora começamos a demolir a casa, seria agora o memento de atirar com todos os pratos e moscas pela janela o nosso velho guarda-comida, raspara a madeira, agitar os alicerces, pôr em vibração as paredes nervosas, fazendo tombar com nosso vento as telhas e as nossas penas em alvoroço como se caíssem folhas; não era impossível eu dizer pra ela vamos aparar, mãe, com nossas mãos terníssimas, os laivos de sangue das nossas pedras, vai pôr grito neste rito [...] (NASSAR, 1989, p. 66)

A culpa, que recai sobre a mãe, tira da posição de vítima substituindo-a pela de algoz, justamente por entender as necessidades de André. Embora o destaque de André seja para seu lado estrangeiro e apático, a mãe desde já o compreendia. Para transpor a barreira da diferença, ela usa o amor, fazendo com que o filho se sinta aceito e parte da família. A postura da mãe destinaria a evitar a tragédia anunciada, mas em face da inversão dessa intenção, os afetos da mãe deturpariam a vida de André, o levando-o para o caminho oposto ao que ela pretendia. Em suas memórias o narrador relembra a mãe e suas carícias, talvez nascendo daí a genealogia do desejo incestuoso. Esses os primeiros afetos “deturpados” diante da personalidade perdida de André?

André descreve os afagos da mãe, os carinhos intensos que o despertavam de um modo sensorial, remonta à espera ansiosa pela entrada dela no quarto, a reação às carícias e a cumplicidade de ambos. Embora os outros irmãos dormissem no mesmo quarto, os dois mantinham descrição, como se o amor da mãe por André fosse um delito, e precisasse ser escondido. Também a narração de André erotiza esses encontros, confundindo, se os carinhos materno-filiais, e estes talvez não tivessem outra intenção:

[...] só esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes “acorda coração” e me tocasse muitas vezes suavemente no corpo até que eu que fingia dormir agarrasse suas mãos em um estremecimento sutil que nossas mãos compunham embaixo do lençol, e eu ria e ela cheia de amor me asseverava num cicio “não acorda teus irmãos, coração”, e ela depois erguia minha cabeça contra a almofada quente do seu ventre e, curvando o corpo grosso, beijava muitas vezes meus cabelos [...] (NASSAR, 1989, p. 25).

Os carinhos entre ambos aconteciam sob o lençol, revelando mais um aspecto da clandestinidade, como se esse espaço fosse destinado aos momentos secretos entre ambos, e para contrariar com os padrões estabelecidos pelo patriarca. O amor demonstrado pela mãe a André explica a divisão feita por ele dentro da própria casa. Ele era o primeiro que simbolizava a raiz materna e dessa forma, havia uma entrega maior entre eles. Essa cumplicidade confundia a cabeça de André, perceptivelmente, fazendo-o acreditar que a aproximação com a mãe, e todo aquele afeto o transformaram no fruto doente da família.

A cumplicidade se dava entre carinhos, toques, palavras e também pelos olhares trocados. A mãe conhecia o filho e sabia o que ele passava em seu âmago. Sabia das diferenças intrínsecas de sua personalidade. Por isso, a vigília exagerada, o cerco amoroso em prol do filho. Se a austeridade não o curava, o amor haveria de curá-lo, esse amor que os aproximava dos dons divinos da pureza. Durante a infância, o aconchego materno o

transformara em um menino melhor, dedicado. Após ser acordado pela mãe no quarto, ele podia sentir a presença de Deus “[...] e assim que eu me levantava Deus estava do meu lado em cima do criado-mudo, e era um deus que eu podia pegar com as mãos e que eu punha no pescoço e me enchia o peito [...]” (NASSAR, 1989, p. 25). Mas, na adolescência, seu comportamento muda. André perde as crenças, deturpa-se o afeto pela mãe, desperta o amor pela irmã, e além de culpar o pai, e a sua hierarquia, pela sua condição degradante, também julga a mãe pela brandura dos seus gestos.

A punição que a mãe recebe é, primeiramente, a perda do filho. Com a fuga de André, quem mais sofre, pelo menos visivelmente, é ela. Mesmo sentindo a ausência, André relata que a mãe percebia os seus planos: “não tinha ainda abandonado a nossa casa, Pedro, mas os olhos da mãe já suspeitavam minha partida [...]” (NASSAR, 1989, p. 65). A separação remete ao estar fora, ausente, ao ser cortado da vivência familiar, gerando desgosto, ansiedade e, de acordo com Fromm (1960): “[...] Eis porque ser separado é o mesmo que ser desamparado, incapaz de apreender o mundo, as coisas e as pessoas, de modo ativo; significa que o mundo nos pode invadir sem que tenhamos condições para reagir. (FROMM, 1960, p.15). A angústia do vazio, o quarto, o lugar na mesa, tudo o que lembrava o filho fazia a ferida doer ainda mais. Na configuração da sua fragilidade da mãe, que o autor descreve via características sentimentais e emotivas, percebe-se o desespero clamando pela volta do filho. E é a invocando uma visão que Pedro propõe trazer de volta o filho amado: para acalmar a angústia da mãe e para harmonizar o lar. A volta de André simbolizará outra punição, pois o regresso traz também de volta a tragédia e a dissolução da família.

O amor da mãe é tão intenso, que é utilizado como argumento por André para convencer a irmã a aceitar a relação de ambos. A mãe os criara com a semente da diferença, e isso os tornara únicos e capazes de lidar com a situação. O sentimento que os unira nascera bem antes deles mesmo, e sua ancestralidade os remetia à figura materna. Dessa forma, a união deles teria que acontecer, justificada para, enfim, concretizar o amor da mãe e edificar a união do lar:

Entenda, Ana, que a mãe não gerou só os filhos quando povoou a casa, fomos embebidos no mais fino caldo dos nossos pomares, enrolados em mel transparente de abelhas verdadeiras [...] que culpa temos nós se fomos duramente atingidos pelo vírus fatal dos afagos desmedidos? Que culpa temos nós se fomos acertados para cair na trama desta armadilha? (NASSAR, 1989, p. 129).

A habilidade de André em distorcer o discurso é soberba. Ele consegue mudar a responsabilidade por seus atos, colocando os pais como centro dos delitos. Se, por um lado,

ele não consegue se ajustar à família, a culpa estava em seu entorno e jamais em si próprio. Submete a mãe ao crivo do seu amor incestuoso, defendendo que foi com ela que tudo começou e, com certeza, ela iria a consentir. E, dessa concessão, viria a nascer um amor puro, gerado de uma união autêntica. E como jamais se pronunciara, André revela o desejo de viver o amor romântico, andar de mãos dadas, mesmo sabendo dos limites da clandestinidade.

A mãe significa para André confiança e comunhão, um porto seguro em que se pode apoiar. O pai, em sua complexa austeridade, simbolizava o Deus cristão, que observa, julga e pune. A divindade da mãe se aproxima dos deuses pagãos, que desciam para a terra a fim de comungar com seus filhos humanos e senti-lhes as dores, os amores e angustias. A mãe, que tentara mudar a vida do filho através do amor, desencadearia um processo contrário na vida dele. Apesar do excesso de carinho, não se pode julgá-la culpada por suas atitudes, pois, diante da submissão que vivia frente ao marido, essa foi a forma de deixar gravada a sua contribuição, de coexistir com o outro dentro do seu próprio lar.

3.2 OS FILHOS: CIRANDA DE PAIXÕES

A convivência entre os filhos de Iohaná não apresentava mais tantos problemas, havendo disciplina na rotina diária, obediência ao sentar à mesa e amizade nas festas dominicais. Tudo parecia tranquilo, inerte, como se todos estivessem em harmonia com a vida e com os objetivos. Com exceção do narrador, André, quase não sabemos o que os demais irmãos pensam ou querem da vida, agindo como marionetes e sendo manipulados pelo pai.

A relação de André com os irmãos mais velhos é quase inexistente, com poucos diálogos e encontros, salvo as festas, em que todos comungavam em união, fazendo uma trégua da vida regrada e autoritária em que viviam. Um dos únicos momentos em que André e as irmãs (Rosa, Huda e Zuleika) interagem é no seu retorno para casa. O que mais uma vez irá provar que o retorno de André foi estopim de mudanças na família:

[...] eu deixei que me conduzissem pela sala enquanto iam me soprando ternamente alguns gracejos, e assim que entramos pelo corredor elas me empurraram pela porta do banheiro [...] Rosa atrás de mim, dobrada sobre meu dorso, atravessava os braços por cima dos meus ombros pra me abrir a camisa, Zuleika e Huda, de joelhos, dobradas sobre meus pés, se ocupavam de tirar meus sapatos e minhas meias, e eu ali, entregue aos cuidados de tantas mãos, fui dando conta do zelo que me cercava [...] (NASSAR, 1989, p. 151)

A alegria em ver o irmão não impede de colocar a regra do pai em pauta. Era preciso estar limpo para se apresentar à família, para ver a mãe e sentar-se à mesa. Era necessário tirar a sujeira que trouxera do mundo além da fazenda, pois naquele espaço não eram permitidas impurezas externas. André Luiz Rodrigues (2006), no livro *Ritos da paixão em Lavoura arcaica*, destaca essa dicotomia entre sujeira e limpeza que a família (o pai), tanto preza, sobre isso, o autor disserta:

No terreno das imagens, é muito forte a oposição entre limpeza e sujeira, luz e trevas, ordem e desordem. Os primeiros elementos parecem dar conta do que há de mais valioso para a família, valores não só louvados em sermões, mas cujo cultivo é exigido de cada um de seus membros, onde quer que se encontrem. [...] (RODRIGUES, 2006, P. 30).

As irmãs mais velhas são representadas como mulheres prendadas, que ajudavam a mãe nas tarefas da casa, bordavam e esperavam ansiosas pela festa, onde poderiam suspirar por futuros pretendentes: “[...] minhas irmãs com seu jeito de camponesas, nos seus vestidos claros e leves, cheias de promessas de amor suspensas na pureza de um amor maior [...]” (NASSAR, 1989, p. 27). Pois era preciso frequentar o círculo do pai para ter acesso às moças e somente dessa forma elas poderiam casar e dar continuidade a rotina “feminina”, agora na postura de esposa. As irmãs ainda acreditam num amor romântico, idealizado, no encontro com a sua outra metade, para assim se tornarem unos, e para que assim também pudessem constituir uma nova família. Esse amor é exaltado por Fedro, em *O banquete*, pois segundo Platão, não havia maior sublimidade do que o encontro com o amante, maior realização de Eros. conforme Platão:

[...] Assim, pois, todos estão de acordo em considerar a Eros com um dos mais velhos deuses. E, sendo o mais velho, é além disso a causa dos maiores bens que recebemos; pois não sei que bem maior que se pode proporcionar a um mancebo do que amá-lo virtuosamente, nem para um amante do que amar um objeto virtuoso. (PLATÃO, 2004, P. 103).

A repressão às mulheres na obra é evidente, como já abordamos no tópico anterior. Mãe e as filhas são silenciadas, sem direito de se exprimir, mostrar seus sentimentos e terem opiniões próprias. Apenas seguem o fluxo da ordem paterna, mantendo a postura de moças virtuosas e prontas para casar. Segundo Marilena Chauí (1991), a repressão vive de normas, regras, valores estabelecidos pela sociedade e definidos pela religião, pela moral, para

estabelecer regras e proibições das práticas sexuais. É sabido que a prática da repressão sexual vivida pela mulher data dos tempos ancestrais e em *Lavoura arcaica* essa repressão, se reproduz, reduzindo o sexo apenas à reprodução, seu primeiro e único fim. Assim, as mulheres precisavam se manter castas para casar e depois cumprir a obrigação nupcial com seu marido. Chauí explica:

“[...] Numa sociedade que considera o sexo apenas sob o prisma da reprodução da espécie, ou como função biológica procriadora, serão reprimidas todas as atividades sexuais em que o sexo genital for praticado sem cumprir aquela função: masturbação ou onanismo, homossexualismo masculino e feminino, sexo oral, sexo anal, coito interrompido [...]” (CHAUÍ, 1991, p. 77-78).

As repressões mudam com o tempo e com as necessidades de cada meio social. No entanto, ainda há tabus que rodeiam as práticas sexuais femininas. Apesar de uma maior abertura na modernidade, é comum encontrar religiões e famílias que pregam a repressão sexual às mulheres/meninas. O romance parece remeter a um tempo longínquo em que as mulheres eram servis e não possuíam vontade própria. E assim procedem as irmãs mais velhas de André, as que se sentam à direita do pai, e não é à toa que mantêm a força da tradição dele. Ana, seria a única filha com traços diferentes: sensual na dança e nas roupas, apresentava-se maquiada nas festas e sempre seduzia os homens que a viam dançar nas festas. Trazendo a insígnia da diferença, André assim a descreve:

[...] em torno dela [Ana] a roda girava cada vez mais veloz, mais delirante, as palmas de fora mais quentes e mais fortes, e mais intempestivas, e magnetizando a todos, ela roubava de repente o lenço branco do bolso de um dos moços, desfraldando-o com a mão erguida acima da cabeça enquanto serpenteava o corpo, ela sabia fazer as coisas, essa minha irmã, esconder primeiro bem escondido sob a língua a sua peçonha e logo morder o cacho de uma que pendia em bagos túmidos de saliva enquanto dançava no centro de todos [...] (NASSAR, 1989, p. 29).

Há uma clara dicotomia das descrições entre as irmãs mais velhas (Rosa, Zuleika e Huda) e Ana. Enquanto as outras se apresentam puras em busca do amor, Ana aparece lasciva, invadindo o espaço da festa, chamando a atenção de todos. Quando ela chega, todos vibram, como se a presença dela desencadeasse o ardor dos homens na roda da dança e, provocativa, correspondesse a esses tantos olhares. De um lado, as irmãs tinham a sexualidade reprimida, como se esta não existisse ou não merecesse atenção, em contraposição a Ana que expunha sua voluptuosidade.

A busca pelo amor é movida pelo impulso sexual. De acordo com Schopenhauer (2004), o amor é uma forma caprichosa de encontrar o parceiro certo para o sexo. Todo burburinho, todas as angústias e todos os males do amor não são nada mais do que o advento para a nova geração que irá nascer, já que o sexo é prenúncio da procriação. Por isso que a homossexualidade e a prostituição são considerados crime contra a família pela Igreja, o que salienta Chauí (1991), de que a prática dos mesmos impedem a procriação e a perpetuação da família coesa e segura, e contra esse “mal” que o pai luta no interior do seu grupo familiar.

Rollo May (1974), no livro *Eros e repressão*, conceitua o Eros endemoninhado como uma força transgressora que possui o indivíduo, revelando seus instintos mais profundos. Segundo esse autor, Eros [...] é qualquer função natural que tenha o poder de apossar-se de toda a pessoa. Sexo e Eros, ira, raiva e ambição de poder são exemplos. “O demoníaco pode ser o construtivo ou o destrutivo, e em geral é ambas as coisas.” (MAY, 1974, P. 136-137). Ana é a dualidade entre o estar e não estar possuída. Ao contrário de André, ela luta para não se deixar tomar por Eros e equilibrar o jogo. Contudo, não consegue conter sua vontade, seus instintos e perderá a razão quando cair na armadilha do irmão, entregando-se à paixão, mesmo que reconheça o ato do incesto como pecado. Outro momento em que se pode visualizar a manifestação do Eros demoníaco em Ana é na festa em comemoração ao retorno de André, quando ela se veste com as “quiquilharias” profanas que o irmão colecionou e dança freneticamente.

Ana, coberta com as quiquilharias mundanas da minha caixa, tomou de assalto a minha festa, varando com a peste no corpo o círculo que dançava, introduzindo com segurança, ali no centro, sai petulante decadência, assombrando os olhares de espanto, suspendendo em cada boca o grito, paralisando os gestos por um instante, mas dominando a todos com seu ímpeto de vida [...] (NASSAR, 1989, p. 186-187).

Esse ímpeto de vida também é o corpo endemoninhado, que luta contra as razões vigentes e tenta contrapô-los com sua vontade. Rompendo o silêncio dominador e deixando seu corpo falar, mostra a todos o que realmente se escondia por trás da moça recatada, e deixando fluir a volúpia adormecida. Ao amor que o pai pregara aos seus filhos, nenhum parece visar à procriação, e isso sem sair das regras da repressão sexual, até porque, mediante a religião professada, seria pecado fazer sexo fora do casamento. A religião cristã polarizou o amor entre o profano e o divino, e sendo assim, o profano seria o prazer carnal, a promiscuidade, ao contrário do divino, que corresponderia ao amor espiritual, conforme explica Chauí (1991): “Numa das perspectivas cristãs, essa diferença aparece como oposição

e antagonismo: o amor profano, sempre insatisfeito, desvia e distrai a alma do amor divino, único a dar contentamento pleno.” (CHAUÍ, 1991, p. 89).

As mulheres eram criadas com recalques, e os homens insatisfeitos, deveriam representar o conformismo, a virilidade e a autoridade. Chauí (1991) revela que, nas classes trabalhadoras esses seriam valores fundamentais para manter firme o alicerce da família:

No caso dos homens das classes exploradas, além da virilidade, mais um elemento complicador aparece. Esses homens, desprovidos de poder e autoridade no espaço público (no trabalho e na política), são assegurados de possuí-los no espaço privado, isto é, na casa e sobre a família. a perda dessa autoridade é sua desonra. (CHAUÍ, 1991, p. 79).

Dentro dos padrões estabelecidos pelo pai, somente Pedro seguiu à risca a orientação. Nota-se que é o único filho homem sentado à direita da mesa, e por isso cabe a ele a continuidade da tradição. Como afirma André, “[...] a voz de meu irmão, calma e serena como conzinha, era uma oração que ele dizia quando começou a falar (era o meu pai) da cama e das pedras da nossa catedral.” (NASSAR, 1989, p. 16). O discurso de Pedro preserva as palavras do pai, mantendo a força e a rigidez paterna. Nesse sentido alerta o irmão sobre a sua fuga e a sua ausência. No intuito em trazer André de volta à casa, de convencê-lo de nada melhor a fazer que se valer das parábolas do pai, mostra o que aprendera colocando em prática os ensinamentos paternos. Contudo, o abismo entre Pedro e André se estabelece, as diferenças entre ambos ficam evidentes como também o peso da família, que, naquele momento, estava sendo representada pelo primogênito.

O amor de Pedro equivale ao amor fraterno, pois ele demonstrava amar a todos e entender as peculiaridades de cada um, tentando sempre se fazer de útil em busca da felicidade e da harmonia familiar. Erich Fromm (1960) assim define o amor fraterno:

O sentimento de responsabilidade, de cuidado, de respeito por qualquer outro ser humano, o seu conhecimento, o desejo de aprimorar-lhe a vida. Desta espécie de amor é que a Bíblia fala, quando diz: ama o teu próximo como a ti mesmo. O amor fraterno é amor por todos os seres humanos; caracteriza-se pela própria falta de exclusividade. (FROMM, 1960, p. 41).

Pedro não mede esforços para prover o bem-estar da família, nem que para isso precise se sacrificar, sair do seu espaço habitual e adentrar o mundo que o pai tanto condena, para encontrar André. Como o herói que não teme o perigo, ele se arrisca em procurar o irmão, com a intenção de não só procura-lo, mas trazê-lo de volta: “ele cumpria a sublime

missão de devolver o filho tresmalhado ao seio da família.” (NASSAR, 1989, p. 16), o herói desbrava os obstáculos e consegue sucesso em seu objetivo:

Pedro cumprira sua missão me devolvendo ao seio da família; foi um longo percurso marcado por um duro recolhimento, os dois permanecemos trancados durante toda a viagem que realizamos juntos, e na qual, feito menino, me deixei conduzir por ele o tempo inteiro [...] (NASSAR, 1989, p. 147)

A volta de André parece acontecer de forma automática. Ele demonstra ser conduzido, convencido a retornar com o irmão, mas não nutre grandes expectativas porque sabe que não conseguirá recompor o vínculo familiar ou manter as aparências de união. A representação da imagem de Pedro é bem parecida fisicamente com o pai, figura imponente, embora não tão velho. Não ficam tão explícitas as características físicas dele, porém no filme *Lavoura arcaica*, de Luís Fernando Carvalho, fica notório que o que ligava Pedro ao pai não eram apenas as características comportamentais. Raduan Nassar, sensivelmente, consegue transmitir ao leitor a essência dos seus personagens em cada página da narrativa. Mas, no filme, algumas das cenas trabalhadas no romance ganham movimento e realçam as impressões que a obra escrita omite.

Além do idílio do herói destemido, Pedro não parece contar com as glórias. Ele, que estava ao lado do pai, que se sacrificou para trazer o irmão de volta para casa, assistia a celebração ser direcionada para André (o filho pródigo), aquele que traiu a confiança da família. Mesmo assim, a ambição Pedro é consolidar a união pregada pelo pai, deixar a mãe e as irmãs felizes com o regresso do irmão e restabelecer a união da família.

[...] meu irmão prosseguia na sua prece, sugerindo a cada passo, e discretamente, a minha imaturidade na vida, falando dos tropeços que cada um de nós estava sujeito, e que era normal que isso pudesse ter acontecido, mas que era importante não esquecer também as peculiaridades afetivas e espirituais que nos uniam, não nos deixando sucumbir às tentações [...] (NASSAR, 1989, p. 20).

O perdão está também presente na atitude de Pedro. Apesar de ouvir todas as ofensas proferidas por André, ele lhe estende a mão e lhe oferece sua companhia para o retorno à casa. Mesmo sabendo o que ocorrera, ele acredita no restabelecimento do irmão, pois acredita que o amor supera as dores e ele também fecharia a ferida aberta com a ausência de André.

O romance *Lavoura arcaica* expressa os vários momentos em que o amor está presente, e propondo-se afirmar que o amor é um dos temas principais da obra. O amor da

família, a união, a paixão incestuosa, tudo, de certa forma se enquadra no contexto amoroso. Segundo Kristeva (1988), o amor ganha força e expressão na linguagem. O amor, pode ser traduzido sob várias facetas, discutido entre várias pessoas, mas chegar a uma ideia exata sobre ele é algo difícil de acontecer, e assim se irá desenhando o contexto amoroso no romance, acometendo a cada um dos membros da família, o amor encontrando fórmulas diferentes de se manifestar, emergindo com as várias faces de Eros.

André, apesar da solidão e da inquietude, pensa que está só em seu exílio. Como não dialoga com os demais irmãos, acaba não sabendo, ou não entendendo, o que se passa na cabeça de cada um deles. O silêncio, mais uma vez, impera no relacionamento entre os irmãos, o que leva Orlandi (2007) a ressaltar: “O silêncio não é o vazio, ou o sem sentido; ao contrário, ele é indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do vazio da linguagem como um horizonte e não como falta.” (ORLANDI, 2007, p. 68).

Na família, o silêncio é um dos personagens que compõem a história. Em cada irmão se pode identificar um tipo de silêncio peculiar, erigido justamente pela imposição do patriarca, mas se cristalizando na rotina diária de cada um. Como não utilizavam constantemente as palavras, os seus corpos falavam por si. O recato das irmãs mais velhas, a dança sensual de Ana, o toque da mãe, o olhar de André, tudo contém uma forma de expressão, uma linguagem própria e intrínseca àquele espaço perdido ao qual estavam todos circunscritos.

No próprio título do romance, *Lavoura arcaica*, ficam expressos esses contornos diferenciais. Os nomes parecem sinônimos, pois lavoura pode remeter a algo arcaico, mas contrário em sua constituição, pois lavoura é o ato de lavrar a terra, é ação, movimento, cultura. Chevalier & Gheerbrant (2009) a define como “A lavoura é universalmente considerada como um ato sagrado e, sobretudo, como um ato de fecundação da terra.[...]” (CHEVALIER & GEERBRANT, 2009, P. 537). O arcaico evoca aos tempos antigos, anacronismo. Rodrigues (2006), considera o arcaico na narrativa como,

Esse *arcaico* pode remeter à estrutura fechada que, como já vimos, procura – na figura do *patriarkhés* _de todas as maneiras, evitar o contato com o mundo que a cerca, mundo esse marcado, pode-se dizer, pela inevitabilidade da manutenção das relações, para o bem e para o mal, entre pessoas, comunidades e países em escala global. (RODRIGUES, 2006, P. 54).

E, dessa forma, fica explícito o tempo mítico em que se desenvolve o romance, tempo que se perde, que não se consegue pontuar. E na fenda entre os encontros e desencontros

dessa lavoura, o amor acontece, germina como semente, floresce, mas os frutos que dele nascem são pecos, e não cumprirão o ciclo para uma nova germinação.

Lula, o filho caçula, se senta do lado esquerdo da mesa e pertence à raiz materna, o lado da diferença, pouco se fala dele, apenas citado em curtas passagens. Pouco se lê sobre sua postura e seus pensamentos, contudo ele cumprirá um papel fundamental na subversão de André. Quando Pedro vai ao encontro de André, uma das ressalvas deste é justamente retornar, para não passar mau exemplo ao irmão caçula, revelando a vigília para salvar Lula, temendo que ele possuísse as características do irmão:

[...] evitando conhecer os motivos ímpios da minha fuga (embora sugerindo discretamente que meus passos fossem um mau exemplo pro Lula, o caçula, cujo olhos sempre estiveram mais perto de mim), meu irmão pôs um sopro quente na sua prece pra me lembrar que havia mais força no perdão do que na ofensa e mais força no reparo do que no erro [...] (NASSAR, 1989, p. 22).

E assim se chega ao ponto da questão maior da família: ocultar os detalhes, não permitir que a verdade fosse expressa. A omissão seria a melhor forma de recuperar a paz perdida e ainda servir como arma utilizada pelo pai para manter a casa unida. Esconder as verdades para viver em concórdia, por isso que a paciência ensinar como lei maior, para amparar as necessidades de romper com os padrões e violar o silêncio opressor que impera.

A castração da linguagem exercida pelo pai, sua opressão pelo silenciamento, impondo o que pode e o que não pode ser dito, faz parte da política do silêncio que Orlandi (2007) entende como, “com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos possíveis, mais indesejáveis em uma situação discursiva dada.” (ORLANDI, 2007, p. 73).

Essa política do silêncio define o que pode ou não ser dito, e, mais, ela também seleciona o que se dizer, conforme Orlandi (2007): “se diz ‘x’ para não (deixar) dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não dito necessariamente excluído. [...]”(ORLANDI, 2007, p. 73). E assim se procede na política da fazenda: deixar de dizer o que se pensa em função da felicidade coletiva. Além da omissão das palavras no episódio de Lula, na fuga de André o silêncio também mostra sua face. O medo de falar da ausência, de proferir que ele fugiu, ratifica a importância conferida à linguagem verbal, porque, enquanto era silêncio, não era real, se consolidaria apenas quando fosse decretado oralmente: o nosso irmão fugiu.

Porém, mesmo sendo silêncio, a situação não deixou de existir, e isso é uma prova da exclusão que a sociedade impõe ao silêncio, valorizando ao extremo a linguagem falada. A cultura oral se propagou e a necessidade de falar é tão grande que o silêncio tem pouca importância. Esse pode ser o motivo do apagamento dos demais irmãos e da mãe na obra: o silêncio em que viviam deixara a irreal impressão de que eram menos importantes, sendo que o não dito está entre as grandes problemáticas do romance, como destaca Orlandi (2007):

Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma “outra” formação discursiva, uma “outra” região de sentidos. O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer. (ORLANDI, 2007, p. 73-74).

Aprisionados no silêncio e no espaço, esse era o poder do pai. A fazenda servia como confinamento dos filhos, e dessa forma ele poderia melhor vigiá-los e controlá-los, tanto nas ações físicas quanto nas emocionais. Observando com atenção, conseguimos distinguir as pressões da vida prisional no espaço sagrado da lavoura. E então reparamos que a vigília maior era contra as paixões, contra as quais era preciso erguer as barreiras mais altas.

Levando uma vida sistemática, os filhos não sabiam o que era a liberdade. De tanto viver sob a égide paterna, era capaz que Pedro, Rosa, Zuleika e Huda não conseguissem soltar seus instintos, pois tão acostumados à prisão, talvez não suportassem viver fora dela. Chauí (1991) declara: “Há muitos homens que, ao serem libertados, carregam a prisão dentro de si e a ocultam como uma secreta desgraça em seus corações, até que acabam por enfiar-se numa cova qualquer para morrer como se fossem pobres animais envenenados [...]” (CHAUÍ, 1991, P. 116). É difícil para a pessoa reprimida soltar libertar-se do vínculo que os prende às regras. Por isso que para esses filhos manifestarem suas vontades era penoso, em oposição a André, Ana e Lula, criados visualizando um outro padrão de comportamento.

No lado esquerdo do pai, o lado rebelde, acontecem as transgressões. Na súbita relação entre André e Lula, é visto que André representava um modelo de liberdade para o caçula, que, inspirado pelas ações do irmão, planejava fugir do espaço da lavoura, da prisão erguida pelo pai. Lula, aproveitando a vulnerabilidade da família, com a ausência de André, também se juntaria à “confraria dos enfeitados”, como desabafa ao reencontrar o irmão:

Não aguento mais esta prisão, não aguento mais os sermões do pai, nem o trabalho que me dão, nem a vigilância do Pedro em cima do que faço, quero ser dono dos meus próprios passos; não nasci para viver aqui, sinto nojo dos nossos rebanhos, não gosto de trabalhar na terra nem nos dias de sol, menos

ainda nos dias de chuva, não aguento mais a vida parada dessa fazenda imunda... (NASSAR, 1989, p. 177-178).

Ao chegar em casa, André logo nota a ausência de Ana e de Lula. Quanto a Ana, ele sabia o motivo do refúgio dela na capela, mas quanto ao irmão, fica a incógnita de sua não recepção. Ao chegar ao quarto, André percebe que Lula fingia dormir, para não conversarem. Depois de muito persistir pela atenção do irmão, Lula lhe revela o porquê do afastamento: ele estava decepcionado com o retorno do irmão, de todos da família, Lula é o único a ficar desapontado e indignado com o seu regresso, pois tinha os mesmos planos de fuga.

André nota os olhos do irmão e sabe que as intenções dele sempre foram parecidas com as suas, pois pertenciam à esfera dos desajustados, alterados pelos carinhos da mãe, diferentes dos demais, “[...] Ele, cujos olhos sempre estiveram muito perto de mim (eu não sabia), e qual meus passos era um mau exemplo, segundo Pedro. [...]” (NASSAR, 1989, p. 176). Apesar de não notar de imediato as intenções do caçula, ele sabe que a sua fuga deixara uma fenda para as transgressões. A partir daquele momento, todos sabiam que era possível se estender além dos limites da fazenda. A prisão não era intocada, havia saída, um ponto de fuga da vigilância contínua do Pai. Dessa forma, Lula confessa seu plano a André: “ Vou sair de casa, André, amanhã na tua festa, mas isso eu só estou contando pra você”. (NASSAR, 1989, p. 177).

Lula tem grandes aspirações para viver novas experiências, para exceder os limites impostos pelo pai, e para conhecer o mundo que nunca fora lhe apresentado. Assim desabafa: “Foi só você partir, André e eu já vivia empoleirado lá na porteira, sonhando com estradas, esticando os olhos até onde podia, era só na tua aventura que eu pensava... quero conhecer muitas cidades, quero correr todo este mundo. [...]” (NASSAR, 1989, p. 178). Apesar de amar a família, percebia que seu lugar não era ali, seu sentimento de pertença não fora afirmado na fazenda e por isso relutava em fugir. A volta de André foi uma desilusão diante dos seus planos, porque ficava mais fácil acreditar no sucesso da jornada enquanto o outro estava fora.

Quando mais reprimimos algo, mais latente isso fica impregnado no indivíduo para realizá-lo. Sem grandes aspirações e emoções, não mais disposto a seguir a lei onde a paciência era a virtude principal, Lula desejava quebrar essa regra e ser livre, como ele mesmo ressalta:

Quero conhecer os lugares mais proibidos, desses lugares onde os ladrões tramam os seus crimes; vou ter a companhia das mulheres, quero ser conhecido nos bordéis e nos becos onde os mendigos dormem, quero fazer coisas diferentes, ser generoso com meu corpo, ter emoções que nunca tive; e quando a intimidade da noite me cansar vou caminhar a esmo [...] André,

vou sair de casa para abraçar o mundo, vou partir para nunca mais voltar, não vou ceder a nenhum apelo, tenho coragem, André, não vou falar como você. (NASSAR, 1989, p. 178-179).

Expostos seus anseios e o desapontamento com o irmão, Lula se concentra em uma vida mundana aos olhos do pai, em desconstruir tudo que a família lhe impusera, pois sabia que naquele espaço não havia lugar para paixões, mas vícios, e para a exploração de si mesmo. Ao ouvir todo esse desabafo, André percebe a semelhança entre eles. Como sempre se julgou solitário em sua jornada, compreendeu que os dois tinham muito mais em comum do que somente o lado esquerdo da mesa. Com o desabafo, Lula queria a aprovação do irmão para o seu êxodo. André entende esse alvoroço, essa ânsia em sacudir o mundo. Não esperava que viesse de alguém tão próximo, e, olhando para o irmão, via seu próprio reflexo: “Era uma água represada (que correnteza, quanto desassossego!) que jorrava daquela imaginação adolescente ansiosa por dissipar sua poesia e seu lirismo [...]”(NASSAR, 1989, p. 179).

O encontro de André e Lula estimula uma nova paixão. Frente à confissão do irmão, André não responde com palavras, aprovando ou desaprovando a ação, apenas acolhe o irmão em seus braços, contendo a energia do caçula e lhe proporcionando a primeira transgressão ao fugir de casa. Ao acariciar o irmão e ao masturba-lo, André assente suas ideias, sua fuga, percebendo que Lula e Ana possuíam a mesma essência, e tudo ficara expresso através do olhar:

[...] Levando Lula a interromper bruscamente seu relato, enquanto suas pernas de potro compensavam o silêncio, voltando a mexer desordenadas sob o lençol; subindo a mão alcancei com o dorso suas faces imberbes, as maçãs do rosto já estavam em febre; nos seus olhos, ousadia e dissimulação se misturavam, ora avançando, ora recuando, como nuns certos olhos antigos, seus olhos eram, sem a menor sombra de dúvida, os primitivos olhos de Ana! (NASSAR, 1989, p. 1790)

A energia liberada no envolvimento entre os irmãos pode ser explicada no encontro de almas, ao qual Aristófanes, no platônico *banquete*, exalta ao explicar aos companheiros de mesa que havia três espécies de sexos humanos: o feminino, o masculino e o andrógino. Quando os humanos resolveram enfrentar os deuses, foram castigados por Zeus com a separação dos sexos, e desse jeito foram condenados a procurar por suas partes, para voltarem a ser unos e perfeitos, e isso pode ocorrer entre feminino e masculino, ou entre pares iguais, do mesmo sexo, elucidando a profunda questão do que é o amor. E Aristófanes relata: “ É daí que se origina o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; e esse amor tende a

recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição.” (PLATÃO, 2004, P. 122).

O ato de André é na iniciação de Lula ao novo mundo, é seu presente de despedida e um conselho para a nova vida do irmão. No seu renascimento, precisava se despir da prática dos velhos conceitos e crenças, e insurgir-se, agora como homem. Misturando os traços de Ana e Lula, destaca-se que a tríplice esquerda então formada, André, Ana e Lula, unidos por outros laços além da consanguinidade.

Juntos pela subversão, pela desobediência às regras do pai, e ainda mais próximos de conseguir romper de vez com o disfarce da família unida, Lula representa o recomeço da transgressão, súbito o jovem vê as falhas na família e enfim decide por um fim fugindo de casa, como destaca Rodrigues (2006), “Lula é ainda de certo modo o André mais novo, o André que ainda não fugiu de casa [...] (RODRIGUES, 2006, p. 126). Com tal característica, André poderia incitá-lo a percorrer um caminho diferente do seu, escrevendo uma nova história que o levasse à verdadeira liberdade. Os limites impostos por André em relação às paixões são poucos. Primeiramente se entregou às prostitutas, depois se deitou com a irmã, erotizando a imagem da mãe e, por fim, trocou carícias com o irmão, certificando-se de não estabelecer divisas entre as experiências. May (1974) discute o Eros demoníaco, afirmando outra metamorfose do deus grego, mas fazendo alusão ao amor e demonstrando que as pessoas fogem ao que é demoníaco, por temer o pecado e isso acaba castrando o Eros.

Estar possuído pelo demônio é justamente transgredir a ordem vigente e transcender o espaço habitual, transformando as coisas à sua volta. A força demoníaca, quando equilibrada, é manifesta na criatividade, mas quando o excede o limite, acaba se transformando em agressividade. Na sociedade moderna, é comum exaltar a personalidade demoníaca. Contudo, quando ultrapassado os limites do que é considerado “normal”, ele é castrado, banido e marginalizado.

Durante toda a narrativa André se autointitula como endemoninhado. Sobressaltando suas ações promíscuas, da *Lavoura arcaica*, ele também se denomina com demônio no corpo quando transgride a ordem e a lei do pai, a semelhança do demônio cristão que transpõe as leis de Deus para incitar o homem ao pecado, como afirma May (1974):

Demoníaco é o impulso de todo o ser para afirmar-se, fazer-se valer, perpetuar-se e ampliar-se. O demoníaco torna-se mau quando usurpa o ser total, sem atentar para sua integração ou para os padrões e desejos de outrem e sua necessidade de integração. (MAY, 1974, p. 137).

A liberdade de André em manifestar seu amor e suas paixões de variadas formas ressalta um lado do Eros demoníaco, principalmente quando excede as barreiras morais. A necessidade de experimentar, de desconstruir e fragmentar é que o levam às aventuras. Porém, nunca satisfeito e sem encontrar um caminho pelo qual trilhar, parece estar sempre à deriva, por esse motivo, se atirando às experiências, à procura de sentido e complementação para sua identidade. Pois o demoníaco não é a consciência, o ego, ou o superego, e, sim, é a natureza e os instintos, como defende May (1974).

O pai tinha como lema proteger seus filhos da atuação do demônio. As barreiras físicas e psicológicas que ele construía serviriam para protegê-los dos instintos. Mas na brecha da fé e do fervor, o demônio se apossa de André e prolifera em Ana e Lula. Os demais se resguardam para não serem possuídos também.

CICLOS QUE SE FINDAM... E SE RENOVAM!

O romance *Lavoura arcaica* apresenta uma trama incessante, escrita de forma não linear. Raduan Nassar, nos conduz a uma fazenda que, de início parece comum a qualquer outra, mas com o desenrolar da trama, vamos mergulhando nas problemáticas existenciais dos moradores daquele pacato espaço rural. Um, dos elementos que chamam a atenção na obra é justamente a linguagem. Qual o gênero em que se enquadra o romance: Prosa ou Lírica? Os gêneros se fundem em uma linguagem única, traduzida por um estilo que desenquadra a obra em apenas um gênero ou estilo, o que seria limitar o seu universo de composição. Como destaca Rita Pimentel Teixeira (2002), no livro *Uma lavoura de insuspeitos frutos*,

Poderia, a priori, definir este estudo como a tentativa de constatar como se organiza essa espécie de construção que é o texto *Lavoura arcaica*, uma experiência da escrita, um universo que se pode resumir como a tematização de uma busca essencial (a da própria identidade de André) e se revela tematização de si mesma, como obra literária. (TEIXEIRA, 2002, p. 29).

O fôlego do romance parece interminável. Os capítulos são compostos sem parágrafos, em uma única tomada, delimitando o seu término apenas com o ponto final, que encerra um capítulo, pronto para iniciar o próximo, num fluxo narrativo avassalador e delirante. O tempo da obra também é uma incógnita, e esse talvez seja um dos mistérios mais implausíveis de desvendar, como descreve o próprio narrador:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento; sem medida que o conheça, o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente o tempo está em tudo. (NASSAR, 1989, p. 51-52).

Escrito em primeira pessoa, tendo narrador como personagem principal conduzindo o leitor pelo emaranhado labiríntico da obra. O labirinto não se reduz a um início preciso e nem a um ponto final. A sensação que a narrativa passa é que tudo está acontecendo em um ciclo interminável de acontecimentos. Na própria narração, André perambula por suas memórias, levando-nos a tempos distantes, ora nos transferindo para o presente do relato. Entre ações e divagações, o certo é que a riqueza da obra se exalta no ludismo na brincadeira com a

linguagem, na complexidade dos personagens e nos desfechos impactantes que têm o poder de arrebatá-lo o leitor.

Com a presente dissertação, buscamos refletir acerca das problemáticas sugeridas pela leitura do romance *Lavoura arcaica*. Não são respostas às diversas perguntas que a narrativa elenca e sim, análises e divagações que representam um pouco do que se instiga logo após sua leitura.

Vale salientar o longo percurso até chegar aqui. Começamos a pesquisar *Lavoura arcaica* ainda na graduação do curso de Letras Vernáculas. A obra nos foi apresentada nas aulas de Literatura, e nos sentimos de imediato instigados pela atmosfera filosófica expressa no livro. Não conseguindo nos desvencilhar do romance, prosseguimos na pesquisa pelos demais temas que o romance suscita e assim, chegamos a este Mestrado em Estudos Literários configurando nossa tentativa de responder às questões propostas nesta dissertação.

Lavoura arcaica tem muito mais a ser explorado. Nosso papel como pesquisador cumpre um ciclo nessa lavoura de emoções. A ele podemos voltar, povoando outros trabalhos acadêmicos, pois a sedução desencadeada por Nassar transcende tempo, espaço e produção.

Durante o processo de análise da obra, foi necessário ampliar os estudos sobre o incesto e seus enigmas, tentando entender o impacto que o tabu implica na constituição da família. É notório que o incesto desencadeia a tragédia final da família, mas antes disso, ele fissurou as tramas e os traumas de uma família que se julgava como unida. André, o grande protagonista, conduziu todos os processos de dissolução dos laços familiares em prol da realização do desejo de possuir sua irmã Ana. Tentando sobrepujar a ordem vigente e as leis decretadas pelo pai, ele incendeia a narrativa com sua visão descentralizada do grupo familiar e com o embate acirrado contra o patriarca.

Tentando diagnosticar um complexo de Édipo em André, desvelamos uma erotização na relação com a mãe, e a possibilidade de esse desejo estar deslocado para a irmã Ana, já que, pela divisão familiar, Ana pertencia às ramificações do galho materno e, nessa convergência de emoções, segundo Carol Sonenreich e Willian Bassitt (1980), o menino que deseja a mãe sonha com a morte do pai, e isso se cristaliza nas vontades de André. Pode-se pensar na morte física do pai, contudo, a grande conquista de André será a desmoralização do patriarca, colocando-se frente aos conceitos paternos e apontar-lhes os erros, deixando-o entender que o grande culpado pelo destino trágico da família seria ele mesmo, o pai. Dessa forma, André se eximiria da culpa, transferindo-a ao pai.

No entanto, a postura de André se situa além do complexo, pois ele o desconstrói de várias maneiras. E como defende Deleuze & Guatari (2010), o Édipo teria sido uma

concepção limitada das observações de Freud reservada a indivíduos de classe e épocas distintas. Com a evolução social, torna-se-ia preciso ampliar a visão freudiana, de sorte a perceber as diferentes especificidades que o ser humano apresenta. Dessa forma, nem todas as posturas edípicas podem ser definidas como complexo de Édipo. Contudo, não podemos deixar de expressar que a figura mítica do Édipo se imortalizou, embora não seja utilizado como realidade plena, conquanto saibamos que ele traça, em um jogo simbólico, sinopses do real, assim como afirma Sonenreich & Bassitt (1980): “ele pode, como outros símbolos, gerar seu próprio mundo significativo. Ele não é uma imitação da realidade, mas um órgão dessa realidade, que nos permite captar intelectualmente, ver, certas realidades.” (SONENREICH & BASSITT, 1980, p. 102).

As ações de André oscilam entre Édipo e os seus contrários. A consumação do incesto, momento máximo da aspiração de André, é o estopim para a degradação da ordem da família, mas também o começo de uma nova ordem instaurada por ele. E com a precipitação de sua fuga todos conseguirão perceber a ruína em que a família se encontra. A ausência de André demonstra que há muito tempo as coisas não estavam bem, menos para o pai que, com seu discurso abonador, tentava maquiagem a situação.

A família vivia em um ambiente pacato, sendo conduzida primeiramente pelo avô, responsável pelas tradições que trouxe do Líbano. Ao morrer, a chefia da casa é dada a Iohaná, que tenta manter o controle seguindo o exemplo do seu pai, com a hierarquia e as regras, mas não consegue manter a mesma estrutura, André logo diagnostica o olhar deturpado do pai ao liderar a família: “[...] o avô, ao contrário dos discernimentos promíscuos do pai, que apareciam enxertos de várias geografias, respondia sempre com um arrote toco que valia por todas as ciências, por todas as igrejas e por todos os sermões do pai: “Maktub”. (NASSAR, 1989, p. 89).

O tradicionalismo que impera na família, aos poucos vai dando espaço para a modernidade, principalmente com a fuga de André. A fuga marca a quebra das barreiras impostas pelo pai, à prisão por ele erigida, que parecia não ter saída. Enfim apareceria uma fenda na estrutura rígida, provocando uma abertura que, além de física também era ideológica. A transgressão do espaço se torna a esperança do filho caçula, Lula, em encontrar a liberdade longe da fazenda.

Além da fuga de André, observamos que a família se divide em dois troncos centrais, tendo como as figuras principais o pai, a mãe e os filhos, divididos da seguinte forma: “ Eram esses nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika e Huda; a

sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana e Lula, o caçula.” (NASSAR, 1989, p. 154). Inferimos, a partir dessa constituição, que o lado direito - simbolizado pelo pai - representava a tradição, e o lado da esquerda, o da mãe, simbolizava a modernidade da família.

Apesar de todos os problemas assim configurados, não podemos dizer que não havia amor nas relações. Em primeiro lugar, o amor da mãe é apontado como início dos “afetos deturpados”, e o começo da “perdição do lar”. Apesar de pensar no bem-estar dos filhos, de tentar criar outra atmosfera na casa, longe da austeridade do pai, a mãe também seria julgada pela ruína da família. Se, por um lado, o pai fecharia as barreiras das paixões, por outro, a mãe as deixaria escapar. Entre os filhos, Pedro carregava consigo o fardo da continuidade da tradição paterna, mantendo-se em sua sina resguardada, seguindo à risca os ensinamentos do pai. Em alguns momentos do diálogo entre ele e André, ficamos nos questionando a quem pertence a fala, se a Pedro ou ao pai, devido à similaridade dos discursos. O seu amor pela família coloca Pedro na posição de herói, porque desbrava o mundo fora da fazenda para trazer de volta o filho pródigo, que fugira justamente na tentativa (ainda que falha) de restabelecer a união da família.

Outro filho que ganha destaque é Lula, o caçula. Enquanto Pedro segue os passos do pai, ele será o seguidor fervoroso de André, principalmente na ideia de abandonar a fazenda em busca da sonhada liberdade. O prêmio para sua inclinação transgressora, as carícias do irmão, revelando-lhe as possibilidades que o mundo poderia lhe conceder, também servirão como aviso para deixar a ingenuidade dentro dos portões da fazenda.

Já Ana se isola em meio à dicotomia bem x mal, pecado x virtude. É quem mais sente o impacto do incesto, entregando-se como saída inicial, às orações. Percebendo que as orações não teriam sido ouvidas, Ana parte para a entrega total ao seu instinto transgressor. Será punida com a morte pelas mãos do próprio pai. O fim trágico já seria esperado, pois, na maioria das obras literárias em que o incesto é abordado, o desfecho sempre toma esse rumo, de forma a chamar a atenção para a gravidade do interdito. Porém, podemos questionar sobre os porquês de Ana receber o golpe fatal? Por que a mulher sempre carrega o peso do pecado, já que ambos praticaram? Esses questionamentos abrem espaço para o silenciamento feminino praticado na obra.

As mulheres pouco interagem verbalmente no romance de Nassar. A palavra é dada ao pai, soberano. No regime patriarcal, as mulheres têm espaço reduzido nas decisões, e geralmente estão ali mais para desempenharem funções a elas tradicionalmente direcionadas, sendo-lhes categorizadas como “femininas”, como destaca Pedro na conversa com André: “o pensamento ocupado com nossas irmãs em casa, perdidas entre os afazeres na cozinha e os

bordados na varanda, na máquina de costura ou pondo ordem na despensa.” (NASSAR, 1989, p. 23). Isso não exclui o poder que as mulheres possuem na narrativa, pois a mãe será o começo de todo o conflito, enquanto Ana será o fim.

Todo esse fascínio produzido por *Lavoura arcaica* coincide com a postura adotada por seu autor, Raduan Nassar, e a crise literária que o envolve. A personalidade autoral se entrelaça com a de seus personagens, entre revoltas e cólera. A forma brusca como abandona a Literatura e a sua visão sobre a mesma despertam estupefação e intolerância. Estupefação porque muito haveria a esperar de seus escritos e intolerância pela forma corajosa em abandonar uma carreira promissora e viver de acordo com seus próprios conceitos. A palavra que define Nassar será a mesma que define o seu protagonista: LIBERDADE. A busca da liberdade impulsiona a quebra de padrões e o desejo de viver estará de acordo com a vontade individual. Mesmo que para isso seja necessário criar conflito, “dançar” e conviver pacientemente com os problemas.

Não há resposta precisa para as questões do romance, assim como não há para outros problemas apresentados. Podemos apenas questionar se o narrador é verossímil ou não no seu levantamento dos fatos. Como soberano do discurso narrativo, só conhecemos a história contada por André, pois os demais personagens são apenas atores no teatro montado por ele. Seria preciso estabelecer parâmetros para se entender “as verdades” que circulam na narrativa, mas, por ora, ficaremos com as memórias do discurso do personagem que, consciente ou inconscientemente, destruiu a própria família.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Trad. Vários tradutores. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés/Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 13. Ed. Trad. Daniel Sant'Anna. Petrópolis: Vozes, 1999.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: RADUAN NASSAR. São Paulo: Instituto Moreira Salles, v. 02, 1996 [semestral].

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Colaboração BARBAULT, Andre. Trad Vera da Costa e Silva [et al]. 24 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria e o senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1977.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. 6 ed. São Paulo: Arcadia Editorial, 1996.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Trad. Leandro Konder. 3. Ed. São Paulo: Global, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed São Paulo, SP: Loyola, c1999.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id e outros trabalhos**. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, volume XIX. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O mal estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classic - Companhia das Letras, 2011.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Trad. Milton Amado. 5.ed Belo Horizonte: Itatiaia, 1960. (Col. Perspectivas do mundo).

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Trad. Plínio Dentzien. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOES, Joaci. **Anatomia do ódio: na família, no trabalho, na sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Topbooks, 2004.

HILST, Hilda. **Cartas de um sedutor**. São Paulo: Global, 2002.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. Trad. Leda Tenório da Mota. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LACAN, Jacques. **A família**: pelas bandas da psicanálise. Trad. Brigitte Cardoso e Cunha, Ana Paula dos Santos e Graça Lamas Graça Lapa. Lisboa: Assírio & Alvim, 1981.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. 4 ed. Campinas/SP: Editora Unicamp, 1996.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Estruturas elementares do parentesco**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LEXICON, Herder. **Dicionário de símbolos**. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

MANTEGAZZA, Paulo. **O amor**: paralipomenos. Lisboa, Portugal: Emp. Lit. Fluminense, 1917.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. Álvaro Cabral. 3. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MAY, Rollo. **Eros e repressão**: amor e vontade. Trad. Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1973.

MAZEL, Jacques. **As metamorfoses de Eros**: o amor na Grécia antiga. Trad: Mônica Stahel da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MORIN, Jack. **A mente erótica**: descobrindo as fontes internas da paixão e satisfação sexuais. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NASSAR, Raduan. **Um copo de cólera**. 5 ed. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **A visão dionisíaca do mundo, e outros textos de juventude**. Trad. Marcos Sinézio, Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. Campinas, Ed. da Unicamp, 2007.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates e Banquete**. Texto Integral. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2005.

QUEIROZ, Eça de. **Os Maias**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. 589 p

RAZON, Laure. **Enigma do incesto: da fantasia à realidade**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

RODRIGUES, André Luís. **Ritos da paixão em *Lavoura arcaica***. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (USP), 2006.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. Trad. Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SONENREICH, Carol & BASSITT, William. **Sexualidade e repressão sexual**. São Paulo: Editora Manole, 1980.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte; Metafísica do amor; Do sofrimento do mundo**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo, SP: Martin Claret, 2001 127 p (Coleção A obra-prima de cada autor).

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Fonte Digital. E-book's Brasil: São Paulo. 2005.

SOUZA, Jaqueline. **Discurso e subjetividade em *Lavoura arcaica***. Dissertação de mestrado-Universidade Estadual de Montes Claros/MG. Defendida em julho de 2012. Acesso em 20 de maio de 2015, às 23h 33min.

TEIXEIRA, Rita Pimentel. **Uma lavoura de insuspeitos frutos**. São Paulo: Annablume, 2002.

THOMPSON, Oliver. **A assustadora história da maldade**. Trad. Mauro Silva. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2002.

VILAS BÔAS, João Paulo. **Nietzsche e Kafka: um diálogo filosófico-literário sobre o *niilismo***. In: anais do X Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia da USP, 2007, São Paulo-SP. Imprensa Universitária da USP, 2007. v. único. p. 48-58. Acesso em 24 de maio de 2015, às 03hs